

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

**LUGAR E NÃO-LUGAR EM RONDONÓPOLIS - MT: UM ESTUDO DE
COGNIÇÃO AMBIENTAL**

José Adolfo Iriam Sturza

Orientadora: Prof^ª Dra. Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista - Campus de Rio Claro - Área de Concentração em Organização do Espaço, para obtenção do Título de Doutor em Geografia.

**Rio Claro -SP
2005**

910h Sturza, José Adolfo Iriam
S936L Lugar e não-lugar em Rondonópolis - MT: um estudo de
cognição ambiental / José Adolfo Iriam Sturza. – Rio Claro :
[s.n.], 2005
163 f. figs., tabs., grafs., fots., mapas

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Institu-
to de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado

1. Geografia Humana. 2. Cerrado. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ ADOLFO IRIAM STURZA

LUGAR E NÃO-LUGAR EM RONDONÓPOLIS - MT: UM ESTUDO DE COGNIÇÃO AMBIENTAL

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Geografia, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Marion C. Philadelpho. Machado
IGCE/UNESP/Rio Claro - SP

Prof. Dr. Ângelo Martins de Souza Junior
IGCE/UNESP/Rio Claro - SP

Prof. Dr. Pompeu Figueiredo de Carvalho
IGCE/UNESP/Rio Claro - SP

Prof. Dr. Manoel Rodrigues Chaves
Universidade Federal de Goiás/Catalão - GO

Prof. Dr. Idelvone Mendes Ferreira
Universidade Federal de Goiás/Catalão - GO

Rio Claro, 31 de Outubro de 2005.

Aos meus pais ***Leopoldo*** e ***Guilhermina***, verdadeiros doutores na educação para a vida dos nove filhos, *Terezinha de Fátima*, *José Adolfo*, *Antonio Cláudio*, *Vera Lúcia*, *Claudioni*, *Olga Beatriz*, *Leida*, *Verenize Aparecida* e *Clóvis*; à minha filha *Catarine*, que continuará os sonhos de seus pais e avós e, com muito amor, à *Maristela*, minha companheira de todos os lugares e fiel incentivadora neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o incentivo e a colaboração de muitas pessoas que me auxiliaram até o final do presente estudo, contribuindo para minha vida profissional e, especialmente, pessoal e social. Antes e acima de tudo, ao Deus Criador e Pai, que trilhou meus passos e capacita sempre os seus escolhidos.

Em princípio, todo trabalho necessita de uma visão especializada e eficaz na orientação, por isto agradeço à Professora Doutora Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, que com carinho, sabedoria, atenção e ímpar disponibilidade orientou-me na pesquisa. Estendo o agradecimento aos professores e funcionários da Pós-Graduação do IGCE – UNESP, de Rio Claro.

Aos colegas professores do Departamento de Geografia do Campus Universitário de Rondonópolis, agradeço o apoio e as discussões no decorrer do trabalho e, de forma especial, aos professores e alunos do Laboratório de Geoprocessamento e de Climatologia (DEGEO/ICHS/CUR – UFMT), pela ajuda na confecção do mapa e nos dados climatológicos.

Agradeço, ainda, aos funcionários da Biblioteca da Unesp – Campus de Santana e da Biblioteca Central do Campus Universitário de Rondonópolis pela atenção e colaboração na fase da pesquisa bibliográfica.

O meu reconhecimento à CAPES/PICDT e aos funcionários da PROPEP/UFMT, pela bolsa de pesquisa concedida, dentro dos poucos recursos repassados à UFMT e à educação deste país, de um modo geral.

À Profa. Maria Margarida Corrêa Leite o meu agradecimento e reconhecimento pelo competente trabalho de revisão empenhado nesse estudo.

Finalmente, agradeço aos meus familiares e a todos que estiveram tão próximos no apoio e incentivo, em especial, aos amigos do Curato São Domingos Sávio, localizado no Jardim Atlântico e da Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras que não cabe analisar aqui; comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese.

[...] Como nosso modo de conhecimento desune os objetos entre si, precisamos conceber o que os une. Como ele isola objetos de seu contexto natural do qual fazem parte, é uma necessidade cognitiva inserir um conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto.

Edgar Morin (2004, p. 24)

RESUMO

Esta pesquisa compreende um estudo da cidade de Rondonópolis - Mato Grosso, sob o enfoque da cognição do ambiente, na busca de investigar a percepção da paisagem e a identidade do lugar. Na investigação, procura-se chegar ao conhecimento da identidade do lugar, alicerçado na análise das percepções, atitudes e valores encontrados na relação dos moradores de Rondonópolis com o ambiente. Procura-se verificar a influência das mudanças no espaço produtivo do Município, dos últimos trinta anos, na construção da identidade do lugar, especialmente no que tange à destruição da paisagem do Cerrado como fator contribuinte para o solapamento do lugar. A pesquisa tem como foco teórico conceitos geográficos importantes da percepção e cognição ambiental, fundamentalmente lugar, não-lugar, paisagem, topofilia, topofobia e topocídio. A área de pesquisa é apresentada sob a caracterização das paisagens natural, construída e cultural, que vão explicar e dar suporte à construção ou desconstrução do lugar. A metodologia usada foi construída no sentido de comportar e apresentar os diferentes olhares e vozes do espaço vivido, como resultado das interações e vínculos afetivos e cognitivos dos moradores com o ambiente. É um estudo qualitativo das informações apresentadas em um questionário estruturado com questões abertas, aplicado ao acaso para oitenta moradores da cidade de Rondonópolis. Os resultados são apresentados e discutidos sob a luz dos conceitos seguidos e reconstruídos sob o prisma da percepção e cognição dos sujeitos. As diferentes categorias de análise, tanto para o estudo do lugar/não-lugar como do topocídio do Cerrado, são apresentadas de acordo com as informações coletadas e, no final, sintetizadas para convergir em direção aos objetivos do trabalho. Em síntese, procura-se a compreensão do espaço vivido e sua relação com a identidade do lugar e das influências do desaparecimento do Cerrado nos vínculos afetivos e na vida das pessoas.

Palavras - chave: Cognição Ambiental. Lugar. Não-Lugar. Cerrado. Topocídio. Topofilia. Topofobia.

ABSTRACT

This research comprehends a study of the city of Rondonópolis in Mato Grosso state under the environment cognition tackle, in the search of investigation about the perception of the landscape and the place identity. In the investigation, it is aimed to come to the understanding of the identity of the place, based on the perception analysis, behavior and values found in the relation between the citizens of Rondonópolis and the environment. It is aimed also to know the influence of changing of productive room of the county, over the last thirty years, on the making of the identity of the place, especially on Cerrado landscape destruction matters. The research has as theorist focus relevant geographical concepts on the environmental perception and cognition, especially place, placelessness, landscape, topophilia, topophobia and topocidy. The researched area is presented under the characterization of natural, made and cultural landscapes, which will explain and support the making and unmaking of the place. The methodology used was made on the sense of comprising and presenting the different looks and voices of the living place, as result of the interactions and affective and cognitive bonds between the inhabitants and the environment. The results are presented and discussed under the light of the followed and remade concepts under the prism of the subjects`perception and cognition. The different categories of analysis, as much to the study of the place/placelessness as of the topocidy of Cerrado, are presented according to the informations collected and, at the end, summarized to converge towards the research goals. In synthesis, it is intended the comprehension of the living space and its relation to the identity of the place and of the influences of the vanishing of Cerrado on the affective bonds and on people`s lives.

Key-words: Environmental Cognition. Place. Placelessness. Cerrado. Topocidy. Topophilia. Tophofobia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
------------------	----

CAPÍTULO 1

LUGAR E NÃO-LUGAR: CATEGORIAS GEOGRÁFICAS DO DESCOMPASSO ENTRE A PAISAGEM PRODUZIDA E A PAISAGEM VIVIDA

1.1 O lugar e suas escalas clássicas	22
1.2 Topofilia, topofobia e topocídio	35
1.3 Não-lugar e suas expressões	39

CAPÍTULO 2

PAISAGEM GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS MT

2.1 O Bioma Cerrado e as paisagens naturais	44
2.1.1 Caracterização climática: do regional ao local	50
2.1.2 Elementos geológicos e geomorfológicos	51
2.1.3 Solos e vegetação natural	53
2.1.4 Paisagens naturais de Rondonópolis	57
2.2 Ocupação e povoamento do município de Rondonópolis: a paisagem construída... 60	
2.2.1 Economia	68
2.2.1.1 <i>Agropecuária</i>	74
2.2.1.2 <i>Indústria e comércio</i>	78
2.3 Patrimônio material e imaterial: a paisagem cultural..... 80	
2.3.1 Aspectos culturais	80
2.3.2 Festas populares e exposições a serviço do capital	82

CAPÍTULO 3

RONDONÓPOLIS: LUGAR OU NÃO-LUGAR?

3.1 A realização da pesquisa	85
3.1.1 Propósito e objetivos	85
3.1.2 Fundamentação teórico- metodológica	86
3.2 Procedimentos da pesquisa	87
3.2.1 Caracterização dos sujeitos	88
3.2.2 Instrumento de medida	92
3.2.3 Coleta de dados	94
3.3 Resultados e discussões	94
3.3.1 Lugar/ Não-lugar	94

3.3.1.1 <i>Identidade</i>	94
3.3.1.2 <i>Significado</i>	96
3.3.1.3 <i>Valor afetivo</i>	98
3.3.1.4 <i>Satisfação com o lugar</i>	102
3.3.1.4.1 <i>Rua</i>	108
3.3.1.4.2 <i>Bairro</i>	110
3.3.1.4.3 <i>Cidade</i>	112
3.3.1.5 <i>Valor cultural</i>	115
3.3.1.6 <i>Imagem</i>	120
3.3.1.7 <i>Símbolo</i>	124
3.3.2 O Bioma Cerrado	129
3.3.2.1 <i>Identidade</i>	129
3.3.2.2 <i>Símbolo</i>	131
3.3.2.3 <i>Imagem antiga e atual</i>	134
3.3.2.4 <i>Memória</i>	136
3.3.2.5 <i>Responsabilidade</i>	137
3.3.2.6 <i>Topocídio</i>	140
CONCLUSÃO	151
REFERÊNCIAS	153
ANEXO - INSTRUMENTO DE MEDIDA	162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Temperatura média mensal e anual na Estação Meteorológica Mestre Jorge Bomblede – UFMT – Rondonópolis – MT – período: 2000/2004	51
Tabela 2 - Precipitação média mensal e total anual na Estação Meteorológica Mestre Jorge Bomblede – UFMT – Rondonópolis – MT – período: 2000/2004.....	51
Tabela 3 - Estrutura fundiária de Rondonópolis – MT no período 1960 a 1995.	70
Tabela 4 - Estrutura fundiária de Rondonópolis – 2003	71
Tabela 5 - Evolução do uso do solo (ha) no município de Rondonópolis - MT.Período: 1960-1995/96.....	73
Tabela 6 - Área e produção dos quatro principais produtos agrícolas de Rondonópolis. Período 1980/2005.....	75
Tabela 7 - Principais criações exploradas no município de Rondonópolis - MT. Período 1990 a 2005.....	77
Tabela 8 - Indicadores de renda, pobreza e desigualdade entre 1991 e 2000 Rondonópolis – MT.....	79
Tabela 9 - Porcentagem da renda apropriada por extratos da população entre 1991 e 2000 – Rondonópolis – MT.....	79
Tabela 10 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por sexo e idade	88
Tabela 11 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por escolaridade – 2005.	89
Tabela 12 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por tempo de residência	89
Tabela 13 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por tipo de moradia	90
Tabela 14 - Rondonópolis: Distribuição dos sujeitos por lugar de origem	91
Tabela 15 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por ocupação	92
Tabela 16 - Rondonópolis: a identidade do lugar	95
Tabela 17 - Significado de Rondonópolis	97
Tabela 18 - Valor afetivo: qualidades positivas de Rondonópolis	99
Tabela 19 - Valor afetivo: qualidades negativas de Rondonópolis..	100
Tabela 20 - Satisfação com o lugar: lugar preferido em Rondonópolis	102
Tabela 21 - Satisfação com o lugar: lugar mais freqüentado em Rondonópolis – 2005.....	106
Tabela 22 - Satisfação com o lugar: a rua	108
Tabela 23 - Satisfação com o lugar: bairro onde mora	111
Tabela 24 - Satisfação com o lugar: Rondonópolis	113
Tabela 25 - Valores culturais: festas populares de Rondonópolis – 2005	116
Tabela 26 - Valores culturais: participação em festas populares	118
Tabela 27 - Valores culturais: importância e permanência das festas populares	119
Tabela 28 - Imagem de Rondonópolis: cognome (apelido) de Rondonópolis	121
Tabela 29 - Rondonópolis: representatividade do título “Capital do Agronegócio”.	123
Tabela 30 - Símbolo de Rondonópolis	125
Tabela 31 - Identidade do Cerrado	130
Tabela 32 - Símbolo do Cerrado.	132
Tabela 33 - Animais e vegetais mais escolhidos como símbolo do Cerrado.....	133
Tabela 34 - Imagem antiga e atual do Cerrado	134
Tabela 35 - Imagem/memória do Cerrado	136
Tabela 36 - Responsabilidade com o Cerrado	138
Tabela 37 - Cuidados com o Cerrado	139
Tabela 38 - Utilização econômica do Cerrado	141
Tabela 39 - Substituição do Cerrado pela soja	143
Tabela 40 - Soja x Cerrado: importância para Rondonópolis	145
Tabela 41 - Soja x Cerrado: importância para o indivíduo ou sujeitos	147

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - As dimensões do envolvimento entre mente e ambiente	23
Figura 2 - Natureza, relações sociais e significado	27
Figura 3 - Localização da área original do Bioma Cerrado e demais Biomas brasileiros...	45
Figura 4 - Feições geomorfológicas do Cerrado no baixo ribeirão Ponte de Pedra - Rondonópolis - MT.....	46
Figura 5 - Localização do município de Rondonópolis – MT	49
Figura 6 - Solos do município de Rondonópolis - MT	54
Figura 7 - Mapa da área urbana de Rondonópolis - MT	66
Figura 8 - Uso do solo em Rondonópolis – 1967 e 1997	72
Figura 9 - <i>Shopping Center</i> de Rondonópolis – MT: centro de comércio e local de lazer preferido pelos moradores. Rondonópolis - MT.....	105
Figura 10 Praça Brasil, no centro da cidade, um dos lugares preferidos pelos rondonopolitanos. Rondonópolis - MT.....	105
Figura 11 - Antigo Cais: local do início do povoamento em Rondonópolis – MT.....	105
Figura 12 - Casario (antigo Cais) que funciona hoje como grande <i>shopping</i> popular e praça de esportes e lazer - Rondonópolis – MT.....	105
Figura 13 - A Exposul é um dos maiores eventos do agronegócio da Região Centro Oeste, realizada em jun./jul. no Parque de Exposições Gilmar Peres de Farias (foto). Rondonópolis – MT.....	117
Figura 14 - Carnaval Popular na Avenida Lions Internacional: um evento da Prefeitura Municipal que atrai grande público. Rondonópolis – MT.....	117
Figura 15 - Lavoura de algodão: uma das melhores fibras do produto está no município. Rondonópolis – MT.....	122
Figura 16 - Lavoura de soja produzida por empresa agrícola. Rondonópolis – MT.....	122
Figura 17 - Rio Vermelho: um dos símbolos do lugar que corta a cidade. Foi ponto importante para fixação da população inicial e deu nome ao primeiro povoado. Rondonópolis – MT.....	125

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE GRÁFICOS		
Gráfico 1	- População residente em Mato Grosso segundo o lugar de origem – 1999.....	68
Gráfico 2	- Evolução das lavouras permanentes e temporárias no município de Rondonópolis – MT. Período: 1960 a 1995/96.....	74
Gráfico 3	- Evolução das pastagens naturais e plantadas no município de Rondonópolis. Período:1960 a 1995/1996.....	76
Gráfico 4	- Preferência da casa como lugar em Rondonópolis – MT – 2005.....	104
Gráfico 5	- Lugares mais preferidos e mais frequentados em Rondonópolis – MT.....	107
Gráfico 6	- Elementos topofílicos da rua em Rondonópolis – MT – 2005.....	109
Gráfico 7	- Elementos topofóbicos da rua em Rondonópolis – MT – 2005.....	109
Gráfico 8	- Elementos topofílicos do bairro em Rondonópolis – MT – 2005.....	111
Gráfico 9	- Elementos topofóbicos do bairro em Rondonópolis – MT – 2005.....	112
Gráfico 10	- Cidade escolhida pelos sujeitos moradores de Rondonópolis – MT – 2005...	114
Gráfico 11	- Topofilia e topofobia nas diferentes categorias de lugar em Rondonópolis – 2005.....	115
Gráfico 12	- Imagem antiga e atual do Cerrado.....	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Geologia do município de Rondonópolis – Mato Grosso	52
Quadro 2	- Principais tipos de solos do município de Rondonópolis – MT.....	55
Quadro 3	- Principais paisagens do município de Rondonópolis – MT.....	58
Quadro 4	- Evolução da população total de Rondonópolis, região Centro-Oeste, Mato Grosso e Brasil – período 1872 a 2000.....	62
Quadro 5	- Transformações históricas e sócio-ambientais da paisagem de Rondonópolis - MT (séc. XVIII aos dias atuais).....	64
Quadro 6	- Lugar e não-lugar segundo as categorias de análise	127
Quadro 7	- Contribuição dos cerrados à produção de soja no Brasil – 1970 a 2003.....	144
Quadro 8	- Escala valorativa do topocídio do Cerrado em Rondonópolis – MT.....	148

LISTA DE SIGLAS

ACIR – Associação Comercial e Industrial de Rondonópolis
A.P. – Antes do presente.
CPAC – Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado
CUR – Campus Universitário de Rondonópolis
EEMOP – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Otávio Pitaluga
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
EMPAER – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural
EXPOSUL – Exposição Agropecuária e Industrial da Região Sul de Mato Grosso
FAMATO – Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso
FEMA – Fundação Estadual do Meio Ambiente
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais
IMEA – Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola
ONG – Organização Não-Governamental
PIB – Produto Interno Bruto
POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento do Cerrado
PRODOESTE - Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste
SUDECO – Superintendência de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste
UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
UNIR – União das Escolas Superiores de Rondonópolis
WWF – Fundo Mundial para a Natureza

INTRODUÇÃO

Eis que chega a globalização numa avalanche de modismos econômicos, sociais e culturais, atropelando **individualidades, lugares, regiões** e o seu próprio genitor – o homem. Percebe-se que a internacionalização do capital e do poderio econômico massificou a espécie humana escravizando seus pensamentos e ações, hoje subjugados ao sistema produtivo econômico. Prova disto é que João não conhece Maria, que não conhece Paulo que não conhece a si mesmo. Quando o homem perde sua identidade ele perde o rumo e, junto a isto, submerge na ignorância de suas necessidades, potencialidades e limitações. Ele já não consegue viver mais em comunidade, na qual poderia encontrar-se na interface das relações sociais do seu grupo. A crise atravessada pela humanidade neste século XXI não é crise política, econômica ou ambiental, mas é a crise do *Homo sapiens sapiens*.. É a **espécie humana que já consome 30% da energia e da matéria produzida** no planeta em total desprezo ao fato de que é apenas uma das 1,7 milhões de espécies conhecidas ou uma das 30 milhões existentes.

A perda de identidade associa-se à perda do lugar, esse estreito espaço de afetividades entre pessoas e natureza. O lugar resumiu-se à nossa casa, em relação à qual nem sabemos cuidar, tratar do lixo, trocar afeto e dialogar com os familiares. Também é apenas o local onde instalamos nossa empresa para “sugar” os recursos naturais e dizimar milhares de espécies, **uma espécie a cada vinte minutos no mundo**. Visto sob este ângulo, o homem contribui para a extinção da sua própria espécie destruindo *hábitats* juntamente com tantas outras espécies.. Hoje o homem procura e exige um lugar ao sol dentro deste espaço produzido e reproduzido pelo capital que ele mesmo criou, para satisfazer suas crescentes e infundáveis necessidades terrenas.

Na apresentação dos resultados dos estudos acerca dessas questões, em que consiste esta tese de doutoramento é importante ressaltarmos, inicialmente, nossas inquietações anteriores à pesquisa, que consubstanciaram o conhecimento produzido e enriqueceram a história e a realização deste trabalho.

Nosso primeiro contato com Rondonópolis, ainda em 1991, surpreendeu-nos pela homogeneidade das paisagens agrícolas recobrando extensos chapadões ao lado de reduzidas áreas de Cerrado. O espaço, ainda desconhecido, aguçou-nos o interesse por um estudo monográfico do uso da terra na porção sul do município de Rondonópolis - MT (STURZA, 1993). Entretanto, o espaço tornou-se, aos poucos, mais familiar nos trabalhos de campo com alunos da UFMT, no Curso de Geografia do Campus Universitário de

Rondonópolis, local de nosso trabalho docente desde 1991. A paisagem surge, então, como um conceito desafiante.

Em 1995 ingressamos no Programa de Mestrado em Geografia da UNESP, Campus de Presidente Prudente, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a paisagem enquanto conceito e categoria de análise geográfica. Elaboramos nossa dissertação tendo como área de estudo a bacia hidrográfica do ribeirão Ponte de Pedra, localizada nos municípios de Rondonópolis e Itiquira. Ao identificarmos e classificarmos as principais paisagens da bacia, percebemos que estas representavam o resultado da interação entre o ambiente físico e a ação humana.

Mas quais seriam as percepções e intenções em relação ao meio ambiente pelo homem? Qual é a percepção, o pensamento e a experiência do homem com relação ao ambiente que fundamenta as marcas visíveis de sua ação na paisagem? Rondonópolis já pode ser vivido como um **lugar**, com apenas cinquenta anos de existência, construído no afã da expansão da fronteira agrícola? As mudanças ocorridas nos últimos 30 anos conseguiram solapar a sentido de lugar em Rondonópolis?

Com estas novas indagações ingressamos, em 2002, no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, Campus de Rio Claro. Iniciava-se a realização de um sonho antigo, ainda da Graduação em Geografia, na Universidade Federal de Santa Maria (1978-1982), quando esse Curso fora elogiado por nossos mestres da época, egressos do Mestrado em tal Programa.

No aprofundamento da pesquisa bibliográfica, percebemos a íntima ligação entre espaço, paisagem e lugar, explorada nas idéias de Tuan, Relph e Machado, que substanciam nosso quadro teórico-metodológico. Os conceitos e a metodologia propostos nos trabalhos destes autores vão embasar e possibilitar o estudo da identidade do lugar em Rondonópolis. Munidos de um questionário construído segundo as proposições de Machado (1988) ousamos questionar nossos sujeitos, moradores de Rondonópolis, para averiguação da existência ou não do **lugar** e dos vínculos afetivos, além do conhecimento sobre o Cerrado. Este último foi incluído por entendermos que as suas paisagens naturais são o suporte para a criação do **lugar** e **não-lugar** que, a seu turno, estão relacionados à topofilia e topofobia. Também pretendemos verificar a existência ou não de um **topocídio** (Porteos, 1988) no Cerrado, Bioma tão dilapidado pela expansão da agricultura e urbanização.

O propósito do trabalho é o de investigar a percepção da paisagem e a identidade do lugar em Rondonópolis - MT, a partir do conhecimento do espaço vivido de seus moradores. É importante conhecer a percepção do lugar, fruto da relação afetiva entre

homem e ambiente, num espaço multicultural em suas características sociais e espaço produzido e reproduzido pela economia capitalista, em área de fronteira agrícola, que repercute na compressão do espaço vivido.

O **primeiro capítulo** aborda o estudo do lugar e do não-lugar, surgidos no descompasso existente entre a paisagem produzida e a paisagem vivida, pilares do suporte teórico e conceitual elaborado para a pesquisa. Nesta parte são focalizados ainda os conceitos topofilia, topofobia e topocídio, alinhados com sua literatura pertinente.

No **segundo capítulo** é apresentado o município de Rondonópolis na constituição da paisagem geográfica enquanto resultado da paisagem natural, ligada ao Bioma do Cerrado; da paisagem construída, a partir da ocupação, povoamento e economia do município; e da paisagem cultural, representada pelas manifestações culturais. O capítulo contém as informações relevantes na caracterização do município de Rondonópolis, que abrange a área de estudo – a cidade de Rondonópolis – para o conhecimento geográfico indispensável à discussão dos resultados e consecução dos objetivos.

O **terceiro e último capítulo** contém, inicialmente, o propósito e os objetivos do estudo, os fundamentos teórico-metodológicos aplicados e a estratégia metodológica traçada para a realização da pesquisa. Integra e finaliza o capítulo a apresentação e discussão dos resultados referentes ao estudo da percepção da paisagem e a da identidade do lugar em Rondonópolis, dispostas em duas partes. A primeira parte corresponde à discussão do **lugar e não-lugar** segundo as categorias de análise implícitas no questionário, questionadas e interpretadas junto às informações dos sujeitos. A segunda parte aborda o Cerrado, enquanto percepção e conhecimento dos sujeitos e por meio dos vínculos afetivos atuais e passados, que determinam a presença e valorização atual do Cerrado e suas paisagens na vida das pessoas. No decurso deste capítulo, **lugar, não-lugar e topocídio** são analisados como estágios diferentes dos vínculos afetivos entre pessoa e paisagem. Desta forma, as informações acerca da percepção do Cerrado complementam a identidade do lugar ou não-lugar em Rondonópolis.

O estudo da interação entre moradores e o meio ambiente na cidade de Rondonópolis e entre estas pessoas e a paisagem natural original do Cerrado auxilia na produção de informações importantes para o entendimento da conduta humana frente à paisagem construída e vivida. A análise das percepções, atitudes e valores atribuídos a Rondonópolis como lugar ou não-lugar pode ensejar uma reorientação na interação homem e natureza, tão comprometida por avaliações precipitadas e pragmáticas do meio ambiente, como é o caso das áreas do Cerrado, especialmente no município de Rondonópolis.

CAPÍTULO 1

LUGAR E NÃO-LUGAR: CATEGORIAS GEOGRÁFICAS DO DESCOMPASSO ENTRE A PAISAGEM PRODUZIDA E A PAISAGEM VIVIDA

“Estamos em uma parte desconhecida da cidade: um espaço desconhecido se estende à nossa frente. Após algum tempo conhecemos alguns referenciais e os caminhos que os ligam. Eventualmente o que foi uma cidade estranha e desconhecida se torna um lugar familiar. O espaço abstrato, carente de significado exceto pela estranheza, torna-se um lugar concreto, cheio de significado”. (TUAN, 1983, p. 220 - 221).

O mundo contemporâneo do homem e da ciência caracteriza-se por um ritmo acelerado da história marcado nas diferentes escalas espaciais (paisagem, território e lugar) por um espaço geográfico uno e múltiplo. O homem, como ser histórico e geográfico, tem sua existência e experiência ambiental regidas pelas regras da discutida globalização e revolução tecno-científica que unem e desunem diversas dimensões de tempo e espaço. A coexistência e a dialética do local-regional e do indivíduo-ambiente carecem de uma compreensão humana no âmbito da ciência para ensejar um novo grau de integração do homem no ambiente que o comporta e, ao mesmo tempo, é produzido e modificado por ele.

As relações produzidas e reproduzidas no espaço entre homem e natureza ainda detêm a discussão científica, principalmente entre os geógrafos, que buscam no tocante ao espaço um corpo conceitual e metodológico que permita à geografia consolidar-se epistemologicamente, entendendo a sociedade dentro da natureza e esta última como campo das relações sociais. Entretanto, a Geografia que deveria investigar as inter-relações resultantes da experiência mais íntima entre homem e ambiente, esbarra em rupturas epistemológicas, referenciais teórico-metodológicos e posturas filosóficas que distanciam o sujeito do objeto, em análises parciais desprovidas da experiência e vivência pessoal e/ou coletiva.

A Geografia, como as demais ciências, entra no século XXI em franco debate que reflete o atual estágio do pensamento, conhecimento e comportamento humano. Na atualidade os geógrafos tendem a abraçar conhecimentos multidisciplinares para adequar-se à complexidade crescente de seu objeto de estudo – o espaço. O ecletismo metodológico deve dar lugar a uma construção metodológica que comporte a totalidade dinâmica exigida para o estudo das temáticas envolvidas e refletida nas relações entre o cotidiano e o espaço.

A ciência em pauta é construída na discussão das formas interativas entre homem e ambiente e do espaço ocupado e exigido por estas, no plano individual e coletivamente, e paralelamente ao avanço científico e tecnológico. A ciência dos lugares, como já foi conhecida a Geografia, resgata o lugar na perspectiva do mundo vivido e como dimensão do espaço geográfico, principalmente nas relações do homem com o meio ambiente. Cabe também a este geógrafo proceder à análise das relações entre o homem e o meio ambiente fundamentado nas bases da geografia humanista e à luz da releitura dos trabalhos pioneiros de Buttimer, Lowenthal, Tuan e Relph, entre outros e, principalmente, tratar das “preferências dos indivíduos, seus sonhos, as utopias que os lança à ação.” (CLAVAL, 2002, p. 30).

Para Habermas (1987), ao lado do mundo vivido coexiste o mundo societário, regido pelo sistema político-econômico vigente, que mundializou a economia e a política, enfim a própria reprodução do espaço. O mundo vivido compreende a visão de mundo apropriada pela cultura formal e informal e a experiência pessoal do indivíduo. O espaço vivido perdeu o sentido no cotidiano da vida e com ele a percepção do meio ambiente ficou adormecida, repercutindo isto na fragilidade e pragmatismo dos conceitos e valores ambientais, notadamente aqueles ligados às paisagens e ao lugar. O homem perdeu-se na dialética entre o interior (eu) e o exterior (meio ambiente), nas palavras de Bachelard (2000), o que o leva a um processo de desindividuação sem identidade que serve de instrumento para uma práxis social de ideologia político-econômica tosca e acrítica. Por isso, vê-se que a percepção do EU e do mundo não é um evento isolado, nem isolável da vida cotidiana das pessoas de acordo com Oliveira e Machado (2004).

No Brasil, merecem destaque, no campo da percepção em Geografia, os trabalhos principados pela professora Livia de Oliveira e seguidores na UNESP de Rio Claro - SP e outros centros (Curitiba, Porto Alegre, Brasília e Belo Horizonte). Os principais estudos foram reunidos na obra *Percepção ambiental: a experiência brasileira* (1999) sob a coordenação de Vicente Del Rio e Livia de Oliveira, em forma de uma coletânea das

pesquisas importantes a respeito de percepção ambiental aplicadas à arquitetura e urbanismo, interpretação da realidade e educação ambiental.

Acerca da importância da percepção ambiental para o estudo das relações entre o homem e o meio ambiente, note-se que

Percepção passa a ser palavra-chave no estudo de interação homem-meio ambiente, uma vez que o contato direto, contínuo e prolongado com a paisagem, espaço ou lugar transforma as percepções individuais em importantes determinantes na avaliação de meios ambientes passados, presentes e futuros. (MACHADO, 1998. p. 1)

A professora Lucy Marion C. P. Machado trabalhou, pioneiramente, com paisagens valorizadas e argumenta que a percepção ambiental se apresenta a partir do indivíduo na relação estabelecida por ele com o meio ambiente. Todo o processo perceptivo que define o meio ambiente e o próprio lugar está relacionado ao homem e, mais particularmente, aos grupos humanos. Para ela, a experiência humana com a paisagem deve ser investigada na modalidade de pesquisa qualitativa a partir da abordagem perceptiva, que está ligada às seguintes categorias de análise investigadas por ela: *identidade, significado, fisionomia, delimitação espacial, utilidade, proteção, responsabilidade, preservação, consequência da ação, conservação, e valores (afetivo, econômico, histórico, turístico e de lazer)* (MACHADO, 1988).

A percepção é um processo dialético que absorve sujeito (homem) e objeto (lugar), filtrando as relações entre ambos, e as interfaces objetivas e subjetivas, expressas ou obscurecidas, entre a globalização e a individualidade. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são elementos importantes na constituição do saber geográfico, e a produção do espaço geográfico e da paisagem se faz a partir do imaginário social.

Em nosso país a percepção que temos do lugar está confinada aos *arquetipos* nacionais emergidos de uma sociedade patriarcal que mascara e dificulta a construção de uma identidade individual e coletiva. O arquetipo, conceito introduzido por Carl G. Jung (1875-1961), representa uma manifestação do inconsciente coletivo na forma de padrão ou modelo comportamental. (PAULA CARVALHO, 1992, p.65). Para ultrapassar essas amarras e clausuras ideológicas, a conjuntura histórica e cultural deve ser esfacelada e avaliada por esquemas e filtros perceptivos que construam, paralelamente, a identidade do lugar e da consciência de indivíduo e de cidadão.

As pesquisas no campo da percepção investigam as aspirações, decisões e ações, individuais e coletivas, que os homens desenvolvem em relação ao ambiente em que

vivem – lugares e paisagens – e devem ser avaliadas sob criteriosa análise das preferências, percepções, atitudes, valores e imagens elaborado pela mente humana. Os conceitos de lugar e seus correlatos, topofilia, topofobia e topocídio e não-lugar, adquirem grande potencialidade na discussão e tomada de consciência de novo relacionamento entre os homens e o lugar. É este último o verdadeiro palco das paixões humanas que, por meio da ação comunicativa, “são responsáveis pelas diversas manifestações de espontaneidade e da criatividade”. (SANTOS, 1996, p. 258)

1.1 O lugar e suas escalas clássicas

A análise do conceito de lugar nos conduz a identificar uma tensão ou confusão entre definição e experiência, a primeira relacionada às atividades de abstração e cognição e a segunda, mais ligada à experiência humana com o lugar, especialmente no tocante à percepção, atitudes e valores portanto, afetiva e emocional. Lugar sempre foi um conceito-chave discutido no cerne da Geografia, porém sob o espectro de diversas abordagens e olhares específicos que não conseguem mostrar a sua amplitude resultante da multiplicidade de interconexões entre o homem e o ambiente.

Na opinião de Barros (2004), o conceito de lugar mostra uma tradição geográfica de *raiz fenomenológica* ligada aos conceitos de identidade e sentido do lugar ocupando um papel central na discussão dos fenômenos. Aliados a esta tradição, existem discursos vindos da *visão sociológico-valorativa*, que investiga os conceitos de pertencimento e identificação com os lugares. A raiz fenomenológica e a visão sociológico-valorativa, de certo modo, estão relacionadas com as dimensões do nosso envolvimento com a natureza. O professor Michel E. Soulé, da Escola de Recursos Naturais da Universidade de Michigan, apresenta o relacionamento das três dimensões mentais básicas englobadas na nossa percepção da natureza.

Este autor (*in* Wilson, 1997a, p. 597-598) identifica as dimensões do envolvimento entre a mente e a natureza: *experiencial*, *analítica* e *valorativa* (**Figura 1**): a primeira corresponde ao primeiro contato de experiência imediata, sensorial da natureza, amparada pelo sistema sensorio-neural; a segunda é a analítica mental, responsável pelas complexas associações, concepção de teorias e surgimento de sistemas conceituais e a terceira

é a valorativa, que implica na atribuição de valores, juízo e julgamentos. Ele defende a idéia de uma “conceitualização multidimensional” do lugar com base na experiência, atividade essencial na mudança de valores e condutas. A motivação para ver e ouvir o ambiente com novos olhares é o primeiro passo para que as pessoas valorizem a própria experiência e a percebam na vida cotidiana. Entretanto, elas se proíbem destas importantes atividades mentais, nas palavras de Henry Lefebvre, uma vez que “a vida cotidiana no mundo moderno restringiu a experiência afetiva e emocional” (1991, p. 199) o que também resulta na diminuição das atividades mentais. Este fato explica por que o envolvimento entre a pessoa e o ambiente é limitado e parcial, e isto, por sua vez, implica diretamente na construção do lugar.

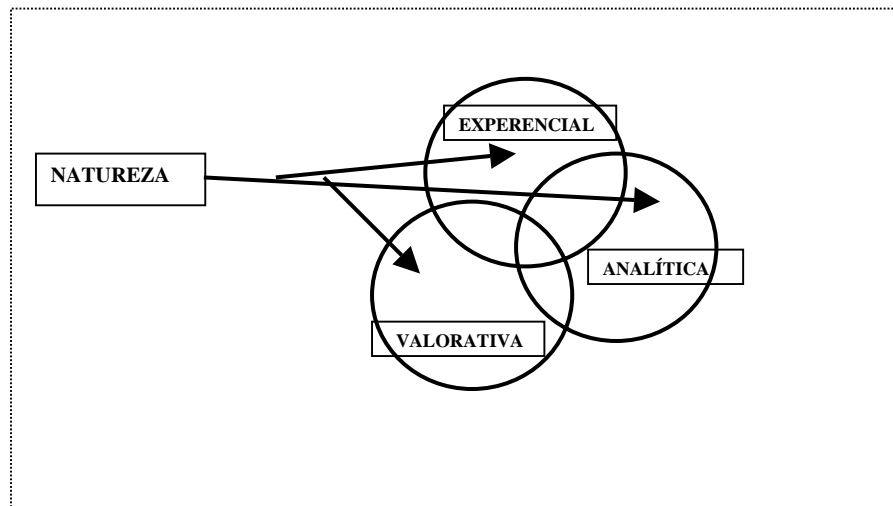


Figura 1– As dimensões do envolvimento entre mente e natureza (Soulé in Wilson, 1997a, p. 594).

Na realidade, a discussão de lugar envolve a dicotomia tradicional da experiência e existência refletidas no simbolismo, pois o lugar tem sua faceta de espaço universal, abstrato e simbólico. Por isso, é foco de diversas vertentes filosóficas, especialmente a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), que tratou do *mundo vivido* mais no âmbito do ser e da existência, sem contemplar o ambiente. Gould, Relph, Yi-Fu Tuan, entre outros geógrafos, reagiram a estas propostas na segunda metade do século passado, por volta da década de 1970, porém, continua o dilema desgastante para a Geografia, gerado e ainda ativo na discussão do método, entre a explicação positivista e a compreensão fenomenológica, ou seja, a objetividade e o subjetivismo.

Tuan (1983, p. 222) comenta que a “maioria dos dados provindos da experiência é negligenciada porque não podem ser encaixados nos conceitos das ciências que aceitamos sem criticar” e que consistem no grosso cabedal científico desenvolvido e defendido no rigor da mensuração. Neste caso, a geografia humanista, que trata da experiência humana com o espaço e o lugar, ainda encontra dificuldades de aceitação quando investiga e apresenta, cientificamente, a realidade das percepções, atitudes e valores em relação ao meio ambiente. Contudo, é possível sistematizar as experiências humanas com o espaço e o lugar a partir da ação cotidiana, que nos mostra um mundo tremendamente complexo e seres humanos com suas experiências mais simples. A distinção entre o lugar e o espaço reside na nossa experiência com ele, por isso o lugar compreende momentos particulares em espaços particulares; em outras palavras, lugar é o nome para o espaço/tempo que “emerge de um espaço indiferenciado quando o conhecemos e dotamos de valor”. (MACHADO, 1988, p.98)

Lugares não são apenas abstrações ou conceitos, mas são fenômenos experienciáveis diretamente do mundo vivido, cheio de significados, objetos reais e atividades. Para Relph (1976, p. 141), são importantes fontes de identidade individual e comunitária, ou melhor, “centros das nossas experiências imediatas com o mundo”, resultados de fusões do natural com o humano. A definição dos lugares reside mais na experiência e intenções humanas do que na localização, paisagem e comunidade.

Machado (1988, p. 03) comenta que a vivência e a experiência em relação aos lugares geram a atribuição de valores, cujo estudo tem importância vital para os grupos sociais e as ciências de modo geral. Portanto, a vivência e experiência precisam ser conhecidas, não somente as da atualidade, mas também as do passado, apresentadas na memória individual e coletiva dos homens. Lugar e homem constituem duas realidades interconexas e chaves explicativas para o conhecimento de ambos em seus múltiplos aspectos. É na experiência sensível com o lugar que o homem manifesta atitudes, sentimentos e emoções, e este investimento afetivo possibilita o surgimento do sentimento de apego e pertencimento a determinado lugar.

De acordo com Leff (2000, p. 64), lugar é o *locus* das capacidades e condições da população para reconstruir seus mundos de vida de onde pode emergir a nova identidade pessoal e cultural, normatizada por regras coletivas e democráticas de convivência social. É uma nova identidade de lugar, surgida na manifestação do real e do verdadeiro frente à racionalidade econômica instituída, que ignora a natureza e a cultura. O lugar sintetiza, expressa e é reflexo da nossa maneira de estar no mundo, pois o experienciamos como parte

de nossa própria consciência. A experiência do lugar é uma parte universal e elementar da vida e fator de vital importância para a compreensão das relações existentes entre as ciências sociais e naturais, tendo como discussão central o homem.

Tuan (1983, p. 171) escreve que o lugar representa um receptáculo de lembranças e permanência carregadas e vivenciadas pelo homem; é um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram para viver o presente. Para o autor, é importante o tempo para se conhecer ou afeiçoar-se a um lugar. Em certos casos é necessário um longo tempo para construir raízes num determinado lugar, porém nada impede que alguém se apaixone por um lugar num contato rápido ou numa estória sobre ele. A qualidade e a intensidade da experiência é mais importante do que a duração, rara na sociedade moderna, na qual o homem se movimenta tanto, sem tempo para enraizar-se num lugar tornando sua experiência mais duradoura e profunda. Tuan ainda acrescenta, no que se refere aos objetos do lugar, que “os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção [...]. Eles são quase uma parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos”. (p. 159).

O autor considera também, que estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente daquela de cultivar “sentido de lugar” (TUAN, 1983, p. 219) quando se precisa vivenciá-lo até se conseguir um conhecimento sensível e cognitivo que lhe dê identidade.

Bachelard (2000), por sua vez, salienta que a “alma ou espírito do lugar” está oculto no espaço vivenciado e que para conhecê-la é necessário perceber e avaliar as atitudes da sociedade perante o meio ambiente. Somente esta atividade perceptiva poderá mostrar ao homem o sentido de lugar e contribuir para a construção deste. Então, torna-se evidente a importância do conhecimento da maneira como a sociedade percebe o meio ambiente para qualquer entendimento que se almeje sobre a construção do lugar. É o caminho que queremos trilhar nesta pesquisa, com vistas a explicar como o rondonopolitano percebe e, ao mesmo tempo, constrói o lugar, contido numa paisagem muito mais produzida do que vivida.

O sentido de lugar nasce da proximidade e da conduta perante o espaço, mais próximo e íntimo, aponta os valores mais importantes na sua explicitação. Para tanto, é preciso integrar as formas e funções com a percepção, com a experiência que o homem tem do e no lugar. Castello (*in* Del Rio e Oliveira, 1999, p. 31-33) pesquisou Porto Alegre e as relações dos moradores com o rio Guaíba, usando três tipos de categorias analíticas: *análise estrutural*, *análise perceptual* e *análise experiencial*. Na primeira análise é conhecida a natureza morfológica e funcional do ambiente; na segunda se conhecem os mapas mentais e

as imagens geradas pela forma urbana na cognição humana e na terceira tem-se o exame das experiências cotidianas, vivência e uso do ambiente.

O conceito lugar enseja o conhecimento do grau das relações entre o homem e o meio ambiente sendo, por isso, também instrumento conceitual para interpretação da realidade e formação de valores. A percepção e a interpretação das imagens e representações do lugar promovem a conscientização para a sua preservação, formação da cidadania e melhor qualidade de vida. Nesse caso é indispensável avaliar a influência da cultura na experiência do lugar e as possibilidades de novos hábitos culturais a partir de novas experiências no lugar.

Rojas (2001, p. 121) explica que “lugar e mundo estão muito próximos” e a escolha entre o estudo do lugar (espaço cotidiano) ou do espaço mundial quantitativo é assunto de discussão para muitos geógrafos contemporâneos que ignoraram o fato de o “espaço mundial cobrir o espaço cotidiano”. Para ele, esse dilema desnecessário, pois vivência e objetividade marcham juntas na Geografia e a explicação mais racional depende da compreensão fenomenológica.

Para Ramon (1985, p. 224), além da natureza fenomenológica do conceito lugar, é necessário recuperar sua dimensão existencial, que ajuda a lembrar o sentimento de apego e enraizamento, processo fundamental para a reconstrução da própria identidade e desenvolver costumes e rotinas, componentes essenciais ao bem-estar psíquico. Em sua *Poética do espaço* (2000), Gaston Bachelard atribui ao lugar uma importância ímpar, recomendando ser mais útil uma *topoanálise* – exploração da identidade pessoal através do lugar – do que uma *psicoanálise* – exploração da identidade pessoal através do “eu”. Neste sentido existencial, Relph (1976, p. 55) considera que os lugares são “centros de significados ou intenções, entendidos tanto cultural como individualmente”, pois espelham múltiplas facetas do indivíduo, do espaço e da sociedade. Nossa pesquisa pode avançar na determinação e conhecimento dos indicadores topoanalíticos e psicoanalíticos que unem e formam a identidade da pessoa e do lugar.

Sack (1988, p. 227) critica as orientações e perspectivas particulares da Geografia e subdisciplinas que não estudam o lugar na sua integridade, quando este é “uma forma básica de integração”. Para o autor as pesquisas sobre lugar ainda estão viciadas de perspectivas fragmentadas do natural, social ou humanista, quando, na realidade, lugar é um conceito integrador que apresenta interconexões entre a natureza, relações sociais e significado. O diagrama (**Figura 2**) abaixo ilustra a concepção integradora de lugar exposta por Sack, com as interconexões entre esses três elementos pilares.

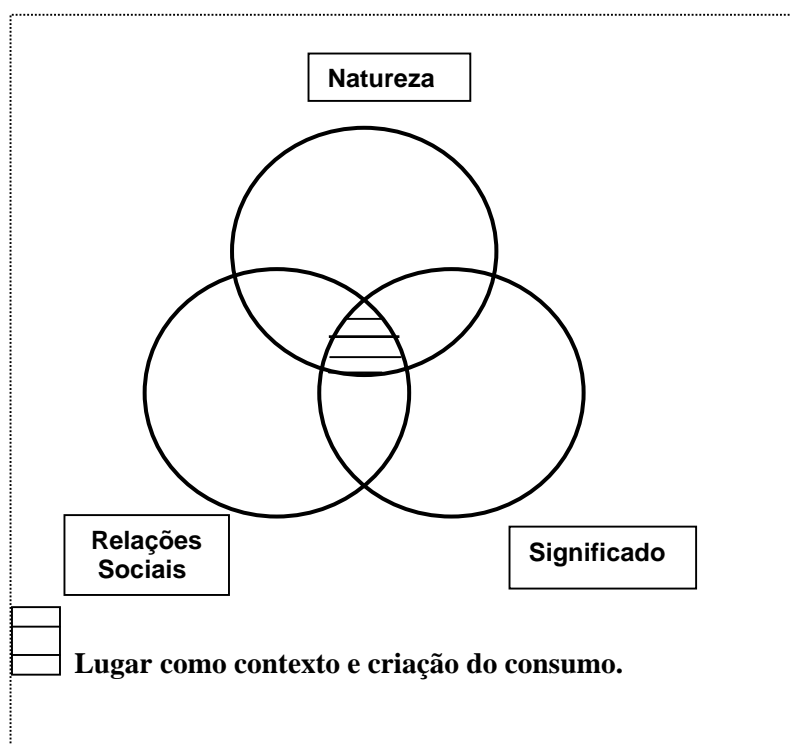


Figura 2 – Natureza, relações sociais e significado (SACK, 1988, p. 229).

O mesmo autor, ainda vê na concepção e análise do lugar de forma integrada, a partir das “divisões genéricas modernas do conhecimento (natureza, significado e relações sociais)” (SACK, p. 231), a possibilidade de ampliar a compreensão dos problemas tanto da natureza como da sociedade; sintetizando, do lugar, principal elo entre elas.

A *natureza* compreende o entorno, sítio, recursos naturais aos quais o homem atribui significados e valores dentro das relações sociais. O *significado* está ligado ao poder da mente construir a realidade, dotando-a de valores mentais, culturais e espirituais. As *relações sociais* coexistem no conceito integrado de lugar a partir das teorias sociais que resultam e, ao mesmo tempo, explicam e controlam a estrutura social. Portanto, lugar é uma *forma básica de integração* das perspectivas natural, social e humanista fundamental para nossa experiência de mundo, cabendo à Geografia representar e analisar esta experiência.

Bachelard (2000) trata da “alma ou espírito do lugar”, que esconde o espaço vivenciado e as explicações primeiras e as mais íntimas atitudes da pessoa. O filósofo da poesia defende “a importância do estudo da imaginação humana, uma vez que a imagem provém do coração, da alma, do homem visto na realidade”. (BACHELARD, 2000, p. 03). A imagem é um novo ser da linguagem que dá forma ao objeto, e o processo de sua produção implica em relações mais ativas e constantes entre a consciência humana e o próprio objeto.

Tuan (1983, p. 162) também tratou das imagens e suas implicações na assimilação do conhecimento, destacando que

As imagens e as idéias libertadas pela mente poucas vezes são originais. As avaliações e os julgamentos tendem a ser chavões. As intimidades efêmeras através da experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia de idéias desgastadas. As informações dos sentidos são afastadas para favorecer o que nos foi ensinado ver e admirar. A experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas, que normalmente são os aspectos mais óbvios e públicos de um meio ambiente.

O lugar é o local onde o indivíduo se reconhece enquanto uma singularidade, que denota uma gama de significações comuns a ambos no contexto do espaço social e cultural, donde provém a identidade pessoal. Assim, percebe-se claramente, no lugar, a identidade do ser que ali está e, no indivíduo, o lugar construído por ele.

Machado (1992, p. 152) expressa que “cada imagem e idéia que temos do mundo é revestida de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória”. Cada lugar visitado, percorrido, imaginado e construído contribui para as imagens e símbolos revelados na forma como a sociedade percebe o seu meio ambiente. Conseqüentemente, o lugar comporta códigos ou signos dispostos pela cultura que serão apropriados pelos sujeitos que, por sua vez, os transformam à medida que os adotam; por esta razão as representações também podem variar no interior de um mesmo grupo. Segundo a autora em pauta moldamos o lugar “[...] porque somos seres humanos capazes de representar o mundo exterior simbolicamente, pensar conceitualmente e comunicar nossos símbolos, conceitos e idéias.” (p. 03)

Pred (1984, p. 279) considera que os geógrafos humanistas vêem o lugar como “centro dos valores e significados individuais e ligações emocionais”. Porém, lugar é um produto humano que sempre envolve a apropriação e transformação do espaço e da natureza, processos inseparáveis da reprodução e transformação da sociedade no tempo e no espaço. Ele apresenta uma teoria fundamentada nos processos históricos de formação do lugar que abrange as práticas institucionais e individuais bem como as formas estruturais entrelaçadas nas duas práticas. Também considera importante a tradição vidaliana que investiga a vida prática local e o conceito de *genre de vie* (gênero de vida) como uma criação fundada no ambiente natural e nas atitudes tradicionais, valores, idéias, convicções e psicologia humana. De acordo com o autor o lugar é formado histórica e simultaneamente por elementos intrincados da prática individual e institucional, estrutura das relações de poder,

transformação da natureza, formação pessoal e socialização e gêneros de vida e reprodução social. (p. 282).

Em Buttimer (1985, p. 228), encontra-se a constatação de que os estudos sobre o sentido de lugar, seja qual for a fonte de explicação, analisam diversos temas que se repetem constantemente, como a identidade, o significado e a própria experiência do lugar. A *identidade do lugar* é investigada de forma conectada à identidade pessoal e cultural transparecendo que lugar, pessoa e cultura estão intimamente unidos. Já os *significados* atribuídos ao lugar possuem várias dimensões: simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas. Portanto interagimos e estamos afiliados ao lugar. Quanto à *experiência no lugar*, Buttimer (1985, p. 232-233) alerta que a interpretação objetiva sob uma perspectiva analítica não possibilita agrupar, entender e explicar as categorias significativas desta experiência. Na investigação dos lugares é necessário determinar a posição da pessoa ou do próprio pesquisador, se está fora ou dentro do lugar, pois quem os vê de fora tenta decifrá-los e entendê-los da forma como deseja pensar, pré-estabelecida, e quem está dentro encontra-se imerso nos pormenores da vivência e ação cotidiana. Foi exatamente isso que Machado (1988) destacou ao estudar a Serra do Mar como espaço e como lugar na percepção dos seus moradores e visitantes.

Já Frémont (1980, p.121–122) afirma que os lugares formam a “trama elementar do espaço”, seja qual for o local e o número de pessoas, constituindo combinações simples e banais, mas talvez as mais fundamentais das estruturas espaciais. Por isso podemos dizer que por meio dos lugares localizam-se os homens e as coisas e por meio destes pode-se conhecer os lugares. Segundo o autor (p. 139), o significado do lugar é “[...] uma combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos apresentado numa forma integrada à paisagem local e regional”.

A existência do lugar também depende de uma escala espacial, e determinados lugares foram e são intensamente investigados, tanto pela Geografia como pela Psicologia, Antropologia ou outras ciências humanas. Entre elas a casa, o bairro e a cidade são alguns espaços-lugares importantes para as pesquisas no campo da percepção ambiental.

As escalas clássicas de lugar ou espaços-lugares constituem locais geográficos e existenciais analisados por diversas disciplinas, e consideramos importante apresentar alguns pressupostos e fundamentos teóricos sobre a casa, a rua, o bairro e a cidade, pois estão interligados e compõem a discussão da identidade do lugar e da própria experiência humana com estes ambientes.

A vivência e a mobilidade estão associadas na experiência do homem com o lugar e integram o cotidiano das relações sociais no trabalho, lazer, descanso, enfim todas suas ações individuais e coletivas. A existência humana está imbricada nas dimensões de movimento, tempo e lugar. A construção da identidade do lugar ocorre na dinâmica existencial de ritmos e paradas para *estar* e *ser* nos diferentes espaços de vida, ou seja, nos lugares. Atualmente a pessoa movimenta-se mais nos espaços e vivencia diariamente diversos lugares como se tivesse um local para cada ação: morar, trabalhar, divertir-se, comprar, etc.

A **casa** é explorada como um lugar especial, o primeiro lugar da convivência, intimidade e laços familiares. Frémont (1980, p. 124-127) relacionou os *contornos e as profundezas*. Outros autores já investigaram esse tema; na casa ou habitat rural de Albert Demangeon; a casa como *marca essencial do homem* com Pierre Deffontaines; a casa na filosofia poética de Gaston Bachelard; a casa urbana de Henry Lefebvre e na arquitetura de Le Corbusier. A casa dá a segurança e a satisfação do *enraizamento* pelo qual o homem se fixa, fica tranqüilo e abrigado, descansa, enfim vive. Outro conceito semelhante ao enraizamento é o *arraigo*, explorado junto a um grupo de alcoólicos, no estudo do papel dos lugares na sua experiência vivida, por Godkin (in GARCÍA RAMON, 1985).

Hoje, cabe a indagação: Será que a casa oferece mesmo segurança no mundo contemporâneo tão violento das cidades? É um aspecto que deve ser investigado na pesquisa, pois está diretamente ligado à satisfação com o lugar.

A casa do campo está tão associada ao significado de lugar para os que migraram para a cidade que aí eles reproduzem fragmentos dela, quando o espaço possibilita. Um jardim, pequena horta, criação de aves, uma árvore, um cercado em frente à casa são os exemplos mais típicos dos fragmentos do antigo lugar. Por meio da história residencial o indivíduo constrói sua identidade residencial, o *attachment to place* ou *place-identify*, a identidade residencial que, para Proshansky (*apud* KUHNEN, 2003), vai influenciar na percepção e avaliação residencial e, por conseguinte, dos outros lugares (rua, bairro, cidade, entre outros).

Para Oliveira (2001), a casa ou o lar constitui o *centro mais profundo da existência* da vida humana, possuindo significado ímpar para ele; usando as palavras de Bachelard (2000), é o “corpo e alma”, vividos por pensamentos, lembranças e sonhos. É o lugar especial que estrutura e prepara a pessoa para a vida individual, coletiva, institucional, aprimorada nas interfaces vivenciais com os demais lugares (rua, vizinhanças, quarteirão, bairro, cidade, país, mundo).

O **bairro** é considerado pelos planejadores um lugar apenas como um “conceito intelectual” (TUAN, 1983, p. 188), mas não é assim identificado pelos moradores, que consideram uma parte mais íntima e experienciável, a começar pela rua onde moram. A identificação do bairro como lugar depende da experiência afetiva e emocional de cada habitante e do grupo na convivência social em festas, visitas, jantares, ente outros. A satisfação com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos – sua amizade e respeitabilidade – do que das características físicas da área residencial. Devido à complexidades das relações sociais que engendram os sentimentos entre os moradores de um bairro, este espaço-lugar é difícil de apreender.

A **cidade**, por seu lado, é um lugar, um centro de significados por excelência. Tuan (1983, p. 191) estudou as funções econômicas, políticas e religiosas de algumas cidades (Ch’ang-an e Hang-Chou, Atenas, Roma, Londres e Los Angeles). O autor comenta que “as funções econômicas se multiplicaram e abafaram a identidade religiosa da cidade” (p. 192), de forma que nos Estados Unidos as cidades novas precisaram fazer uma propaganda estridente para atrair negócios e promover a fama. Para isso criou-se uma imagem impressionante fundamentada em cognomes (títulos ou alegorias) como “a maior”, “a mais central”, “a mais adiantada”. Assim, é apregoado o sentido de “orgulho individual ou coletivo que emerge do exercício do poder” (p.194). Tuan (1980, p. 259) conclui que a cidade é um “conceito abstraído como imagem e símbolo, enquanto o bairro é mais experienciado”.

Quanto aos os cognomes dados às cidades, referem-se mais à concorrência econômica do que a imagem construída na vontade popular. Trata-se de um “promocionismo, fruto das preocupações de certos grupos políticos ou econômicos específicos que desejam atrair a atenção pública”. (TUAN, 1980, pp. 232-36). Os rótulos vêm acompanhados de imagem produzida, que seria a *imagem fabricada*, conforme Bachelard (2000, p. 88), como expressão efêmera não produzida no bojo das relações sociais.

A cidade representa hoje o caos, e o seu sentido de lugar mudou muito. No passado ela significava a “ordem, a liberdade e a glória” (TUAN, 1983, p. 288), pois conseguia abrigar uma população atendendo, de certo modo, as necessidades e expectativas humanas e representando um local de convívio mais harmonioso nas relações sociais e nas relações entre o homem e o ambiente urbano.

Para Del Rio (1999, p. 22), alerta para o fato de que a “cidade precisa ser conhecida em suas múltiplas imagens que estão na mente dos usuários”, dentro de cada indivíduo para que se descubra e se construa o verdadeiro caráter do lugar, a partir das preferências e expectativas da coletividade.

A realização de eventos populares pode contribuir para a formação da autoconsciência local e da imagem do bairro ou cidade. A imagem deve compreender a realidade histórica e cultural e ser construída a partir da vivência e experiência de espaço e lugar da população com o meio ambiente. Entretanto, este processo fica à mercê do domínio e da imposição ideológica de imagens respaldadas no cunho econômico que interessa apenas às classes dominantes da sociedade, transmitidas pela mídia na propaganda em *slogans*. Tuan (1983, pp. 284-88) observa que as pessoas se esquecem facilmente da rica informação derivada da experiência com o lugar, pois predominam os conhecimentos concebidos e pragmáticos e elas se proibem de sentir e contemplar com novos olhares.

De acordo com Kuhnen (2003), qualquer lugar tem sua identificação dependente da apropriação ou posse, que oferece a liberdade para o homem imprimir nele atributos ou signos moldando-o ao seu estilo. Portanto, a “apropriação é um processo de identificação e a impossibilidade desta apropriação conduz o indivíduo à estranheza e não pertença”, inclusive não lhe dá o dever de respeitar o espaço e o próprio lugar. É o que se observa com os comportamentos anti-ecológicos (queimadas, entulhos, lixo e outros) em terrenos baldios de posse privada e/ou pública.

É imprescindível pensar-se a identidade do lugar simultaneamente à reflexão acerca do indivíduo que habita e constrói este lugar, uma vez que a sociedade é produto dos lugares. Para Boaventura de Souza Santos (1999, vive-se uma (re)contextualização das identidades que necessita de um esforço analítico e teórico para compreender as práticas ou comportamentos que conformam tanto as situações sociais como o lugar. A perda de nossa identidade inicia-se com a perda do lugar, esse estreito espaço de afetividades entre pessoas e natureza. O lugar resumiu-se (em parte) à nossa casa, em relação à qual nem sabemos embelezar, tratar do lixo, trocar afeto e dialogar com os familiares.

A manutenção de valores comuns e das práticas culturais que se perpetuam no cotidiano depende das relações interpessoais que ocorrem nos lugares e demanda decisões que em muito diferem de decisões de caráter em uma macroescala. É por esse aspecto que a ação política da classe trabalhadora deve acontecer, primeiramente, no lugar. Harvey (1996, p. 32) acredita ser extremamente relevantes o contexto de lugar e a ação, os quais não podem ser avaliados a não ser a partir de um caminho particular de análise que vai do lugar ao espaço e volta ao lugar.

Carlos (1996, p. 17-18) considera o lugar a base da reprodução da vida, podendo ser entendido na tríade *habitante-identidade-lugar*, pois o homem vivencia os

lugares na cidade onde habita, locomove-se, trabalha, passeia, reúne-se. Assim, pode-se buscar o entendimento do lugar nas ações mais triviais e familiares por meio da leitura sobre o viver e o habitar onde se descortina o mundo.

Santos observa a existência de relação dialógica ente o local e o global interferindo no lugar:

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. (...) Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. (SANTOS, 1996, p. 272).

Sturza (2002a) explana que o modelo econômico produzido pela ordem global impôs um cotidiano de vida no qual o homem preocupa-se apenas em produzir e manter os moldes de produção (reprodução). Para tanto o espaço é conquistado por meio da técnica, do capital e do trabalho e fica à mercê do capitalismo. O espaço adquiriu um valor de mercadoria, e a prática social alicerçada nas interfaces da globalização e individualidade facilita a reprodução da desigualdade social e acumulação capitalista. O vivido perdeu seu sentido no cotidiano e com ele os lugares são mais desconstruídos do que construídos. O ser humano não tem tempo para estar (**ser**) no espaço, mas sim para produzir dentro deste que já não é símbolo de liberdade, mas sim de prisão e matéria de produção. Fora do lugar (ou sem este), o homem tornou-se escravo espacial, pois perdeu a identidade e a inteligência emocional passando a ser instrumento de uma práxis conservadora, acrítica e antinatural. O lugar necessita ser (re)significado no bojo de interferências das rápidas mudanças e das interfaces entre globalização e individualidade.

A ordem, estruturação e dinâmica dos lugares denotam duas faces: a face mundial ou global (de cunho externo) e a face local (de cunho interno), o que conduz a compreensão da identidade e da própria construção do lugar para a análise tanto da conjuntura exterior como interior deste. A aceleração do tempo e das mudanças impostas no lugar, pela dinâmica da racionalidade global e local, acentua a diferenciação dos lugares em função de fortes processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Estes processos são responsáveis pela degradação da cultura local, que pode, contudo, ser minimizada com a recuperação do sentido de lugar, objeto e razão principal desta pesquisa.

No fenômeno da desterritorialização ocorre a perda dos vínculos com o lugar e com as relações nele efetivamente realizadas, devido à mobilidade constante que paira na vida moderna. Milton Santos, observando essa característica da vida atual, enfatiza que

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. Os homens mudam de lugar (...), mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias. Tudo voa. Daí a idéia de desterritorialização. Desterritorialização é, freqüentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. (SANTOS, 1996, p. 262).

A desterritorialização é resultante da evolução tecno-científica do mundo atual que interfere nos lugares impondo-lhes um cotidiano de modismos, comportamentos transitórios e valores fugazes que contribui para a perda de identidade nacional e dos lugares. A capacidade de ajustamento dos lugares a tal evolução é proporcional aos recursos físicos e humanos de que dispõem e usam; quando inexistentes tais recursos, os lugares são incapazes de acompanhá-la ficando a mercê da instabilidade gerada por ela. Todavia, é possível “a revitalização do lugar a partir do reconhecimento da estrutura e identificação que permite sua preservação com desenvolvimento e qualidade de vida”. (SANTOS, 2000, p. 138).

O processo de desterritorialização na modernidade da dinâmica urbana movimenta os homens na direção do *apartheid*, da estranheza e estimula a exclusão e o sentimento estrangeiro. A chamada crise de identidade das pessoas está associada à crise dos lugares, porém a resistência dos movimentos urbanos e das organizações comunitárias, quando não comprometidos com determinados políticos e legendas partidárias, pode auxiliar na construção da identidade do indivíduo, grupo, comunidade e, por conseguinte, do próprio lugar. Ferreira (2004) verifica que a desterritorialização interrompe a construção social do lugar porque modifica os sistemas simbólicos de significados e valores criados por meio das práticas socioculturais.

A migração é um processo de desterritorialização na origem que resulta no abandono de certo lugar pela pessoa e adoção/construção de outro. Este fenômeno também está presente em Rondonópolis, que foi palco do avanço da fronteira agrícola no Brasil, portanto deve ser considerado no estudo do lugar.

Buttimer (1985, p. 228) afirma que os imigrantes europeus trasladaram certos patrimônios culturais dos lugares de origem (arquitetura, música, festas, práticas agrícolas, etc.) na intenção de *encarnar as imagens de sua terra* nos locais escolhidos para morar. Isso mostra o grau de integração entre a personalidade/identidade da pessoa e do lugar, que pode ser exemplificado pelos gaúchos residentes em Rondonópolis ao preservarem o hábito de tomar chimarrão, cultura típica do seu antigo lugar que continua na construção do novo lugar. Este processo foi investigado com propriedade na dissertação *O Vôo das pandorgas: migração sulista para Rondonópolis – MT* (Goetttert, 2000) e na tese “*Gaúchos no Nordeste: modernidade, desterritorialização e identidade*, (Haesbaert, 1995).

De acordo com Mello (1990, p. 106) que a cultura tecno-científica do mundo atual interfere na consciência individual e na consciência espacial. A consciência individual é condicionada, estereotipada, alienada e moldada por essa cultura, enquanto a consciência espacial é mediada pelo conjunto de informações do dia-a-dia, do processo educacional formal e dos meios de comunicação. O lugar, que compreende e reflete as duas consciências, evidencia as interferências no indivíduo e no espaço físico, pois é o substrato e símbolo da experiência entre ambos. A relação dos homens com os lugares e das duas consciências tem freqüentemente uma dimensão coletiva e, assim, os lugares podem ser convertidos em símbolos de experiência comum.

Massey caracteriza no livro *Space, place and gender* (1996, p. 235) as interferências econômicas, políticas e culturais dos processos mundiais ou globais nos lugares, especialmente a partir das novas tecnologias responsáveis pelas rápidas conexões das redes e pelos fluxos de capital e informação. Todavia, o lugar não pode ser visto como “algo passivo e sítio de nostalgia que se opõe ao progresso e à história”, mas algo que por si mesmo e na vontade individual e coletiva reconheça sua identidade nos processos e relações internas e com o exterior.

O contexto do mundo atual, atrelado aos processos políticos, econômicos e culturais mencionados acima, possibilitou o surgimento de importantes conceitos vinculados à natureza do relacionamento entre o homem e o lugar. Entre estes conceitos, que atualmente precisam ser mais investigados pela Geografia e por outras ciências humanas, salientamos a *topofilia*, a *topofobia* e o *topocídio*.

1.2 Topofilia, topofobia e topocídio

A palavra topofilia é um neologismo criado por Tuan (1980, p. 107) que sintetiza “[...] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material [...]”, que podem ser diferenciados na intensidade, sutileza e modo de expressão. A natureza pode ser fonte de uma larga tipologia de experiências humanas, que vão desde uma expectativa ou desejo até um apego vital, como é o caso de agricultores que sempre viveram num lugar. Bachelard (2000, p. 19) usa o termo *topofilia* para determinar a investigação das imagens do *espaço feliz* que desperta o valor humano que podem se referir aos espaços de posse, espaços amados, espaços louvados como é o exemplo da casa, *nosso espaço vital, nosso canto do*

mundo onde nos enraizamos dia a dia. Por isso, o sentimento topofílico depende do enraizamento e também da própria territorialidade, pois lugar amado é, geralmente, um território apropriado no qual criamos raízes e que comporta nossas origens.

A obra de Tuan *Topofilia* - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (1980) é rica na exposição clara, sensível e científica dos processos implicados na experiência do homem com o meio ambiente e que precisam ser investigados à luz de outras realidades (lugares) para o melhor conhecimento das profundas relações entre ambos. Tuan observa que falta à sociedade moderna o contato direto de envolvimento suave e inconsciente com a natureza para a criação do sentimento topofílico. O turismo, tão propalado nos dias atuais pela mídia e pela economia local e regional, não é capaz de propiciar o tempo e a experiência exigido para a afetividade com os lugares e paisagens, embora possa auxiliar na criação dos primeiros laços afetivos. Os passeios e visitas aos pontos turísticos são momentâneos e com a visão escondida atrás do vidro *raiban* que separa o homem da natureza.(TUAN, 1980, p. 110).

Amorim Filho (1999, p. 141 e 147) entende que topofilia presume a importância vital do lugar para a afetividade humana. Para o autor, os lugares e as paisagens que despertam sentimentos topofílicos podem ser conhecidos por meio de levantamento dos locais mais interessantes e visitados por turistas e bens tombados do patrimônio público. O sentimento pode ser também fonte de conhecimento e de identificação entre o homem e o lugar, pois a sensibilidade é produtiva e o cerne da aprendizagem humana.

Bernard (1995, *apud* Kuhnen, 2003) observa que o sentimento de bem-estar depende do sentimento de pertencer a uma comunidade e que este último pode ser medido pelo interesse atribuído ao bairro, participação em amizades e redes sociais, tempo ou rotatividade de residência. Os laços afetivos dependem da identidade pessoal e psicológica do indivíduo, seus objetivos e experiências passadas com outros lugares, que podem modificar a própria percepção do bairro. Desta forma, é importante considerar no estudo topofílico a identidade residencial (*place-identify*) e com o bairro, pois a maioria da população mundial reside nas cidades, principalmente em bairros residenciais de casas e terrenos estreitos escondidos em quatro muros que distanciam a pessoa da natureza. A natureza, aqui, deve ser entendida como a chamada primeira natureza, ou seja, “a natureza natural, assim compreendida por boa parte dos geógrafos.”(MENDONÇA, 1989, p. 43). Refere-se aquela “[...] natureza exterior ao homem e universal [...], o *substratum* concreto da vida diária [...]”, nas palavras de Smith (1998, p. 94-95).

Machado (1990, p. 50) julga importante avaliar o nível de satisfação que a população tem junto ao espaço e que pode ser investigada por meio do levantamento, identificação e valoração das variáveis que influenciam e afetam tal satisfação, pois “a percepção é sempre acompanhada pela atribuição de valor”.

Os estudos de Holahan (1986, *apud* Kuhnen, 2003) e Souza Júnior (2001) corroboram a hipótese da *biofilia*, termo cunhado em 1984 por E. O. Wilson (1997b, p. 355) para designar a atração, afetividade e preferências humanas para com as demais espécies da Terra, notadamente as árvores de copa grande e múltiplos galhos dispostos horizontalmente. Wilson correlaciona este arquétipo da vegetação com aquela existente na savana africana onde surgiu a raça humana e questiona a coincidência ou não da preferência humana com o hábitat original do ancestral do homem. Para ele, o ambiente moderno distanciou as atuais gerações das demais espécies e dificulta a ciração e experimentação do sentimento biofílico. Wilson retomou o conceito biofilia em 1997, acrescentando que o sentimento de biofilia lança o homem para a preocupação com uma ética de preservação duradoura aceitando-se o princípio de que somos parte da natureza (da primeira natureza).

A *topofobia*, ainda pouco explorada pelos estudos geográficos, é a aversão ao lugar, traduzido também nas *paisagens do medo*, que são objetos de repulsão. Amorim Filho (1999, p. 145) constatou que a complexidade dos sentimentos implicados na topofobia dificulta a identificação e caracterização destes sentimentos e que geralmente, eles são muito confusos pela valorização negativa dada aos lugares. Os sentimentos topofóbicos também compreendem aspectos estéticos, quando os lugares são feios e desagradáveis para as pessoas. A falta de segurança nas cidades pode ser um elemento topofóbico importante, nos dias atuais, que tem levado muitas pessoas a deixar um lugar em busca de outro, como é o exemplo da procura por cidades de médio e pequeno porte para se morar.

Tuan (2004) explica que topofilia é o amor pelo lugar, da mesma maneira que topofobia é o medo do lugar, um tema que ele abordou no livro *Landscapes of fear*, editado em 1979. Amor e medo são emoções humanas básicas, transformadas pela imaginação e cultura em diversos graus de intensidade.

Após a Segunda Guerra Mundial os lugares começaram a perder seu caráter mais local devido à ampliação das fronteiras políticas e econômicas, fato exemplificado pelos EUA. A partir daí tem início o processo de enfraquecimento ou aniquilamento do lugar, o qual evolui para o desaparecimento, geralmente provocado pelo avanço tecnológico e pela implantação de grandes projetos do desenvolvimento econômico, como é o caso do Brasil.

Porteos (1988, p. 75) denomina o desaparecimento do lugar de *topocídio* (*annihilation of place*), analisando a cidade portuária inglesa de Howdendyke, onde residiu durante vinte e um anos. Tal cidade foi transformada para atender interesses de empresas, políticos e burocratas que implantaram indústrias em locais residenciais. O processo de topocídio é implantado suavemente, sem que a população o perceba, ou pode ocorrer de forma rápida, quando as pessoas têm o cotidiano e o modo de vida interrompidos, como tem ocorrido com grande projetos hidrelétricos em nosso país. Os exemplos de Nova Ponte – MG, estudado por Vilella (citado em AMORIM FILHO, 1999) e de Porto Primavera – MS, estudado por Santos (1998), entre tantos outros, ilustram a gama do topocídio que ocorre, ainda hoje, no Brasil.

Amorim Filho (1999, p. 142) lamenta a demora dos geógrafos para chegar ao conceito de topocídio, pois o processo de danos, muitas vezes irreversíveis, causados por ele já aniquilaram muitos lugares, paisagens e espaços vividos. Já Porteous (1988, p.75) salienta que o tema topocídio tem atraído raramente os geógrafos, embora outros cientistas sociais como os planejadores o tenham associado à morte dos lugares, mais especificamente no que tange à morte das comunidades, o que se enquadra no topocídio cultural.

Neste contexto teórico, observa-se que as paisagens do Cerrado foram destruídas para a implantação de paisagens agrícolas estandardizadas, construídas pela ideologia política e econômica do avanço da fronteira agrícola do país. Este é o caso de Rondonópolis, onde as atuais paisagens agrícolas aniquilaram os antigos lugares e reduziram brutalmente a diversidade ecológica. Porém, Kuhnen, em sua tese de doutorado *Psicologia ambiental: representações sociais e meio ambiente*, cita autores como Freud (1982) e Holahan (1986), cujos estudos apontaram que a preferência e satisfação das pessoas com a vegetação é muito importante na valorização atribuída ao lugar.

Amorim Filho (1999, p. 142) propõe, de forma exploratória, o conceito *topo-reabilitação*, para reparar os efeitos do topocídio, para representar os processos e ações de resgate, reabilitação ou restauração dos lugares e paisagens em seus aspectos topofílicos. O autor considera que as forças de topo-reabilitação devem superar as forças topocídicas para a manutenção da memória coletiva e individual, a preservação da identidade cultural e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida nos lugares e paisagens.

Especificamente no que tange ao Cerrado, Chaves (2003) analisa a descentralização da política ambiental no Brasil e a gestão dos recursos naturais no Cerrado afirmando que:

A grande região ocupada pelos cerrados, deliberadamente discriminada pelas políticas de meio ambiente em estruturação no país, ainda se presta a ser indicada como a fronteira agrícola a ser ocupada, em uma área superior a 120 milhões de hectares cultiváveis, à disposição para a oferta de grãos e de carnes, sinalizando aos agentes econômicos para um ambiente onde se acredita na valorização dos sistemas naturais simplificados (e destruídos) voltados à produção de *commodities*. (CHAVES, 2003, p. 176)

O ritmo de destruição do Cerrado, em tese, é acompanhado pela desestruturação das relações afetivas entre o homem e o ambiente, portanto necessária se faz a investigação paralela do desaparecimento do Cerrado e dos lugares nele contidos. Em outras palavras, é preciso questionarmos até que ponto o desaparecimento do Cerrado está contribuindo para o solapamento do sentido do lugar.

1.3 Não-lugar e suas expressões

O conceito do *não-lugar* é investigado, principalmente, por geógrafos, antropólogos e arquitetos, cada qual com proposições teóricas e metodológicas adequadas aos propósitos de sua ciência e, sobretudo, à natureza da investigação. Os antropólogos o exploram tendo o homem como baliza central e como ser que se movimenta e permanece por certo tempo em diferentes locais. Os geógrafos estudam o não-lugar sob o foco das características da relação entre o homem e o ambiente, fundamentalmente nos aspectos de percepção, atitudes e valores.

O trabalho antropológico mais importante neste campo é o livro *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (AUGÈ, 1994), que aponta os centros comerciais, estações de serviços (aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários) e supermercados como não-lugares. Estes espaços são construídos, na maioria das vezes, com padrões idênticos de funções, estrutura e forma. A ambigüidade do termo exigiu do autor outros vocábulos adjacentes como, por exemplo, trânsito, moradia, identidade, anonimato, passageiro, viajante, comunicação e linguagem. Os aeroportos internacionais são exemplos de não-lugar com identidade global, pois neles transitam pessoas das diversas nacionalidades, culturas e línguas. Na realidade de hoje “[...] os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se e interpenetram-se [...]” (AUGÈ, 1994, p. 85), gerando subestruturas temporo-espaciais distintas geograficamente, mas co-existentes.

Na Geografia, o trabalho pioneiro e fundamental é *Place and placelessness*, de Relph (1976), que analisou a experiência do homem com o espaço e o lugar, as diferentes componentes e a identidade dos lugares. O autor relacionou os tipos de lugar e de não-lugar que são construídos ou desconstruídos nos dias atuais, principalmente motivados pela tecnologia e avanço científico nas comunicações, pelo comércio e pela hegemonia do poder político e econômico.

A tradução do termo *placelessness* gerou diferentes conceitos em outras línguas. Ramon (1985, p. 221) traduz *placelessness* como *deslocalización* e o define como sentimento de *desenraizamento*, próprio da civilização atual que convive com lugares estandardizados e sem conotações emocionais, o qual em nada ajuda no desenvolvimento da identidade pessoal. Silva e Silva (2004) traduzem *placelessness* como *deslugar* para representar as paisagens monótonas, clonadas e desprovidas de identificação, tais como auto-estradas, conjuntos habitacionais, etc. Porém, o próprio Relph enfatiza que estas localidades podem vir a assumir um sentido de lugar, ou seja, possuir certa identidade para as pessoas. Mello (1990) também traduz o neologismo/conceito de Relph como *deslugar* ou *ausência de lugar*. Na verdade, o prefixo português **des-** tem origem controversa: na junção das posições latinas **de-** + **ex-** ou na romanização do prefixo **dis-**. Na língua portuguesa **des-** é um prefixo que indica *separação* e *negação* e que atribuiria para o vocábulo *deslugar* os sentidos de fora do lugar (separação) ou sem lugar (negação). (FERREIRA, 1975, p. 436).

Relph (1976, p. 80-82) expõe que não-lugar é uma atitude ou expressão que se torna cada vez mais dominante, resultante da inautenticidade do homem frente ao lugar, que passa a ser construído sem experiências afetivas. O indivíduo age inconscientemente, no anonimato, pois os outros decidem e agem por ele, gerando a *inauthentic attitude of placelessness*, em outras palavras, uma atitude de fechamento humano para o mundo e possibilidades de ser e existir. Cria-se um mundo de objetos e modos de vida estereotipados, artificiais, desonestos e planejados pelos outros, no qual as atitudes com o lugar são inconscientes e as experiências são *casuais, superficiais e parciais*. Nos dias atuais, tem se perdido muito o sentido do lugar e cresce o *placelessness*, devido à inautenticidade das pessoas, presente no consumismo, na moradia e na técnica e planejamento. O primeiro destes três elementos, o consumismo, atrai as pessoas para a compra de objetos e serviços sem a preocupação em ter experiências emotivas com locais previamente preparados para tais interesses. A moradia (casa ou apartamento), por sua vez, é cada vez mais semelhante às demais, sem diferenciações próprias da individualidade e criatividade humanas, responsáveis pela identidade e valor do lugar. Quanto à técnica e ao planejamento, tanto privados como

públicos, criam não-lugares na forma de prédios, monumentos, praças, entre outros locais sem representação da vontade e cultura local.

O mesmo autor (RELPH, 1976, p. 90) considera que a mídia contribui direta e indiretamente para o enfraquecimento do lugar e para o aparecimento do não-lugar, por intermédio dos meios de comunicação, da cultura de massa, dos grandes negócios, da autoridade com poder central e do sistema econômico, que aglutina e reforça a ação dos anteriores. Ela mutila os valores culturais do lugar oferecendo (vendendo) novos valores dentro da perspectiva do consumismo e da transitoriedade, características do mundo atual. Para Spink e Medrado (2000, p. 57-58), a “mídia desempenha uma ação poderosa na compreensão da produção dos sentidos”, seja servindo de instrumento na conformação da consciência moderna, seja “dando grande visibilidade aos acontecimentos com novas informações e descobertas”. Ele considera importante a manutenção dos meios de experiência, criação e manutenção dos lugares, pois eles são fontes de segurança e identidade para os indivíduos e grupos sociais, um aspecto fundamental da existência humana no mundo.

O desarraigo ou desenraizamento, que conduz as pessoas para fora do lugar, é responsável por muitos problemas psiquiátricos da sociedade atual como, por exemplo, o alcoolismo, investigado no já referido trabalho de Godkin (1985, p. 252) que pesquisou um grupo de alcoólicos, limitando-se a três deles devido à complexidade da pesquisa. O autor, que já tinha investigado a experiência humana do estresse relacionado ao espaço, tempo e lugar (Goodkin, 1977), concluiu nos estudos que os alcoólicos trazem em suas memórias lugares-imagens positivas ou negativas de acordo com as fases da sua vida. Para ele o conhecimento das relações entre os lugares e as experiências humanas pode auxiliar no desenvolvimento de técnicas terapêuticas que resgatem situações ou entornos que propiciem o bem-estar ao indivíduo.

De acordo com Jiménez (2004), a realidade contém dois mundos: o mundo dos lugares e o mundo dos não-lugares. No mundo dos lugares, a cultura se baseia nos postulados essenciais da Razão e também na palavra, como veículo do pensamento reflexivo e do conhecimento objetivo de um mundo fundado ontologicamente. Este mundo é sustentado pelos valores metafísicos do Bem e da Verdade, e imperam fortes princípios de diferenciação entre o bom e o mau, o real e o fictício, o verdadeiro e o falso e o belo e o feio. O outro pólo da realidade, o mundo dos não-lugares, já não é físico, nem local e supõe uma desterritorialização e desurbanização da vida humana. Nele foi abolida a dimensão espacial dos contatos humanos, já não se vive, somente se co-existe; assim, a tênue identidade é meramente representacional.

A importância do estudo do lugar dentro da Geografia continua sendo defendida por muitos, pois ele integra e espelha nossa análise de mundo com as interconexões entre concepções e usos do próprio lugar. Neste sentido, Sack defende que,

Puesto que tenemos unas buenas razones experimentales para creer que el lugar constituye un concepto central y en proporcionar una base común para nuestro análisis del mundo, la geografía debería esforzarse en comprender las maneras en que múltiples concepciones y usos del lugar pueden interconectarse. (SACK, 1988, p. 240).

Machado (1988, p. 04) encoraja os estudos com os lugares e as paisagens observando que ainda não foram identificados e estudados os profundos vínculos cognitivos e afetivos envolvidos na experiência humana com o meio ambiente. Por isso, acreditamos que este conhecimento deve emergir dos estudos de percepção do meio ambiente que auscultem as pessoas na convivência cotidiana de seus lugares e paisagens, condição primeira para se conhecer a identidade e a construção destes espaços-vida tão preciosos e tão dilapidados na atualidade. É o caso do Brasil, rico em tantos lugares que são aniquilados (na prática do topocídio) em seus recursos naturais e culturais a cada dia, e a situação de Rondonópolis não é diferente. Eis o desafio: conhecer a verdadeira identidade do lugar em Rondonópolis desconstruindo seus principais rótulos históricos: *rainha do algodão* e *capital do agronegócios*.

O grande desafio para o geógrafo é permear as relações e mediações geográficas que existem entre o lugar como realidade objetiva ou espaço vivido e o lugar como realidade a ser explicada. No cerne deste dilema teórico e metodológico reside a clássica tensão geográfica, já apontada por Eric Dardel (1952), entre o conhecimento e a existência, em outras palavras, entre a explicação e a experiência. Acima de tudo, é necessário considerar o lugar como horizonte de expectativa e espaço de experiência: o primeiro, contendo os desejos, sonhos e projetos e o segundo, a cultura, ideologia, tradição e trabalho. A natureza das relações entre o homem e o lugar requer uma abordagem contextual bem elaborada, balizada na percepção dos signos, imagens e símbolos das práticas cotidianas, e da constante interação entre ambos.

CAPÍTULO 2

PAISAGEM GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS - MT

Oh! Paisagens do Cerrado,
Apropriadas e exploradas.
Oh! Paisagens quietas e frias,
Presas em mãos privadas.

[...]

Oh! Paisagens do Cerrado
Da beleza de outrora;
Devastada pelo trator
já deixou de ser sonora.

[...]

Oh! Paisagens do Cerrado...
Ao apropriar-se de ti,
Ignora o perdido homem
Que perde um pouco de si.

[...]

Oh! Paisagens do Cerrado,
Não percebidas...
Não vividas...
Não amadas...

[...]

Sturza, José A. I. **Vozes da paisagem**. Jornal A Tribuna, 22 fev. 2003.

As palavras acima ilustram como a beleza natural das paisagens do Bioma Cerrado tem sido tão dilapidada em nome do crescimento econômico, sendo que ela serviu de suporte ecológico e palco para a ação antrópica que molda as diferentes paisagens da região e de Rondonópolis.

Neste ponto, é importante discutirmos o que se entende por paisagem, uma vez que este conceito apresenta certa complexidade, pois se refere aos diversos padrões interativos entre o homem e o ambiente.

De acordo com Cosgrove (1998, p. 98) a paisagem

[...] está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar a aperfeiçoar o meio ambiente.

Paisagem já foi entendida como: uma “combinação dinâmica, dialética e instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos” (BERTRAND, 1971, p.02); “resultado da interação entre a estrutura geoecológica e a estrutura socioeconômica” (VILÀS, 1992, p.

137); conjunto de elementos do domínio natural, humano, social ou econômico articulados (CHRISTOFOLETTI, 1982) e “campo de batalhas de processos econômicos, sociais e biológicos contraditórios que resultam na deteriorização paisagística” (LEITE, 1994, p. 94). As concepções de paisagem aqui apresentadas nos permitem concluir que seu conceito de paisagem não comporta apenas uma conotação descritiva e fisionômica dos elementos e processos que a constitui, mas que “revela, concretamente, as relações entre a sociedade e natureza” (RIBEIRO, 1989, p. 321).

Sturza (1999, p. 13) entende que paisagem é conceito operacional, pois conjuga “elementos naturais e tecnificados, sócioeconômicos e culturais”, conceito esse que permite uma dimensão analítica do espaço. A análise das “inter-relações básicas entre os elementos naturais e sócio-econômicos da paisagem possibilitam um diagnóstico das condições naturais do potencial ecológico e exploração biológica” (STURZA, 1999, p. 96), bem como a avaliação das interferências da ação antrópica sobre ela. Os reflexos dos modos de produção estão incrustados na paisagem, evidenciados em suas formas, espaços, tempos e lugares distintos.

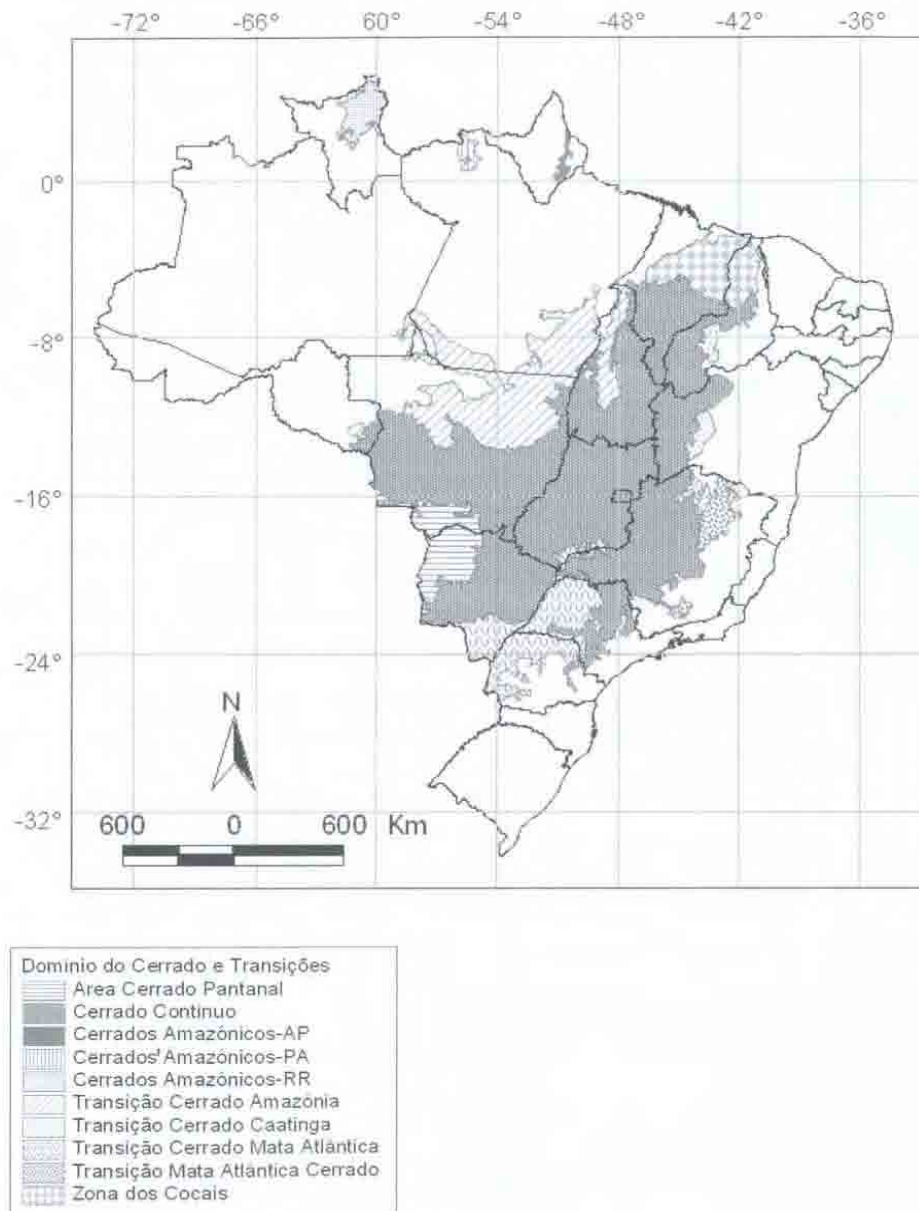
Para o propósito da pesquisa, e a título de sermos didáticos entendemos a paisagem geográfica como sendo constituída pela paisagem natural, paisagem construída e paisagem cultural. A primeira paisagem se refere estritamente à já comentada primeira natureza enquanto a segunda e a terceira correspondem a segunda (MENDONÇA, 1992, p. 23). Estas últimas são produtos da história humana.

2.1 O Bioma Cerrado e as paisagens naturais

A paisagem natural do município de Rondonópolis compreende o mosaico de paisagens do Bioma Cerrado, que requer uma apresentação específica devido à importância de sua flora e fauna, ao alto grau de antropização a que está submetido nos dias atuais e à falta de políticas públicas para sua preservação e conservação.

O Bioma Cerrado (**Figura 3**) começou a ser formado com os primeiros vegetais (angiospermas), há aproximadamente 75 milhões de anos atrás, entre o Cretáceo Superior e o Terciário Inferior, que possibilitaram o surgimento dos primeiros répteis e aves logo a seguir, no Período Jurássico (há 150 milhões de anos).

A vegetação fechada do Cerrado, difícil de ser penetrada pelo homem, quando já tinha sido quase totalmente descaracterizada em 85 milhões de hectares, que equivale a 48% da superfície total do Bioma no Brasil. Em sua aparente uniformidade, esconde uma rica biodiversidade, estimada em um terço da biota brasileira e cerca de 5% da fauna e flora mundial (WWF, 1995).



Elaboração: LEMTO (Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades), Departamento de Geografia da UFF (Universidade Federal Fluminense)

Figura 3– Localização da área original do Bioma Cerrado e demais Biomas brasileiros.

Fonte: SILVA, Carlos E. M. *Lugar-habitat e lugar-mercadoria: territorialidades em tensão no domínio dos cerrados*. In: ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K.; PEREIRA, D. B. (orgs.). **A insustentável leveza da política ambiental** – desenvolvimento e conflitos socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 219.

Para tentar frear a degradação e a extinção de muitas espécies, o Cerrado foi incluído, em 1999, entre as vinte e cinco áreas de maior biodiversidade ameaçadas pela ação humana (“*hotspots*”) pela ONG “Conservation International”, uma vez que havia perdido 78,4% dos seus 1,78 milhão km² originais.(JOHN, 2002). É preciso refletir sobre os números da sua biodiversidade, que tem apenas “[...] 1,5 % de área protegida e menos de 20% de área original habitadas por 6.429 espécies de plantas vasculares numa proporção de até 300 espécies por hectare [...]”, comparável às ricas formações florestais (FELFILI, 2001). Soma-se a estes dados o pequeno conhecimento (quase todo da sabedoria popular) sobre a utilização de vegetais do Cerrado na alimentação humana – até 79 espécies de frutos como, por exemplo, o araticum (*Annona crassiflora*), o buriti (*Mauritia flexuosa*), a bacaba (*Oenocarpus distichus*), o murici (*Byrsonima crassifolia*) e o piqui (*Caryocar brasiliense*). É o ambiente de maior variedade de frutos comestíveis do mundo (BITTENCOURT, 1993, p. 13) e de inúmeras espécies medicinais já conhecidas.

Porém, a paisagem do Cerrado oferece um aprendizado: a fraqueza de um homem que a destrói e a renovação do homem que a percebe na leitura individual e social. É um instrumento de topo-análise do espaço interior e exterior que se transmutam na *poética do espaço* (Bachelard, 2000).

A diversidade paisagística do Cerrado (**Figura 4**) foi descrita da seguinte forma:

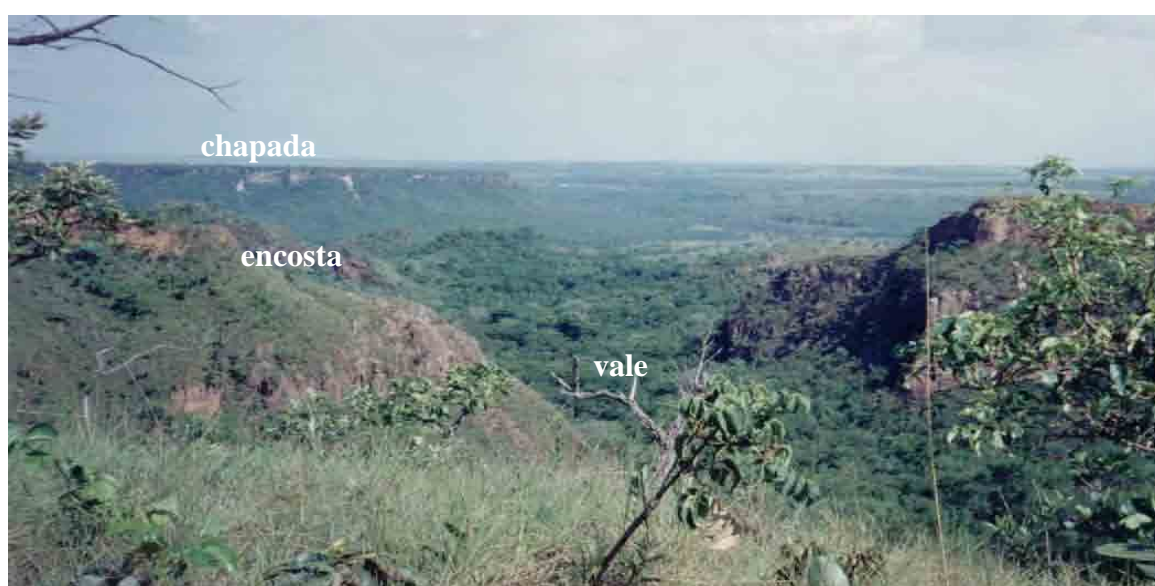


Figura 4 – Feições geomorfológicas do Cerrado no baixo ribeirão Ponte de Pedra – Rondonópolis - MT.

Foto do autor.

Cada paisagem do Cerrado é um laboratório natural de complexas inter-relações entre as ações humanas e as reações da natureza em diversos graus de estabilidade ou equilíbrio entre a produção e o consumo de matéria e energia. Cada elemento da paisagem origina-se e sobrevive na relação com o conjunto não podendo ser definido como algo isolado, nem mesmo o próprio homem. Assim é numa paisagem de *chapada* onde a lavoura se estende até o horizonte associada às condições pedológicas e topográficas que se por um lado beneficiam a mecanização, por outro recebem um impacto ambiental de compactação do solo. As paisagens das *encostas*, diversificadas em condições ecológicas, propiciam ao observador uma riqueza de detalhes resultantes de arranjos naturais da intrincada simbiose do mundo vivo e não-vivo modelada no contorno topográfico com diferentes graduações fitofisionômicas do Cerrado. Já nos *vales* a componente hidrológica disciplina as regras para a presença e natureza da vegetação e fauna em ambientes de preservação e refúgio ecológico de diversas espécies animais e vegetais que reorganizaram novas relações ecológicas em espaços vitais mais diminutos, porém essenciais para sua sobrevivência (STURZA, 2002b).

O Cerrado não está protegido por uma legislação específica que o preserve, como é o caso da Mata Atlântica, comumente mostrada na mídia; porém, representa o grande celeiro mundial de produção agrícola e é mais conhecido pela área agricultável passível de expansão do que pela área já modificada pelo homem, conforme se vê no texto a seguir.

Na safra 2002/2003, o Cerrado brasileiro foi responsável por 58% da produção nacional de soja, sendo os níveis de produtividade de estados como Mato Grosso (3.100 kg/ha) e Goiás (2.900 kg/ha) superiores aos da média nacional (2.765 kg/ha). Exemplos como esses podem ser estendidos a outras culturas, como a do algodão, do milho, do arroz e do feijão, nas quais o Cerrado contribui com 76%, 27%, 18% e 17% da produção nacional, respectivamente. Mais recentemente, o cenário agrícola dessa região foi enriquecido com as culturas do girassol, da cevada, do trigo, da seringueira e dos hortifrutigranjeiros. Na pecuária, os números também são bastante expressivos, pois nessa região estão 41% dos 163 milhões de bovinos do rebanho nacional, responsável por 55% da produção nacional de carne. ([Http://www.cpac.embrapa.br/ocerrado.htm](http://www.cpac.embrapa.br/ocerrado.htm), 2004)

4

No estado de Mato Grosso, o Código Ambiental (Lei Complementar n° 38 de 21 de Novembro de 1995) não se refere uma única vez ao Cerrado, que continua desamparado por normas específicas acompanhando a Constituição Federal, na qual o ecossistema também não tem proteção. Porém, a Política Estadual do Meio Ambiente estabelece que deve ser obedecido o princípio de “consideração da disponibilidade e limites dos recursos ambientais, face ao desenvolvimento e à dinâmica demográfica do Estado e racionalização do uso do solo, do subsolo, da água, da fauna, da flora e do ar” (MATO GROSSO, 1995), que se dissipa

perante a realidade, uma vez que não se estabeleceu quantitativa e qualitativamente o limite e a disponibilidade dos recursos ambientais. O zoneamento ambiental do estado é mais um estudo de bases e fins agroflorestais do que algo que discipline a diversidade de atividades antrópicas, obedecidas as condições de suporte ecológico das paisagens do Cerrado. Preocupa-se muito com as aptidões pedológicas, hidrológicas e meteorológicas, e pouco com as interações existentes entre a flora e a fauna da paisagem, que também contribuem para a estabilidade, sustentação e conservação natural desta.

A paisagem brasileira é um recurso “ambiental integrante do meio ambiente e compreende o patrimônio cultural, sendo inseparável do processo civilizatório nacional e considerada um bem de valor protegido pela lei”, na Constituição Federal, Artigo 23, III e IV e Artigo 24, VII e VIII (BRASIL, 1988). Entre as paisagens que requerem atenção especial está a do Bioma Cerrado pelo atual grau de intervenção humana e pela grande biodiversidade e elevado número de espécies em vias de extinção.

O Cerrado brasileiro apresenta um extraordinário potencial para a produção de diversos produtos que são fundamentais, sobretudo para acabar com a fome – crime hediondo – no nosso país, devendo ser explorados com a visão do conservacionismo, cujas “medidas normativas para a sua racional ocupação devem ser urgentemente efetivadas, embasadas em estudos e pesquisas, evitando-se a sua deterioração, com prejuízos para toda a humanidade” (SILVA, 2002).

O município de Rondonópolis, objeto desta pesquisa, localiza-se na região Sul do Estado de Mato Grosso (**Figura 5**), na Mesorregião Sudeste Mato-grossense, com área de 4.258,20 km² (ACIR, 2003, p. 11) e que representa aproximadamente 0,48% da área total do estado. É o terceiro município na ordem econômica estadual e um importante entroncamento rodoviário ligando as regiões Norte e Sul do país, sendo considerado o *Portal da Amazônia*.

Limita-se ao norte com os municípios de Juscimeira e Poxoréo; ao sul, com Itiquira e Pedra Preta; a oeste, com Santo Antônio do Leverger e Juscimeira e a leste, com São José do Povo e Pedra Preta. Situado na Mesorregião Sudeste Mato-grossense e na Microrregião de Rondonópolis (MRH 336) a 213 km da capital Cuiabá, está dividido em quatro distritos: Vila Operária, Boa Vista, Anhumas e Nova Galiléia, além da sede. Sua localização geográfica está estabelecida pelas seguintes coordenadas geográficas: 15° 57' 47" e 17° 18' 00" S e 53° 32' 00" e 55° 01' 45" W.

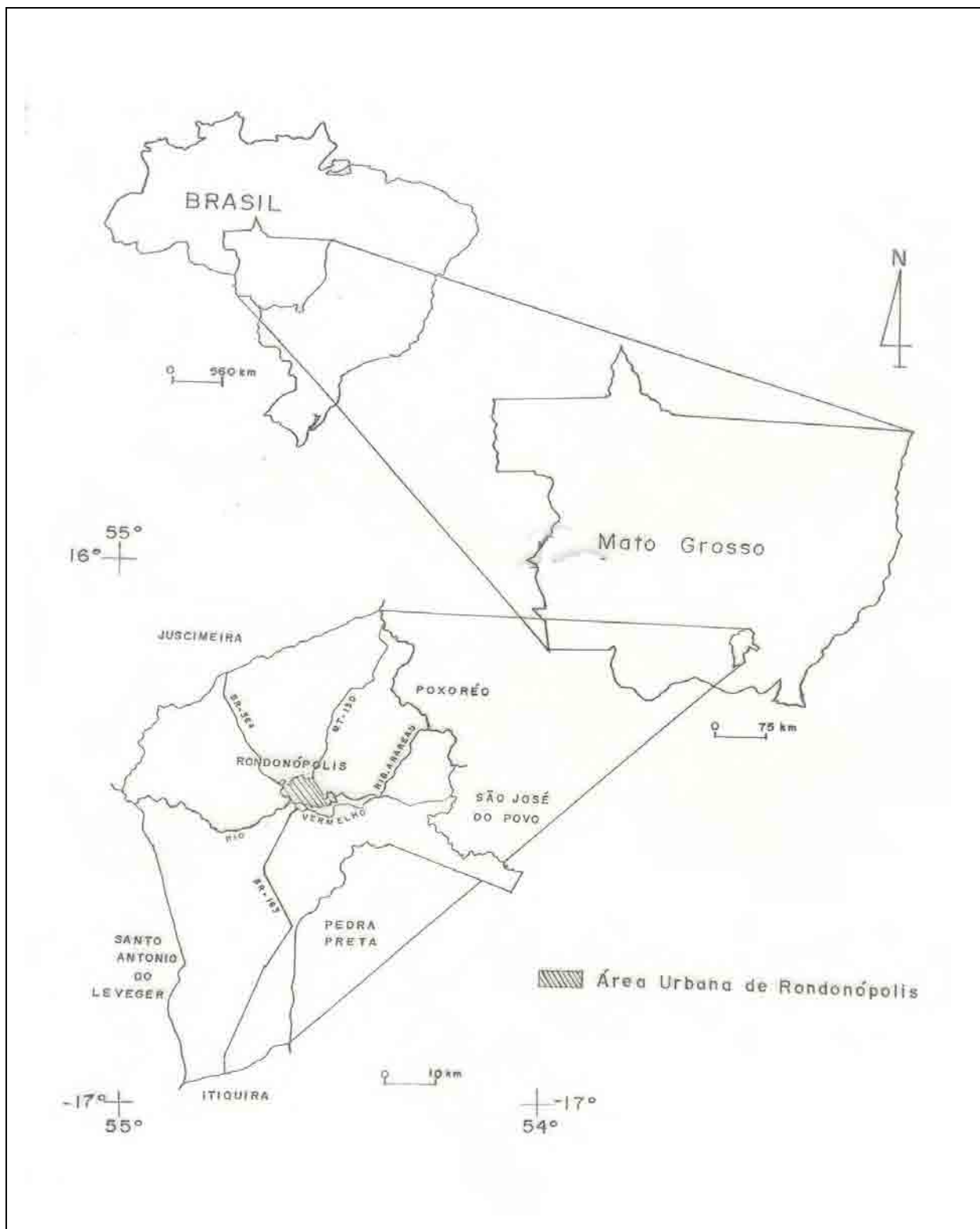


Figura 5 - Localização do município de Rondonópolis – MT.

Organizado pelo autor, 2005.

O clima é o grande responsável pela estrutura externa e interna da paisagem natural, sendo o primeiro aspecto abordado nesta pesquisa, em seus elementos de circulação atmosférica regional, temperatura e precipitação.

2.1.1 Caracterização climática: do regional ao local

Christofoletti (1990) comenta que, apesar de não materializável e visível na superfície terrestre, o clima é um fator mobilizador e controlador dos processos na dinâmica da paisagem e interfere, especialmente, nas condições pedológicas, hidrológicas, fitossociológicas e agrícolas.

Nimer (1989) adota a classificação climática de Köppen e atribui à região de Rondonópolis um clima quente e úmido, equivalente ao clima tropical (AW), com duas estações bem marcadas (seca e chuvosa). Este tipo climático regional apresenta uma homogeneidade marcada “[...] por uma marcha estacional das precipitações e os sistemas de circulação atmosférica” e uma diferenciação nos elementos de temperatura e balanço hídrico.

Este autor apresenta cartogramas para a região Centro-Oeste e os seguintes dados médios para a região de Rondonópolis:

- Temperatura média do mês mais quente: 25°C.
- Temperatura média do mês mais frio: 19°C.
- Temperatura média das máximas: 33°C.
- Temperatura média das mínimas: 13°C.
- Temperatura máxima absoluta: 40°C.
- Precipitação média anual: 1.250 a 1.500 mm.
- Percentagem de precipitação máxima em 3 meses consecutivos: 45 a 50%.
- Meses de precipitação máxima: dezembro, janeiro e fevereiro.

Para a caracterização do clima regional e local coletamos os dados da Estação Meteorológica Mestre Jorge Bomble, que iniciou seus registros em 1992, no Campus Universitário de Rondonópolis, sob a responsabilidade do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Exatas e Naturais e constitui o único local de registros meteorológicos oficiais da região, atualmente. As Tabelas abaixo contêm dados de temperatura e precipitação para o período 2000-2004 e revelam as duas estações típicas do clima tropical: a seca e a chuvosa, caracterizadas pela pequena amplitude térmica e baixas precipitações mensais (estação seca) e altas precipitações mensais (estação chuvosa).

Tabela 1 – Temperatura média mensal e anual na Estação Meteorológica Mestre Jorge Bombled – UFMT – Rondonópolis - MT – período: 2000/2004

Meses Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Média Anual
2000	25,0	24,3	25,0	24,1	22,3	20,2	17,7	23,7	24,0	26,2	25,8	25,3	23,6
2001	25,0	25,0	24,7	24,3	21,3	18,5	20,1	22,0	24,0	26,0	25,0	24,9	23,4
2002	26,0	25,1	21,4	26,0	24,5	22,4	23,8	26,0	27,4	27,8	27,1	26,4	25,3
2003	25,9	25,2	21,4	24,7	22,7	22,3	22,3	25,2	26,2	25,8	26,0	26,4	24,8
2004	25,8	25,7	26,1	24,7	22,6	22,3	21,8	24,2	27,1	27,1	26,3	26,2	25,1
Média	25,5	25,0	23,7	24,7	22,6	21,1	21,1	25,0	25,7	26,5	26,0	25,8	24,3

Fonte: Laboratório de Climatologia – DEGEO/ICHS/CUR – UFMT. Rondonópolis, 2005.

Observa-se a pequena variação nos valores térmicos, seja nos dados mensais ou anuais, resultante da baixa amplitude térmica, fenômeno típico do clima tropical, que domina o Planalto Central Brasileiro e a região. As médias mais baixas, nos meses de junho, julho e agosto, expressam a ocorrência da *friagem*, fato responsável por baixas temperaturas provocadas pela entrada de massas polares que chegam a atingir até a Amazônia. As médias relacionadas na Tabela acima resultam de três coletas diárias na Estação citada: 9:00 h, 14:00 h e 20:00 h.

Tabela 2 - Precipitação média mensal e total anual na Estação Meteorológica Mestre Jorge Bombled - UFMT – Rondonópolis - MT - período: 2000/04

Meses Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total Anual
2000	134	200	263	49	12	101	2	2	87	113	147	142	1252
2001	206	113	175	127	48	1	0	9	26	84	150	348	1287
2002	311	434	168	35	8	0	7	20	23	94	114	272	1485
2003	240	302	209	234	40	0	0	0,0	35	84	94	265	1503
2004	274	271	69	94	43	0	41	0,0	39	76	194	302	1403
Média	233	264	176,8	109,8	30,2	20,4	10	6,2	42	90,2	139,8	265,8	13886

Fonte: Laboratório de Climatologia – DEGEO/ICHS/CUR – UFMT. Rondonópolis, 2005.

A temperatura e a precipitação, nos números acima, são típicas do clima tropical, com um período seco de quatro a cinco meses e, regionalmente, sofrem a influência também das feições geomorfológicas regionais.

2.1.2 Elementos geológicos e geomorfológicos

O município de Rondonópolis está localizado na borda noroeste da bacia sedimentar do Paraná e é constituído essencialmente de terrenos paleozóicos (devonianos e

permo-carboníferos) e cenozóicos terciários (**Quadro 1**). Devido a esta geologia variada, o modelado do município é representado por uma depressão, onde se encontra localizado o sítio urbano, em altitude inferior a 300 metros. Esta depressão é contornada por áreas mais elevadas: ao norte, os morros-testemunho e ao sul, chapadões com altitudes médias próximas a 400 m. Porém, é necessário relacionar os processos e as fases principais da evolução geológico-geomorfológica da região circunvizinha ao município.

Quadro 1- Geologia do município de Rondonópolis - Mato Grosso.

<i>Era</i>	<i>Período</i>	<i>Formação geológica</i>	<i>Litologia</i>	<i>Ambiente</i>
CENOZÓICA	Quaternário	Aluviões atuais (Ha)	Areias, siltitos, argilas, cascalhos	Fluvial
	Terciário	Cachoeirinha	Sedimentos arenosos com concreções lateríticas ferruginosas e/ou limoníticas	Continental semi-árido
MESOZÓICA	Cretáceo	Bauru (Kb)	Conglomerados grosseiros, arenitos com intercalações de calcário	Continental flúvio-lacustre em clima variado
	Jurássico	Botucatu (JKb)	Arenitos eólicos, localmente fluviais com estratificação laminar	Continental eólico em clima desértico
	Triássico	-	-	-
PALEOZÓICA	Permiano	Palermo (Pp)	Siltitos silificados e bancos de sílex	Marinho nerítico e litorâneo
	Carbonífero	Aquidauana (Pca)	Arenitos, siltitos e folhelhos	Fluvial, lacustre e aluvial
	Devoniano	Ponta Grossa (Dpg)	Siltitos, folhelhos azulados e violáceos com arenitos intercalados	Marinho profunda
		Furnas (Sdf)	Arenitos grosseiros, branco-amarelados friáveis	Marinho costeira ou continental fluvial (?)

Fonte: Sturza (1999).

A geomorfologia do município foi classificada por Ely (1998, p. 82-87) em cinco compartimentos morfológicos: “Áreas de Acumulação Fluvial”, “Domínio de Formas Degradacionais de Baixa Convexidade”, “Domínio de Formas Degradacionais de Média Convexidade”, “Domínio de Formas Degradacionais de Alta Convexidade” e “Domínio de Formas Tabulares”.

- “Áreas de Acumulação Fluvial”: ocorrem, em maior extensão, na confluência do Rio Vermelho com o Rio Tadarimana (altitudes entre 200 e 300 metros) e na confluência do

Rio Vermelho com o Rio São Lourenço (altitudes inferiores a 200 metros). Caracterizam-se pela mudança nos leitos dos rios, formando meandros abandonados.

- “Domínio de Formas Degradacionais de Baixa Convexidade”: localiza-se a leste, em escarpas pequenas e estruturas residuais, onde está localizada a Reserva Tadarimana, entre os rios Tadarimana e Jurigue. São ocupadas por pastagens e chácaras nas áreas mais próximas ao sítio urbano.
- “Domínio de Formas Degradacionais de Média Convexidade”: ocorre no centro e norte do município, com escarpas de variadas dimensões e alguns morros testemunhos resultantes de processos erosivos fluviais em rochas sedimentares.
- “Domínio de Formas Degradacionais de Alta Convexidade”: situa-se no extremo leste e norte do município. No leste é representado pela Serra Formosa, que chega até 720 metros. No extremo norte aparecem escarpas escalonadas com altitudes entre 360 e 640 metros.
- “Domínio de Formas Tabulares”: desenvolve-se ao sul, com altitudes entre 400 e 520 metros, com relevo esculpido, principalmente, pelo ribeirão Ponte de Pedra. Um vasto chapadão – Chapadão Ponte de Pedra – representa uma superfície de aplainamento regional, onde se localizam as maiores áreas agrícolas do município, com o cultivo de soja, algodão e milho.

2.1.3 Solos e vegetação natural

Sturza (1999 e 2001a) levantou algumas informações importantes sobre os solos do município de Rondonópolis, resumindo suas características da seguinte forma:

O Município de Rondonópolis, assim como o Estado de Mato Grosso, apresenta uma diversidade de paisagens edáficas resultantes de: superfícies morfopedológicas antigas (chapadas) com latossolo; áreas de erosão fluvial (depressões embutidas ou marginais) com areias quartzosas; áreas de acumulação fluvial, com as areias hidromórficas e solos glei, além das escarpas e bordas dissecadas com solos litólicos. (STURZA, 2001a, p. 24).

A **Figura 6** mostra a ocorrência espacial dos diferentes solos do município e auxilia no entendimento do uso do solo e da própria destruição do Cerrado.

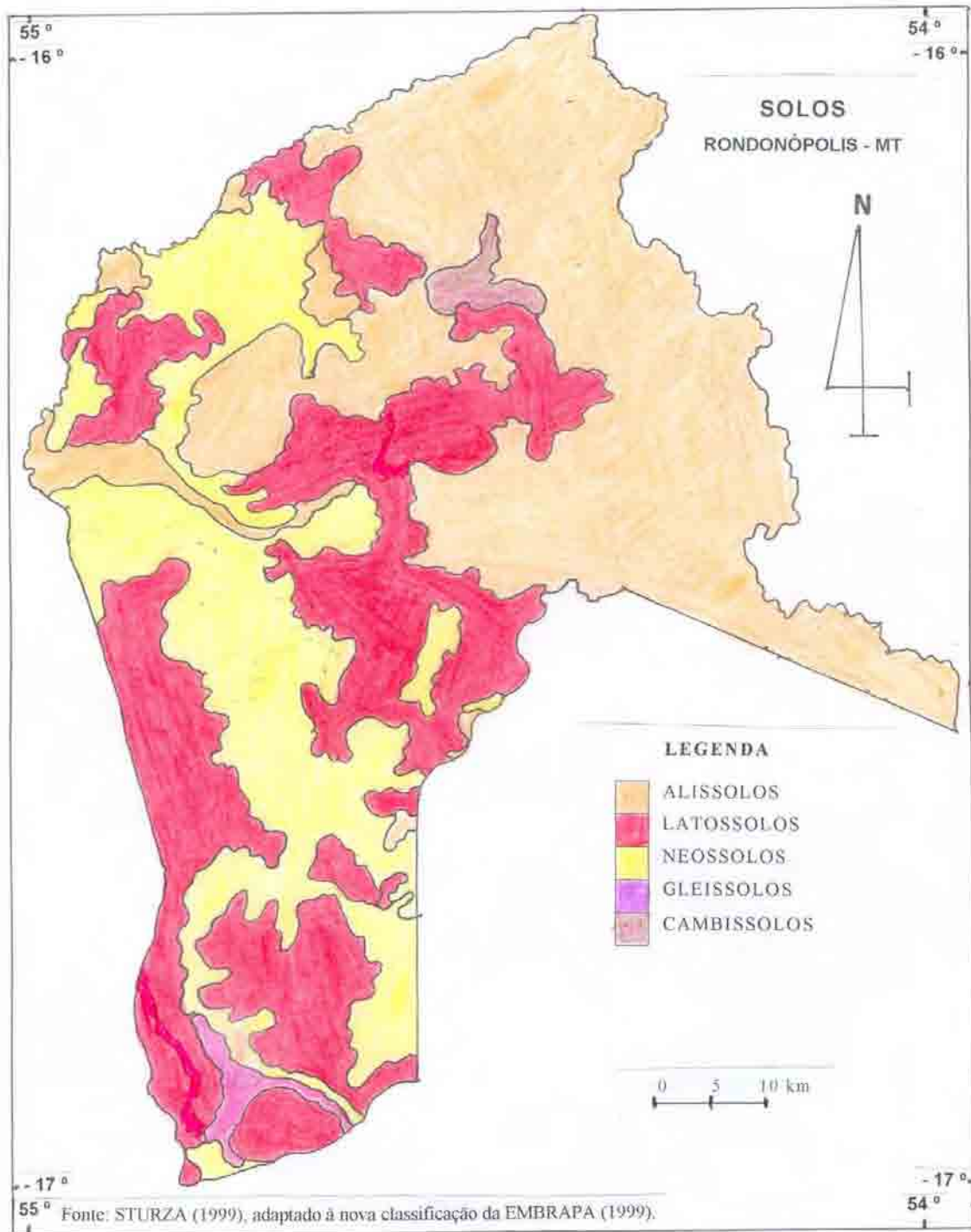


Figura 6 – Solos do município de Rondonópolis.
Organizado pelo autor, 2005.

No **Quadro 2** apresentamos a classificação dos solos de Rondonópolis, adaptada à Nova Classificação para os Solos Brasileiros (EMBRAPA, 1999), caracterizando-os segundo a textura, cor, drenagem e relevo.

Quadro 2 – Principais tipos de solos do município de Rondonópolis – MT.

Características Tipos de solos	CARACTERIZAÇÃO	OCORRÊNCIA
Alissolos	Horizonte B textural e horizontes distintos. Solos minerais não hidromórficos, variando de vermelho a acinzentado. Profundidade variada e textura de média a argilosa. Drenagem irregular.	Ocorrem desde o relevo ondulado a montanhoso.
Cambissolos	Horizonte B câmbico. Solos minerais não hidromórficos amarelo a Bruno. Raso a profundo com textura arenosa a argilosa. Drenagem muito variada.	Relevo variado de ondulado a montanhoso.
Gleissolos	Ausência do horizonte B, presença de horizonte glei. Solos pouco desenvolvidos. Solos hidromórficos e cor variando de cinza, azulado a esverdeado. Pouco profundo de textura arenosa a muito argilosa.	Relevo plano (terraços, planícies aluviais).
Latossolos	Horizonte B latossólico, pequena distinção entre horizontes e muito evoluídos. Cor variando de amarelo a vermelho-escuro acinzentado	Relevo varia de plano a montanhoso
Neossolos	Solos pouco desenvolvidos sem horizonte B. Podem ser solos minerais ou orgânicos, hidromórficos ou não. A cor varia entre vermelho, amarelo ou mais clara. A textura é arenosa e a profundidade entre raso e muito profundo. Drenagem varia entre excessiva a mal drenado.	Ondulado à forte ondulado.

Fonte: STURZA (1999 e 2001a), MIRANDA (2001) e EMBRAPA (1999).

Na organização das paisagens o solo corresponde a um elemento estruturador e de extrema importância na exploração biológica, em especial, na atividade agrícola. Trata-se de um elemento indispensável no estudo integrado das paisagens, pois a sua tipologia define diferentes tipos de paisagens a partir da associação vegetal existente num determinado local.

A vegetação natural é um dos elementos mais significativos na estrutura das paisagens, devido a sua inter-relação com os elementos bióticos e influência nos elementos e processos abióticos.

O Projeto Radambrasil (Brasil, 1982), Sanchez (1982), Sant`Anna *et al.* (1989) e o Manual Técnico de Vegetação (IBGE, 1990) consideram a vegetação natural de Rondonópolis dentro das regiões fitogeográficas das savanas e florestas, divididas em subgrupos de acordo com a fisionomia e o ambiente. Segundo estes autores, a vegetação primitiva está dividida nas seguintes formações: **savana arbórea aberta, savana arbórea densa, savana gramíneo-lenhosa, floresta estacional decidual submontana e floresta estacional aluvial**. Entretanto, o Cerrado já é tido por alguns autores (TROPPEMAIR, 2002, p. 78) como uma vegetação “sui generis”, merecendo uma classificação própria.

Eiten (1993) apresenta uma classificação simplificada do Cerrado, que possui nítidas diferenças dos outros tipos fisionômicos enquadrados na categorização internacional de savanas. O autor classificou o Cerrado seguindo a progressão vegetacional em: **campo limpo de cerrado, campo sujo de cerrado, o campo cerrado, cerrado** (sentido restrito) e o **cerradão**.

Ferreira (2003) analisou as diferentes classificações fisionômicas para o Cerrado e concluiu que a fisionomia de maior consenso é a de Ribeiro e Walter (1998, p. 104 - 152), na qual são descritas três formações, divididas em onze tipos fitofisionômicos gerais. A classificação é a seguinte: Formações Florestais (Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e Cerradão), Formações Típicas de Cerrado (Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda) e Campestres (Campo Sujo, Campo Rupestre e Campo Limpo).

O **campo limpo** e **campo sujo de cerrado** se dispersam por todo município, em locais de antigos desmatamentos ou lavouras abandonadas, favorecidos pela fácil regeneração do Cerrado, notadamente em suas espécies herbáceas e de gramíneas.

O **campo cerrado** apresenta árvores e arbustos cobrindo menos de 10% do terreno, com a camada rasteira predominante não ultrapassando 1 metro de altura em consequência de queimadas durante a estação seca. O **cerrado** (sentido restrito) possui árvores de até 7 metros de altura e consiste no cerrado *strito sensu*, uma formação campestre entremeada com plantas lenhosas anãs, sem estrato arbóreo mais desenvolvido quando não tiver mata-de-galeria. Nesta situação, pode apresentar veredas com buritizais (*Mauritia vinífera*), que também ocorrem em vários trechos de nascentes e leitos de pequenos córregos em condições hidrológicas adequadas e sensíveis à interferência antrópica, pois regulam as condições hídricas, pedológicas e biológicas de fauna e flora.

No Cerrado aparece a mata-de-galeria nas proximidades de rios e córregos, cobrindo vales e interflúvios de terrenos cretáceos (formação Bauru) e permocarboníferos (formação Ponta Grossa) que afloram no município. Esta formação vegetal foi quase totalmente devastada, pois ocorre, na maioria das vezes, em condições topográficas e pedológicas favoráveis à agricultura, cujas lavouras substituíram, em grande parte, a sua paisagem original.

O **cerradão** é caracterizado por um estrato arbóreo mais desenvolvido, de porte intermediário entre o cerrado e a floresta, atingindo em média 10 metros e, às vezes, até 18-20 metros. É comum nas regiões mais onduladas do Alto Ponte de Pedra, conformando muitas vezes “[...] mosaicos e integrações florísticas com espécies de floresta caducifólica” (SANCHEZ, 1982, p.113). Ocupa, preferencialmente, terrenos da formação Aquidauana, que

representam as chamadas *terras de cultura*, um grande atrativo para o início do povoamento. Por este motivo foi uma formação também muito desmatada para abertura de roças e pastos, com exceção das áreas mais dissecadas.

A floresta estacional decidual submontana é uma formação vegetal que apresenta uma decidualidade em mais de 50% das espécies na estação seca, especialmente aquelas do estrato superior, que podem atingir até 15 metros. O grau decidual nas folhas depende das condições de relevo, solo e disponibilidade hídrica. A sua maior área de ocorrência é na região mais dissecada do baixo Ponte de Pedra, apresentando-se, às vezes, como área de tensão ecológica, isto é, de contato entre floresta e cerrado. A preservação atual deve-se ao difícil acesso, contudo não escapa do fogo e do desmatamento nas áreas de menor declividade.

A vegetação constitui um elemento importante para as paisagens naturais do Cerrado, pois ela mantém uma íntima ligação com a geologia, geomorfologia, solos, drenagem e o uso do solo local. Isto pode ser observado no perfil paisagístico construído para o Baixo Ribeirão Ponte de Pedra, no município de Rondonópolis.

As paisagens naturais do Cerrado, embora muito alteradas e degradadas atualmente, ainda são referenciais importantes na identidade do lugar e nas paisagens humanizadas que constituem a paisagem construída. O homem constrói uma paisagem a partir da ocupação e uso de um espaço, no qual deixa as marcas das suas atividades.

2.1.4 Paisagens naturais de Rondonópolis

Sturza (2001a) identificou e caracterizou as paisagens de Rondonópolis a partir dos conceitos Potencial Ecológico, Exploração Biológica e Ação Antrópica de Bertrand (1978).

O **Quadro 3** apresenta as principais unidades de paisagens para o município de Rondonópolis: **PAISAGENS NATURAIS DISSECADAS e FLORESTADAS, CHAPADÕES COM AGROSSISTEMAS, PAISAGENS DE PEDIPLANO E DEPRESSÃO COM USO AGROPASTORIL e PAISAGENS DE PLANÍCIES ALUVIAIS.**

Quadro 3 – Principais paisagens do município de Rondonópolis – MT.

GRUPO DE PAISAGENS	POTENCIAL ECOLÓGICO	EXPLORAÇÃO BIOLÓGICA	AÇÃO ANTRÓPICA
I - PAISAGENS NATURAIS DISSECADAS e FLORESTADAS			
<i>I a - “Canyon” e Escarpas do Ponte de Pedra</i>	Arenitos e siltitos devonianos intercalados. Superfície de dissecção forte com relevo ondulado. Escarpa de “cuesta”, com ação erosiva e tectônica. Rio encaixado com corredeiras. Drenagem paralela adaptada. Precipitação média anual entre 1.600 a 1.800 mm e temperatura média anual de 25° C.	Solos litólicos com afloramentos rochosos e areias quartzosas distróficas. Floresta semi-decidual submontana e aluvial com mata-de-galeria, com ou sem veredas.	Vegetação natural preservada, mas sujeita ao fogo. Pecuária em pastagem nativa ou cultivada, em pequenas áreas.
Bacia do Córrego Mateirinha (Ib)	Arenitos e siltitos devonianos intercalados. Superfície de dissecção forte com relevo ondulado. Escarpa de “cuesta”, com ação erosiva e tectônica. Rio encaixado com corredeiras. Drenagem paralela adaptada. Precipitação média anual entre 1.600 a 1.800 mm e temperatura média anual de 25° C	Arenitos e siltitos devonianos intercalados. Superfície de dissecção forte com relevo ondulado. Escarpa de “cuesta”, com ação erosiva e tectônica. Rio encaixado com corredeiras. Drenagem paralela adaptada. Precipitação média anual entre 1.600 a 1.800 mm e temperatura média anual de 25° C	Vegetação natural preservada, mas sujeita ao fogo. Pecuária em pastagem nativa ou cultivada, em pequenas áreas.
<i>I b - Bordas de Serras e Chapadões</i>	Arenitos e cobertura detrito-laterítica com sedimentos inconsolidados. Superfície bastante dissecada, com relevo ondulado e forte ondulado nas escarpas. Rebordo de chapada com encostas complexas. drenagem com várias nascentes. Precipitação média anual entre 1.700 e 1.800 mm e temperatura média anual entre 23 e 24 ° C.	Solos litólicos eutróficos, com afloramentos rochosos e areias quartzosas distróficas. Cerradão e manchas de floresta de encosta; mata-de-galeria e veredas.	Pecuária tradicional desde 1950 em pastagens naturais. Vegetação natural sujeita ao fogo.
II - CHAPADÕES COM AGROSSISTEMAS			

	Sedimentos arenosos inconsolidados com lateritas. Superfície de cimeira com regolito profundo. Relevo plano com drenagem fluvial escassa. Precipitação média anual entre 1.700 e 1.800 mm e temperatura média anual entre 24 e 25° C.	Solos latossolos vermelho-escuro álico com areias quartzosas distróficas. Campo cerrado e campo limpo.	Agricultura empresarial tecnificada após 1970 em grandes propriedades. Pecuária intensiva e semi-intensiva em pastagens cultivadas. Suinocultura. Reflorestamento de eucaliptos.
III - PAISAGENS DE PEDIPLANO E DEPRESSÃO COM USO AGROPASTORIL			
	Arenitos, siltitos e argilitos intercalados. Superfície de dissecção fraca à média com relevo suave ondulado a ondulado e morros testemunhos (pseudomesas). “Graben” da Jibóia. Pedimentos em encostas. Fraca a média densidade de drenagem. Precipitação média anual entre 1.700 e 1.800 mm e temperatura média anual de 23° C.	Solos de areias Quartzosas plicas e litólicos distróficos, com afloramentos rochosos. Gleis pouco húmicos. Cerradão, cerrado, com mata-de-galeria e veredas. Manchas de floresta aluvial.	Pecuária e agricultura tradicional desde 1950, em pastagens nativas e pequenas lavouras, respectivamente. Agricultura mecanizada em pequenas manchas de latossolo.
Depressão Intermontana do Médio Ponte de Pedra (IIIb)	Arenitos e siltitos com alguns afloramentos rochosos. Sedimentos inconsolidados. Superfície com dissecção fraca e vertentes longas. Drenagem média paralela. Precipitação média anual entre 1.700 e 1.800 mm e temperatura média anual entre 23 e 24° C.	Solos de areias quartzosas álicas e latossolo vermelho-escuro. Campos de cerrado, com veredas e escassa mata-de-galeria.	Agricultura mecanizada nas áreas mais elevadas e pecuária semi-intensiva, em grandes propriedades. Mineração em pedreiras.
IV - PAISAGENS DE PLANÍCIES ALUVIAIS			
<i>IV a - Várzeas e Terrços Aluviais</i>	Sedimentos inconsolidados quaternários. Relevo plano e drenagem lenta e insuficiente. Precipitação média anual entre 1.600 e 1.800 mm e temperatura média anual entre 23 e 24° C.	Gleissolos pouco húmicos e areias quartzosas hidromórficas. Floresta aluvial; mata-de-galeria, veredas e campos hidromórficos. Vegetação “palustre”.	Pecuária de corte extensiva e agricultura em pequenas áreas. Conservação e preservação de flora e fauna.

Fonte: STURZA (2001a, p. 32-32)

2.2 Ocupação e povoamento do município de Rondonópolis: a paisagem construída

Barbosa e Nascimento (1993, p. 156-58) e Barbosa (2002) afirmam que a ocupação humana do continente sul-americano e do Planalto Central Brasileiro começou a partir dos 11.000 A.P. (Antes do Presente), sendo conhecida pela chamada Tradição Itaparica. O complexo cultural desta tradição encontra-se nos atuais sítios conhecidos, totalmente dentro do Cerrado, após a regressão da Caatinga. Supõe-se que nessa cultura originou-se o tronco lingüístico Macro-Jê, do qual pertence o povo Bororo, presente ainda na região de Rondonópolis.

Schmitz (1993, p. 111) argumenta que o Cerrado é, entre as formações vegetais da América do Sul, a mais rica em recursos vegetais (fibras, lenhas, folhas, frutos comestíveis, raízes) e animais (veados, tatus, antas, capivaras, pacas, peixes, emas, tartarugas, entre tantos outros) que contribuíram para a alimentação e sobrevivência do homem caçador-coletor.

A presença humana é antiga na região de Rondonópolis e representa uma das mais importantes atividades pré-históricas do centro do país, aliada à da Amazônia. Vilhena-Vialou e Vialou (1988/89, p. 347-355), pesquisando abrigos e habitats pré-históricos na região de Cuiabá e Rondonópolis, numa expedição franco-brasileira de 1984, encontraram vestígios de presença e atividade humana datados de 2.100 a 4.610 anos, próximo ao baixo curso do ribeirão Ponte de Pedra. Os abrigos e sítios arqueológicos guardam a remota presença de paleoíndios que desenvolveram uma cerâmica, indústria lítica e arte rupestre. Recentemente foi encontrada uma urna funerária datada além dos 10.000 A.P.

A paisagem arenítica ruiforme, rica em abrigos naturais, foi habitada por uma população pré-histórica migrada, provavelmente, da Ásia, pelo Estreito de Bering. No Novo Mundo encontram-se vestígios desta mesma população nas planícies centrais da América do Norte, Andes, baixas terras da Ilha de Marajó, Pampa sul-americano e Terra do Fogo.

Baxter (1975, p. 57), a partir de relatos do século XIX, comenta que os índios bororos “[...] constituíram um obstáculo para o povoamento e atemorizavam os viajantes”. Os bororos de leste ou Coroados eram mais rebeldes do que seus irmãos do oeste, talvez pela escravização a que estavam sujeitos, nem sempre obtidas com sucesso pelos bandeirantes.

O povo indígena Bóe (bororo na língua portuguesa) pertencia ao tronco lingüístico Macro-Jê e somava apenas 202 pessoas em 1996, habitando uma reserva com

9.785 hectares em Rondonópolis – Reserva Indígena de Tadarimana (ISAAC, 1997). Os verdadeiros donos da terra vivem numa situação lastimável sob o ponto de vista do branco e trazem um constante problema para a agência municipal da Fundação Nacional do Índio – FUNAI;

O contato causou a morte de milhares de índios pelo contágio de doenças de branco. Ao lado disso, guerras, tanto contra os brancos quanto outras contra povos que disputavam o mesmo território, fez a população bororo cair ainda mais. De mais de 5000 bororos no século 18 e restaram umas 750 pessoas no século 19. Mas no século 20 a situação se reverteu: a população voltou a crescer chegando hoje a aproximadamente 1600 bororos. (<http://www.ideti.org.br/diversidade.bororo.htm>, 2004)

A história triste dos povos indígenas do estado iniciou-se com as batalhas travadas contra os bandeirantes, que tentavam escravizá-los, e continua até hoje quando se encontram “aprisionados em reservas/parques” (PIAIA, 1997, p. 131). Além disso,

Pobres, doentes e bêbados, desfilam hoje em Rondonópolis e, apesar do estado a que chegaram, até hoje, as justificativas para essa situação não apontam para uma análise da questão da ocupação da terra, ficando sempre no preconceituoso lugar comum, de que não precisam de muita terra porque não gostam de trabalhar, são preguiçosos e bêbados. (MOURA, 1992, p. 49-50)

O Centro-Oeste brasileiro, cuja paisagem primitiva era composta por vastos campos, cerrados e florestas, com recursos minerais e hídricos em abundância, foi cenário de três etapas distintas no seu povoamento: o ciclo da mineração, a atividade pastoril e ocupação agrícola nas áreas de matas e, mais tarde, a agropecuária comercial nos chapadões. Estas três fases implicaram diretamente na evolução da população da região, estado e município de Rondonópolis, conforme se observa no **Quadro 4**.

Para se compreender a evolução populacional do estado e, principalmente, de Rondonópolis, é imprescindível uma revisão histórica e geográfica dos fatos e fases históricas ocorridas em seu espaço no decorrer da ocupação e povoamento.

O marco inicial da exploração humana pelo branco foi a instalação de um destacamento militar às margens do ribeirão Ponte de Pedra, em 1875, que constituiu o primeiro povoado, um importante ponto de apoio da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Gomes Carneiro. Em 1897 “[...] a expedição de Antônio Cândido de Carvalho, explorador da região de Alcantilados desde 1893, percorreu a região com a incumbência de achar uma ligação fluvial entre as bacias do Paraguai e Araguaia. Saindo no dia 21/06/1897

do Porto do Itiquira, atravessou um local chamado “Pantanalzinho” e depois o rio “Dr. Corrêa” (atual Ponte de Pedra), acampou nas nascentes do Ribeirão Anhuma e visitou as cabeceiras do córrego Birro em 25/06 [...]”. (extraído da carta de Antônio Cândido Carvalho ao Dr. Antônio Corrêa da Costa, Presidente da Província de Mato Grosso).

Quadro 4 - Evolução da população total de Rondonópolis, região Centro-Oeste, Mato Grosso e Brasil – período 1872 a 2000

	1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Rondonópolis	-----	-----	-----	-----	-----	2.888	22.554	62.551	81.366	145.857	150.227
Mato Grosso	60.417	92.827	118.025	246.612	432.265	522.044	889.539	1.597.090	1.138.691	2.022.524	2.504.353
Região Centro-Oeste	220.812	320.399	373.309	758.531	1.258.679	1.736.965	2.942.992	5.073.259	7.544.795	9.419.896	11.619.745
Brasil	9.930.478	14.333.915	17.438.434	30.835.605	41.236.315	51.944.387	70.070.457	93.139.037	119.002.706	146.154.502	169.799.170

Fonte: Sturza (1999, p. 23), acrescido de dados do Censo 2000.

Tesoro (1993, p. 31) sintetizou a ocupação e o povoamento de Rondonópolis em três fases:

- “1901-1930: a procura e exploração de riquezas minerais” – fase de expedições paulistas e goianas, principalmente, que passaram na região procurando ouro e pedras preciosas, sendo que alguns fizeram residência formando as primeiras fazendas.
- “1947-1968: a política de ocupação dirigida do Estado” – consistiu na distribuição e titulação de lotes pelo governo do Estado, em sua maioria colônias de dez a cinquenta hectares (as glebas). Porém, os fazendeiros se apossaram dessas terras, cujos proprietários não tinham as mínimas condições de cultivá-las.

- “1968-1980: “a implantação da agropecuária capitalista” – ocorre graças ao processo de modernização do campo, com grupos econômicos paulistas e de grandes produtores de soja e arroz e a reestruturação das BRs 364 e 163, por meio do Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (PRODOESTE) e da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO).

Em 1907, 1908 e 1909 passam pelas terras rondonopolitanas diversas expedições comandadas pelo Marechal Cândido Rondon, sendo que a instalação da primeira fazenda (Fazenda Ponte de Pedra) na região data de 1902, feita por goianos vindos da região de Palmares (GO). Em 1922 foi instalado um Posto Telegráfico às margens do rio Poguba (Rio Vermelho), que dá origem ao povoamento chamado “Povoado do Rio Vermelho” que, em 1915, apresentava aproximadamente setenta famílias. A partir de 1926, teve início o funcionamento de uma balsa para o transporte de pessoas e mantimentos de um lado ao outro do rio. Muitos descendentes das famílias, e mesmo alguns integrantes da expedição, ainda são encontrados entre os habitantes da região. Tinham trabalhado com seus “carreiros” no transporte de mantimentos e postes.

A Lei Municipal 2.777 de 22 de outubro de 1997 oficializa a data de 10 de agosto de 1915 para a fundação do futuro município de Rondonópolis, com base no Decreto nº 395 expedido por Joaquim da Costa Marques, Presidente do Estado de Mato Grosso. Este Decreto doava 2.000 hectares para o “Rocio da Povoação do Rio Vermelho”. Para Tesoro (1999, p. 09), o distrito de Rondonópolis (Município de Poxoréo) foi elevado à categoria de Município em 10 de dezembro de 1953, quando registrava 25 logradouros e 442 prédios.

Sturza (1999, p. 23) observa que na década de 60 o desenvolvimento da região foi favorecido pela criação e instalação de órgãos públicos, instalação de algumas agências bancárias e desenvolvimento de indústrias. A construção da rodovia BR-163, em 1972, e sua pavimentação, em 1974, dentro do espírito da “integração nacional para um Brasil grande”, através do PRODOESTE e SUDECO, foi o grande impulso para a dinamização e transformação espacial de Rondonópolis. Esta via de transporte favoreceu a instalação de novas propriedades nas antigas áreas de cerrado (chapada) e o escoamento das safras, além de facilitar a migração dos “sulistas”, (sul-riograndenses, paranaenses e catarinenses), que já se iniciara antes de 1970 e que resultaria na ocupação agrícola dos cerrados.

Chaves (2003, p. 86) trata das políticas oficiais que levaram o Cerrado a ocupar papel de destaque como grande fronteira a ser ocupada, visando à promoção de um

novo ciclo expansivo na economia brasileira. Estas políticas compreenderam “[...] uma série de programas que tinham o objetivo de ocupar novas áreas consideradas vazias do ponto de vista demográfico ou zonas subaproveitadas do ponto de vista agropecuário”.

A exploração, ocupação e povoamento de Rondonópolis engendraram transformações históricas na moldagem da paisagem construída, verdadeiro cenário e receptáculo dos processos entre sociedade e natureza. A paisagem do município no decorrer da ocupação e uso, em suas atividades humanas mais marcantes, foi palco de diversas transformações históricas e paisagísticas, que constam no **Quadro 5**.

Quadro 5 - Transformações históricas e sócioambientais da paisagem de Rondonópolis - MT (séc. XVIII aos dias atuais).

Períodos	Fatores históricos	Alterações Ambientais	Recursos Naturais Comprometidos	
Séc. XVIII e XIX	- Primeiros contatos com bororos. - Instalação do Destacamento Militar Ponte de Pedra em 1875. - 1897 a 1902: viagens de exploradores buscando ligação fluvial Paraguai-Araguaia, pedras preciosas e pastos.	- Surgimento de trilhas e caminhos.	- Flora	
SÉCULO XX	1907 a 1922	- Comissão Rondon instala linha telegráfica para Alto Araguaia.	- Flora	
	1924	- Construção da rodovia Cuiabá-Alto Araguaia.	- Flora - Solos - Água	
	1940 a 1960	- Agricultura de subsistência. - Pecuária de cria e recria. - Aumento da população (imigrantes). - Colonização e titulação de terras. - Garimpagem pouco expressiva. - Criação do Município de Rondonópolis (1954).	- Desmatamento. - Diminuição da área média das propriedades. - Aparecimento dos povoados.	- Flora - Solos - Água - Fauna
	1960 a 1970	- Diminuição do fluxo de imigrantes. - Grande produção agrícola sem comércio correspondente.	- Redução de habitações nos povoados. - Estruturação das fazendas.	- Idem
	1970 aos dias atuais	- Introdução da lavoura mecanizada. - Construção da BR-163 (1972-74). - Organização empresarial da atividade agrícola.	- Substituição dos cerrados pela “vegetação antrópica” (culturas e gramíneas). - Aparecimento da empresa agropecuária.	- Ibidem - Ar

Fonte: STURZA (1999, p. 27).

As transformações históricas e socioambientais sintetizadas acima comprovam o crescente uso da paisagem e dos recursos naturais devido à diversidade de atividades econômicas implantadas no espaço rondonopolitano. As mudanças técnicas no espaço empreendidas pela agricultura capitalista e a atual economia do agronegócios tornaram Rondonópolis um centro de atração e reprodução do capital, sem o necessário planejamento público de infra-estrutura, ambiente, serviços sociais, saúde e educação.

A grande explosão populacional do município ocorreu em dois períodos: 1960 – 70 e 1980 – 91. No primeiro período a população aumentou em 177,3%, bem acima dos 75,54% do Mato Grosso e dos 32,92% para o país. Esta época coincide com a colonização e povoamento inicial que atrai para Rondonópolis e região grandes fluxos de migrantes. O segundo período marca um menor aumento em relação ao primeiro, isto é, de 75,26% no município, que esteve pouco aquém do crescimento do estado (77,62%), mas superior ainda em relação ao país (25,15%). O segundo *boom* populacional resultou da ocupação da fronteira agrícola por razões que serão comentadas no decorrer desta. Em 2004 o município já contava com 163.824 habitantes, segundo estimativas do IBGE (Agência de Rondonópolis).

O lugar de origem da população residente em Rondonópolis, em 1999, evidencia a presença de agricultores paranaenses que migraram nas décadas de 1960 e 1970 e goianos e paulistas, que aqui já se encontravam desde a fase de ocupação e colonização inicial (1940 a 1970). Estes últimos vieram para explorar a agricultura familiar e a pecuária.

A paisagem urbana (**Figura 7**) mostra outras duas faces resultantes do processo de urbanização acelerada sob o modelo capitalista, que são o centro e a periferia da cidade, dois espaços que coexistem, porém com nítidas diferenças em sua formação e morfologia, como salienta Aguiar (1980, p. 108):

Centro – procedeu de forma lenta e contínua iniciada em 68/70 anterior à modernização do campo [...] é o local ocupado pelos estabelecimentos comerciais e serviços. [...] Vilas – acentuou-se após 1972 com a proletarização do homem do campo e sua busca pela cidade [...]

Rondonópolis representa hoje uma verdadeira amostra de um espaço social construído dentro de uma área que foi fronteira agrícola; a paisagem construída é o resultado das relações sociais entre povos de diversas origens, conforma demonstra Tesoro:

Rondonópolis veio a se transformar num cadinho dos mais diferentes tipos regionais: os goianos e os cuiabanos (nos primeiros anos do século); os paulistas,

como eram chamados os mineiros, cearenses, baianos e todos aqueles que procediam do Estado de São Paulo (depois de 1947 até 1970); finalmente, os gaúchos, alcunha pela qual são conhecidos os migrantes do sul do país, riograndenses, catarinenses e paranaenses (vindos em grande leva só a partir da década de 70). (TESORO, 1993, p. 34)

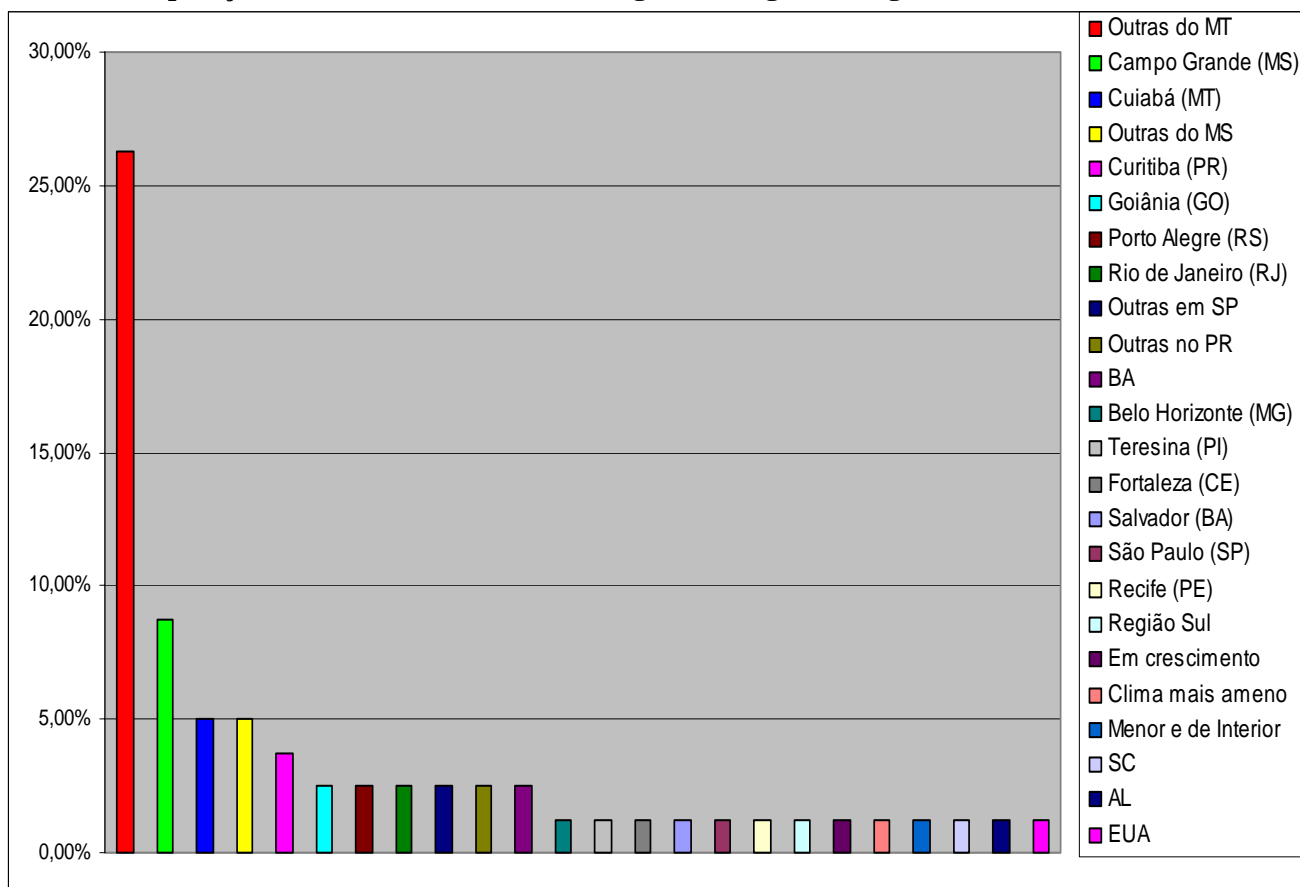
A expansão urbana de Rondonópolis foi caracterizada por Nardes (1997) em seis períodos, em função o uso do solo urbano, projetos habitacionais, expansão industrial e comercial e especulação imobiliária. São eles:

- 1950 a 60: consolidação da cidade com o surgimento dos primeiros prédios.
- 1961 a 70: processo migratório e início do desenvolvimento econômico.
- 1971 a 80: consolidação das funções bancária, comercial e industrial.
- 1981 a 90: aceleração do processo de expansão do espaço construído.
- 1991 aos dias atuais: início da verticalização, adoção de Plano Diretor e modernização de empresas urbanas.

As transformações acima relacionadas foram provocadas pelo ritmo temporal acelerado, sendo que a rapidez do crescimento populacional no município repercute atualmente nas deficiências de infra-estrutura, principalmente no tocante à assistência médica, segurança, saneamento básico, rede viária, água, luz, coleta de lixo, limpeza pública, entre outras, objetos de reclamações dos rondonopolitanos, distribuídos em mais de 200 bairros. É o que demonstra o estudo de Nascimento (1997, p. 235) na sua tese da “aceleração temporal em Rondonópolis”.

A migração para Rondonópolis foi alvo de dois importantes estudos: *O migrante rondonopolitano* de Silva (1988) e *O vôo das pandorgas: migração sulista para Rondonópolis – MT* de Goettert (2000), que caracterizam o movimento populacional quanto ao tipo, áreas de atração e características da população envolvida. Os dados do IBGE (**Gráfico 1**) mostram a grande participação dos migrantes na constituição da sociedade rondonopolitana.

Gráfico 1- População residente em Mato Grosso segundo o lugar de origem – 1999.



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD, 1999.

De certo modo, o tipo de população que ocupou e construiu a paisagem influenciou também na economia, pois encontramos os *sulistas* (já comentados anteriormente) predominando nas grandes propriedades e os outros grupos como assentados e pequenos produtores.

2.2.1 Economia

Como já salientado, até meados do século XX a paisagem natural da região caracterizava-se pelo cerrado e suas gradações fisionômicas nas áreas planas; a floresta tropical estacional nas áreas mais dissecadas e os brejos e buritizais nas nascentes e várzeas inundáveis. As reduzidas áreas florestadas foram alvos dos primeiros exploradores e habitantes, principalmente goianos, mineiros e nordestinos, que procuravam estas *terras de cultura* para cultivar suas roças e criar gado. A roça representava a agricultura de subsistência, sendo cultivados o arroz, feijão, mandioca e cana-de-açúcar.

Ainda em 1929 a construção da rodovia Cuiabá - Campo Grande abriu novas perspectivas para o estado e sua incorporação no processo produtivo do país. A partir de 1930,

com o governo de Getúlio Vargas, ocorreu a expansão agropastoril e os projetos de colonização atingem a região do rio São Lourenço e Rondonópolis, integrando a chamada *Marcha para o Oeste*. Este movimento consistiu na “[...] expansão das fronteiras econômicas [...]” sob o princípio de que “[...] o verdadeiro sentido de brasilidade era a ocupação dos espaços vazios” (ALVES, 1995, p. 20). Entretanto, a crise do capitalismo mundial, iniciada em 1929, atingiu também a produção agrícola do estado e do município e suas atividades comerciais e financeiras.

Entre 1945 e 1970 ocorre a segunda fase da colonização no estado, integrando Rondonópolis à economia estadual, ao contexto nacional e interesses internacionais, graças à onda modernizadora da agricultura, como destacam Martine e Garcia (1987, p. 10).

Numa comparação internacional, o Brasil se destaca como um dos países onde a modernização agrícola foi efetuada de forma mais acelerada e mais profunda. Mesmo nas regiões em que a produção não foi maiormente afetada, as seqüelas da onda modernizadora também se fizeram sentir de forma avassaladora, pois a especulação com a terra, produtiva ou não, fomentou o processo de concentração.

A economia do município se torna expressiva no contexto econômico de Mato Grosso após 1947. Tesoro (1999, p. 11) distingue dois momentos econômicos ligados à expansão capitalista: um “anterior à modernização do campo (1950-1970)” e outro correspondente ao “modelo agro-exportador pós-70”, conforme se segue:

Até 1970, a expansão capitalista é caracteristicamente tímida. É marcada pela produção em pequena escala, para suprir as necessidades do mercado interno. O capital era contido, principalmente devido aos entraves de comércio e escoamento da produção. Destacam-se os pequenos produtores (nordestinos e mato-grossenses) e os fazendeiros paulistas e mineiros. (...) Mesmo assim, foi a produção do algodão e do arroz que tornou Rondonópolis conhecida como a “Rainha do Algodão” e a “Princezinha do Leste”.

A expansão capitalista em Rondonópolis de 1970 em diante é acelerada. Ela é marcada pela produção em larga escala, que responde aos anseios do modelo agro-exportador do capitalismo internacional, é projetada a partir da política de modernização do campo, da política de incentivos fiscais do Estado e da política de melhoria da malha viária. (TESORO, 1999, p. 12)

O cultivo do arroz e, mais tarde, da soja são os primeiros elementos da nova paisagem (lavouras) e responsáveis por uma mudança na estrutura fundiária e produção agrícola, isto é, no aumento da área média da propriedade e no uso da mecanização. O trator aparece, enquanto o carro de boi perde seu papel na história recente e inicia-se, efetivamente, a estruturação da base econômica do município.

A década de 70 foi o auge da expansão da fronteira agrícola, pois incentivos fiscais e planos governamentais atraíram a população, iniciando-se o processo de expropriação do pequeno agricultor. A moderna empresa agrícola começa a estruturar-se, alicerçada no capital e na tecnologia, com uma intensa urbanização no município de Rondonópolis e um êxodo rural, visualizado concretamente na paisagem da região por meio das *taperas* ou sítios abandonados. Na época, a publicidade para a capitalização da lavoura e sua mecanização era propalada pelos jornais, que propagavam o comércio de máquinas e o crédito fácil, como exemplifica o texto abaixo:

Comece já a revolução no campo.
Venha pegar as novas armas da Valmet.
Você não pode continuar trabalhando como antigamente.
A sua lavoura não deve ficar parada no tempo.
Ela precisa de uma revolução. (...)
Venha até aqui, Vamos aceitar o financiamento do Banco do Brasil ou outro banco do seu agrado. (*Jornal A Tribuna* de 03. 02. 1974, p. 07, *apud* PEIXINHO, 1998, p. 116).

A dissertação *Onças vermelhas e amarelas: a ocupação dos cerrados e a dinâmica sócio-espacial em Rondonópolis – MT*, de Peixinho (1998) caracteriza os cerrados na região de Rondonópolis, o seu processo de ocupação pelos pequenos produtores e a formação da grande empresa agrícola. A expressão *onças vermelhas e amarelas*, encontrada pelo autor junto a um pecuarista entrevistado, refere-se à cor dos tratores que derrubavam o cerrado com a mesma rapidez e voracidade com que a onça ataca sua presa.

Logo, ocorre o fechamento da fronteira agrícola, que correspondeu ao processo sóciopolítico e econômico de apropriação de enormes áreas por grupos poderosos e intensa *grilagem* (ocupação particular de terras) e o fim das terras devolutas. Isto ocasionou a nova estrutura fundiária (**Tabela 3**): a alta concentração de terras e o predomínio do latifúndio.

Tabela 3 – Estrutura fundiária de Rondonópolis - MT no período 1960 a 1995.

Estrato Ano	0 – 100 ha	100 – 1000 ha	+ de 1000 ha	Nº total de estabelecimentos	Área total
1960	1.101	260	30	1.391	513.866
1970	4.317	392	83	4.798	229.304
1975	4.542	456	111	5.110	611.123
1980	2.025	388	90	2.463	451.485
1985	1.587	401	101	2.089	448.061
1995	961	419	92	1.473	428.487

Fonte: IBGE. Censos Agropecuários de 1960, 1970, 1975, 1980 e 1985 e Anuário Agropecuário e Agro-

industrial de Mato Grosso de 1996.

Os dados acima apontam que, entre 1975 e 1995, as propriedades com área até 100 ha diminuiu de 4.542 para apenas 961 (redução de 78,85%). Já os grandes estabelecimentos, acima de 1.000 ha, manteve-se em número (111 para 92), durante esse período, evidenciando a transferência da terra do pequeno para o grande estabelecimento.

Os dados para 2003 mostram um aumento no número de estabelecimentos, devido principalmente aos novos assentamentos rurais e a diminuição da área total de 428.487 ha em 1995, conforme **Tabela 4**, para 402.710 ha em 2003.

Tabela 4 – Estrutura fundiária de Rondonópolis – 2003.

Estrato de área	Número de estabelecimentos	Área total (ha)
Até 10 ha	128	1.050
11 – 50 ha	1.368	42.050
51 – 100 ha	452	36.180
101 – 200 ha	356	64.550
201 – 500 ha	213	80.000
+ de 500 ha	67	178.880
TOTAL	2.584	402.710

Fonte: EMPAER (2003).

Os dados acima evidenciam a concentração fundiária nas mãos de poucos proprietários, ou seja, 67 estabelecimentos concentram 178.880 ha (44,3% da área total), resultado e expressão da grande lavoura empresarial.

O uso do solo em Rondonópolis (**Figura 8**) é outro elemento indispensável para a compreensão da base econômica e corrobora os processos histórico, político e socioeconômico ligados à construção da paisagem atual, à posse e concentração da terra, às relações e modos de produção agrícola.

Os mapas abaixo mostram a expansão do uso do solo no município de Rondonópolis, especialmente a porção sul deste, ocupada pela grande lavoura empresarial, favorecido pela topografia plana dos chapadões. Já na porção norte, as pastagens predominam na prática da pecuária de corte e de leite. O Cerrado deu lugar às lavouras, tema este já salientado quando da análise do avanço da fronteira agrícola. Hoje os remanescentes desse Bioma resiste apenas nas áreas de topografia mais ondulada, notadamente nas encostas das chapadas.

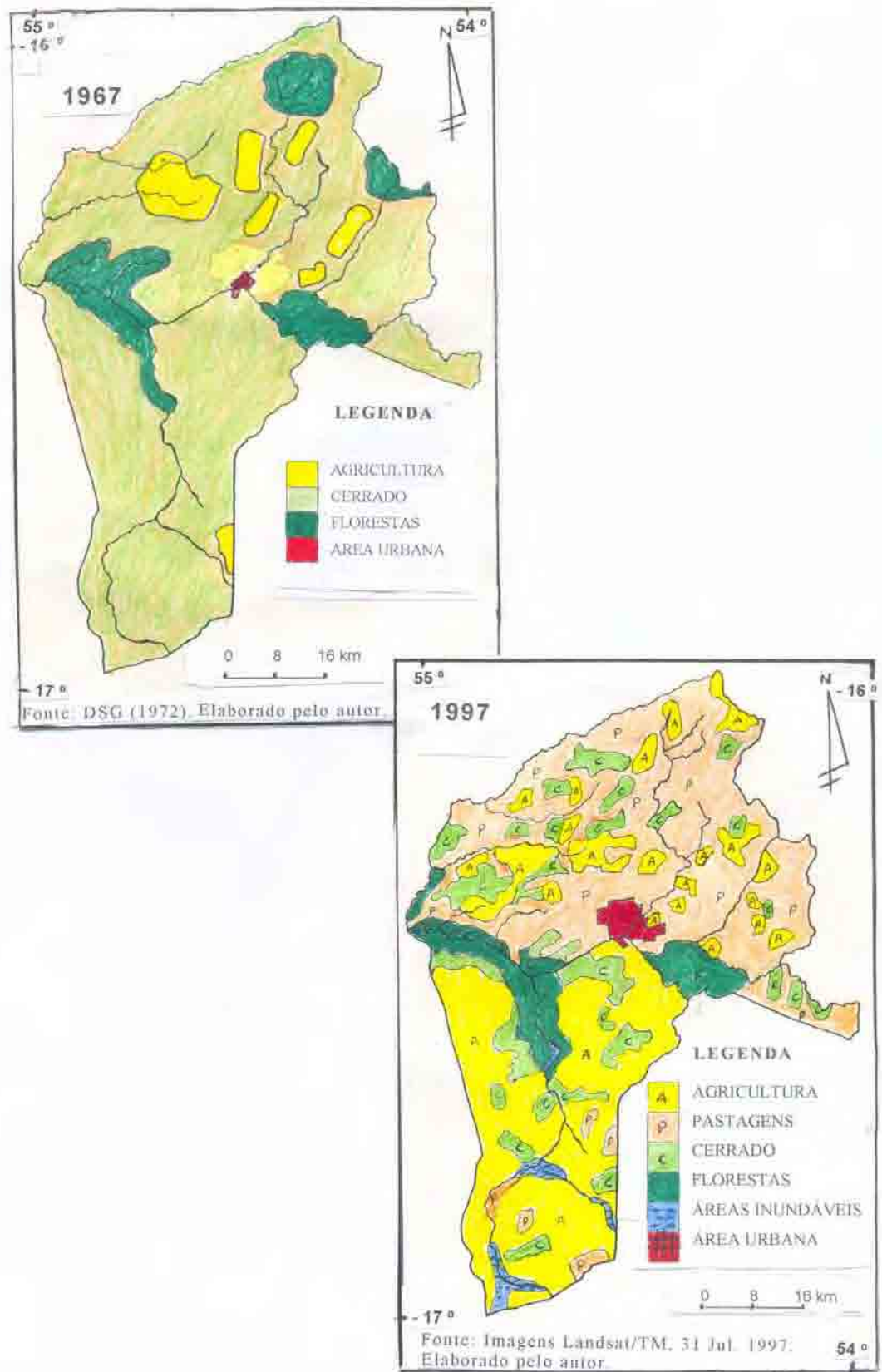


Figura 8 – Uso do solo - 1967 e 1997.
Elaborado pelo autor.

A evolução do uso do solo nos últimos trinta anos, vista espacialmente nos mapas acima, é comprovada numericamente na **Tabela 5**, construído a partir dos Censos Agrícolas nesse período.

**Tabela 5 - Evolução do uso do solo (ha) no município de Rondonópolis - MT.
Período: 1960-1995/96**

Ano	Lavouras (1)	Pastagens (2)	Matas e florestas (3)	Terras produtivas não utilizadas	Total
1960	15.383	54.468	102.585	31.329	229.356
1970	30.536	321.769	84.991	39.842	513.883
1975	45.021	378.233	291.044	90.629	64.387
1980	64.176	262.140	61.637	42.757	451.489
1985	90.675	242.255	57.646	35.248	448.064
1995/96	76.991	216.526	55.705	3.260	352.482

Fonte: FIBGE – Censos Agrícolas de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.

(1) Inclui lavouras permanentes e temporárias; (2) inclui pastagens naturais e plantadas;

(3) inclui matas e florestas naturais e plantadas.

Os números acima indicam, fundamentalmente, o aumento da área dedicada às lavouras e pastagens a partir de 1970, por razões já salientadas na análise da ocupação e povoamento e a diminuição na área de matas e florestas. Outro aspecto é a redução drástica na área de terras produtivas não utilizadas no período 1985-1995/96, indicando que a paisagem natural foi consideravelmente modificada e engajada no processo econômico.

Rondonópolis se reestrutura para acompanhar o processo de globalização, transformando-se numa região de “agrobusiness” — muitos a tratam como a “Capital do Agrobusiness de Mato Grosso” — com destaque para o comércio de produtos agropastoris (soja, algodão, milho, pecuária leiteira e de corte e máquinas agrícolas). Entretanto, a paisagem construída mostra as duas faces do capitalismo e do desenvolvimento desigual, responsáveis diretos pelos problemas do campo e da cidade:

Os contrastes na paisagem retratam o desenvolvimento desigual: de um lado, as extensas lavouras e pastagens tendo sulistas como proprietários (principalmente das terras do cerrado) e, de outro lado, situações de pobreza em bairros periféricos como o Participação, Vila Olinda e Tancredo Neves, onde moram sulistas trabalhadores. (GOETTERT, 2000, p. 73).

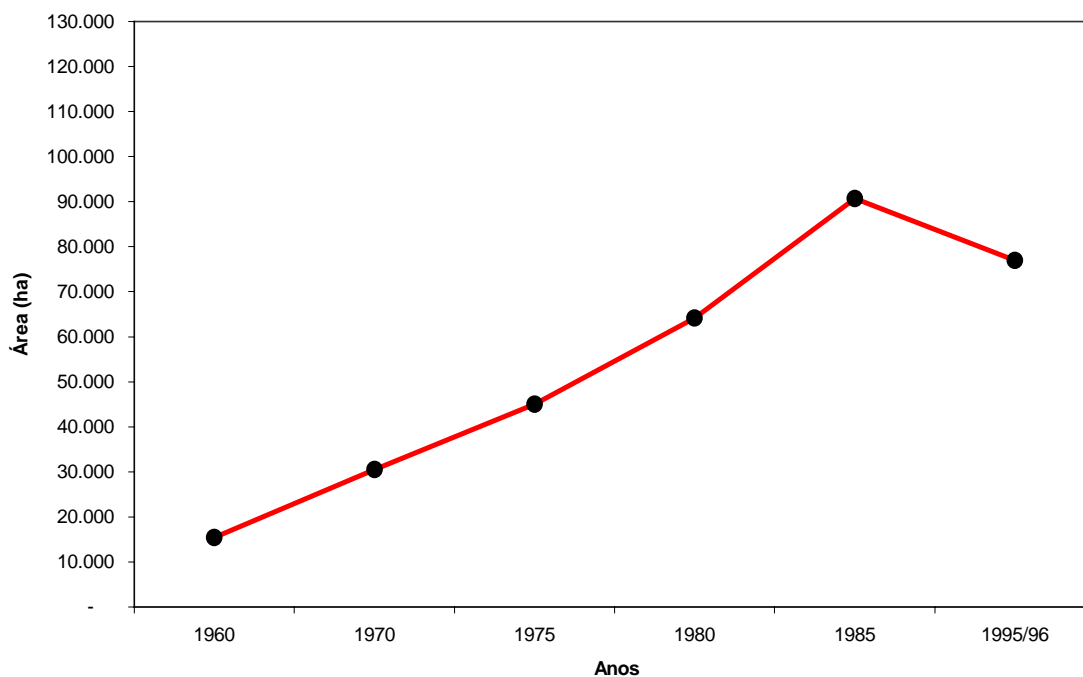
Porém, as causas desses contrastes residem no modelo econômico implantado, que deve ser analisado a partir da agropecuária, o principal suporte da economia local.

2.2.1.1 Agropecuária

Como já salientado, a agricultura é a base econômica de Rondonópolis, seguida pela pecuária e indústria de grãos, que se encontra integrada à primeira atividade, constituindo o complexo agrícola industrial. A tecnologia, o maquinário e o capital empregado na produção agrícola, cunhados pela ótica empresarial, dotaram o município e a região com altos índices de produtividade e alta qualidade na genética vegetal e animal.

O **Gráfico 2** mostra a rápida expansão da área agrícola entre 1960 e 1985 e um declínio após esta data, em virtude do fechamento da fronteira agrícola, isto é, da apropriação e posse das antigas terras devolutas. A diminuição da área após 1985 marca a integração da pecuária de corte à agricultura.

Gráfico 2 - Evolução das lavouras permanentes e temporárias no município de Rondonópolis - MT — período: 1960-1995/96.



Fonte: FIBGE – Censos Agrícolas de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.
Elaborado pelo autor.

O primeiro produto agrícola para exportação foi o algodão, seguido do arroz, milho e soja, nessa ordem. Atualmente, o algodão voltou a ter destaque em área plantada, produtividade e qualidade da fibra, muito valorizada pela indústria têxtil. A **Tabela 6** relaciona os cinco principais produtos agrícolas de Rondonópolis.

Nas últimas safras percebemos uma diminuição nas áreas plantadas de arroz e milho, ao lado do aumento das áreas de soja e algodão. No caso da soja, Rondonópolis abriga a sede do Grupo Maggi, que tem num dos sócios (Blairo Maggi, atual Governador do Estado de Mato Grosso) o maior produtor no país.

É o maior sojeiro do mundo, com 130.000 hectares de soja, além do cultivo de milho e algodão. O Grupo Maggi, além de deter grandes áreas de produção, atua hoje na indústria de processamento, na infra-estrutura de armazenamento, na comercialização interna e externa, na abertura de estradas. Este grupo detém a concessão monopólica do governo federal para o transporte de carga através da hidrovia do rio Madeira, uma das vias de escoamento da produção de grãos para o Atlântico. (SILVA, 2005, p. 233).

Já o algodão tem despertado inúmeras visitas de empresários asiáticos e norte-americanos que vêm conhecer a fibra de excelente qualidade e as técnicas usadas, responsáveis pela alta produtividade.

Tabela 6 - Área e produção dos quatro principais produtos agrícolas de Rondonópolis. Período 1980-2005.

ANO	Soja		Milho		Algodão		Arroz	
	Área (Ha)	Produção (T)	Área (Ha)	Produção (T)	Área (Ha)	Produção (T)	Área (Ha)	Produção (T)
1980	12.000	21.600	2.500	4.500	2.200	1.980	31.000	37.200
1981	15.980	33.558	5.300	8.904	1.115	1.003	28.064	25.258
1982	31.000	65.100	4.000	8.000	1.200	1.080	14.000	15.400
1983	45.500	103.740	4.000	8.400	1.000	900	8.567	9.252
1984	50.000	102.750	4.000	9.320	2.500	3.750	7.591	9.867
1985	52.000	129.636	3.500	11.151	7.000	10.500	7.500	10.620
1986	49.890	120.085	5.000	16.090	4.000	5.100	6.987	8.769
1987	64.669	136.452	15.318	39.903	2.798	3.232	7.818	9.538
1988	54.325	120.495	13.813	38.179	6.710	7.113	8.605	10.274
1989	64.701	165.311	13.000	54.418	3.636	5.650	3.030	3.636
1990	69.166	145.733	8.916	36.315	1.500	1.575	2.065	1.384
1991	47.090	124.647	10.700	41.730	4.000	4.000	5.270	5.623
1992	55.500	156.510	8.885	43.522	2.730	4.095	3.610	6.947
1993	51.500	135.834	9.330	43.018	1.833	2.750	2.550	3.061
1994	51.378	145.206	13.432	48.220	1.916	2.571	1.735	2.497
1995	45.743	103.608	9.940	43.684	3.562	7.480	1.443	2.251

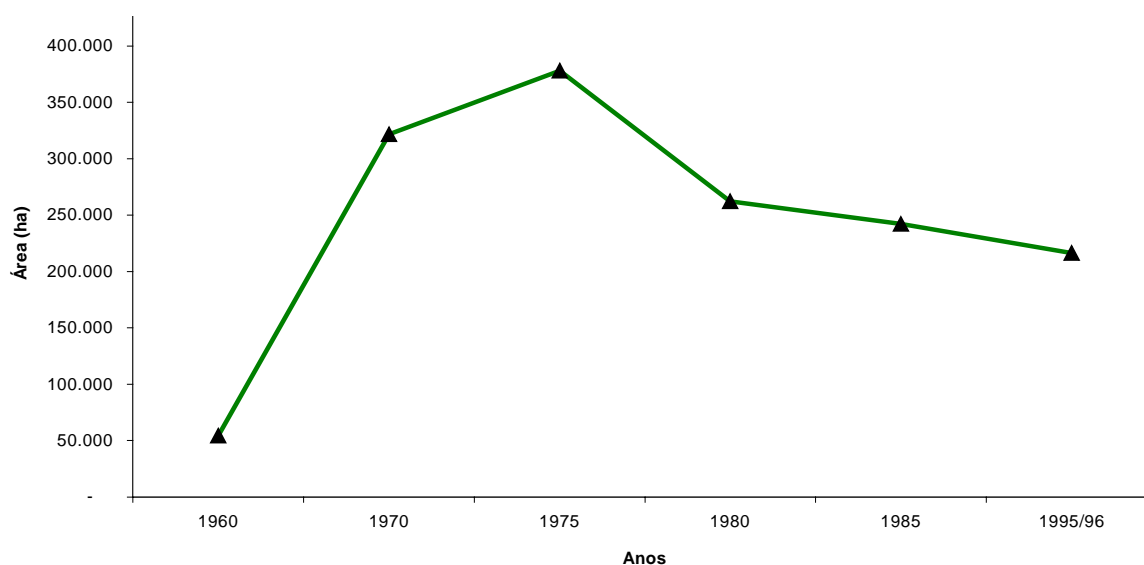
1996	47.751	131.459	15.500	65.676	4.400	9.240	3.081	4.859
1997	49.751	138.009	11.900	47.029	4.667	10.594	2.710	3.583
1998	51.431	142.875	9.500	25.676	11.900	32.737	2.168	3.902
1999	51.024	148.939	2.500	12.183	11.762	35.463	2.384	4.265
2000	49.500	148.500	14.620	68.714	20.080	82.830	-----	-----
2001	58.000	191.400	5.000	36.000	5.800	21.750	-----	-----
2002	63.007	189.021	-----	-----	12.500	45.000	-----	-----
2003	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
2004	68.383	205.149	2.600	93.600	13.197	50.129	650	780
2005	76.500	206.550	2.600	93.600	11.000	41.800	600	720

Fonte: IBGE - Agência Cuiabá MT - 2000 e EMPAER – Rondonópolis (Março/2005).

Os dados para soja e algodão, no período compreendido entre 1980 e 2005, mostram a expansão da área plantada desses dois produtos. A área de soja aumentou em 637,5% e a área de algodão em 500%.

A área de pastagens naturais e cultivadas (**Gráfico 3**) teve um aumento rápido em sua área total até 1975, quando estas eram plantadas logo após a derrubada do cerrado e mantidas até o apodrecimento total dos troncos e galhos enleirados.

Gráfico 3 - Evolução das pastagens naturais e plantadas no município de Rondonópolis – MT - Período: 1960-1995/96.



Fonte: FIBGE – Censos Agrícolas de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.
Elaborado pelo autor.

A expansão da área de pastagens naturais e plantadas está relacionada com o crescimento da pecuária (**Tabela 7**), especialmente a de corte. Rondonópolis destaca-se pela pesquisa genética animal no cenário nacional, basicamente com as raças bovinas nelore, canchim, girolanda, bradford, entre outras.

Tabela 7 - Principais criações exploradas no município de Rondonópolis - MT. Período 1990 a 2005

SAFRA	REBANHO BOVINO CORTE		REBANHO BOVINO LEITE	
	Cabeças	ha	Cabeças	ha
90 / 91	192.400	---	67.600	---
91 / 92	---	---	---	---
92 / 93	---	--	---	---
93 / 94	165.000	---	74.700	---
94 / 95	217.500	---	72.500	---
95 / 96	---	---	---	---
96 / 97	---	---	---	---
97 / 98	---	---	---	---
98 / 99	---	---	---	---
99 / 00	257.400	---	28.600	---
00 / 01	---	---	---	---
01 / 02	279.752	---	31.200	---
02 / 03
03 / 04
04 / 05	281.044	38.325

Fonte: EMPAER - MT, Escritório Local de Rondonópolis. Março/2005.

O Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola – IMEA – registrou no ano de 2002 a produção de 16.807.000 litros de leite; 310.952 cabeças de bovinos; 40.061 aves; 38.191 suínos e 4.748 ovinos;

Neste setor tem se investido muito no melhoramento genético para assegurar ao rebanho local um alto índice de desempenho e cruzamento industrial, o que coloca o município entre as cidades modernas do país [...] Rondonópolis é detentora, também, da maior bacia leiteira com produção da ordem de 130.000 litros de leite/dia e do maior rebanho de gado de corte do Estado, com mais de 290 mil cabeças e abate médio mensal de 17.000 reses. (ACIR, 2003, p. 13)

A moderna atividade pecuarista acompanhou a agricultura, numa perfeita integração com fins comerciais das grandes empresas do agronegócio, que conseguem elevar o valor agregado dos produtos tanto de origem vegetal como animal. O termo agronegócio provém de “agribusiness”, sistema de produção agrícola implantado nos EUA, na década de

1950. No Brasil o agronegócio se efetivou nos últimos 15 anos quando encontrou ampla abertura comercial, notório avanço tecnológico e a estabilidade econômica do país.

Silva (2005, p. 229) diz que

O agronegócio transforma o lugar em não-lugar, paisagens heterogêneas e específicas em paisagens homogêneas e industriais. O espaço vivido se torna espaço de exploração, suporte físico da produção de mercadorias que alimenta o circuito da economia global. O que rege o lugar não é mais a identidade local, forjada na convivência com os ecossistemas e sim o mercado agroalimentar global e as corporações transnacionais que comandam hoje essas cadeias produtivas “.

Em Rondonópolis a agronegócio expande-se e arrasta o comércio local, integrando, ainda timidamente, a indústria, como por exemplo a de rações.

2.2.1.2 Indústria e Comércio

Rondonópolis exerce uma polarização regional que extrapola a Mesorregião onde está localizada, principalmente nos setores comercial, industrial e de serviços. Rosso (1999) identificou e caracterizou esta influência do município na região circunvizinha a partir das seguintes variáveis: *transportes rodoviários, indústrias, produção de sementes de soja, vendas de máquinas agrícolas, ensino superior e serviços médico-hospitalares*.

O setor empresarial, já consolidado, apresentou no Censo de 2000 (IBGE, 2001) 2.849 micro-empresas, 322 pequenas, 32 médias e 15 grandes empresas, perfazendo um total de 3.258 empresas. A partir desta data, Rondonópolis respondeu pelo segundo maior parque industrial do estado, com 300 indústrias que mantêm 5.000 empregos diretos e indiretos. As empresas de serviços também se expandem, mostrando já uma boa estruturação, contando, em 2003, com 14 agências bancárias, 01 jornal diário, 20 hotéis, entre outros serviços. (*A Tribuna*, 2003, p.21)

Economicamente, o município é divulgado pelo meio empresarial como um “eldorado”, inclusive na mídia nacional. Por exemplo, na matéria da Revista Veja de 13 de Junho de 2001, (*Jornal A Tribuna*, 2003, p. 22), que divulgou o Produto Interno Bruto – PIB de Rondonópolis, como o terceiro do país. Entretanto, a renda *per capita* é baixa, conforme dados do IBGE (2000), apresentados na **Tabela 8**.

Tabela 8 – Indicadores de renda, pobreza e desigualdade entre 1991 e 2000 – Rondonópolis – MT.

Indicadores	Anos	
	1991	2000
Renda per capita média (R\$)	230,7	294,3
Proporção de pobres (%)	31,9	23,6
Índice de Gini	0,58	0,59

Fonte: IBGE. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

A renda *per capita* média do município cresceu 27,56%, passando de R\$ 230,74 em 1991 para R\$ 294,33 em 2000. A pobreza (relacionada à proporção de pessoas com renda familiar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000) diminuiu 25,81%, passando de 31,9% em 1991 para 23,6% em 2000. A desigualdade cresceu, pois o Índice de Gini passou de 0,58 em 1991 para 0,59 em 2000.

O PIB do município também esconde a realidade da renda distribuída nas diferentes classes sociais. Isso é o que demonstra os dados **Tabela 9**, que relaciona a renda dos mais pobres à dos mais ricos.

Tabela 9 - Porcentagem da renda apropriada por extratos da população entre 1991 e 2000 - Rondonópolis – MT.

Estrato da população	Anos	
	1991	2000
20% mais pobres	3,0	2,5
40% mais pobres	9,3	9,0
60% mais pobres	19,6	19,2
80% mais pobres	37,3%	36,0%
20% mais ricos	62,7%	64,0%

Fonte: IBGE. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

Os dados acima evidenciam realmente com quem fica a maior parte do PIB, isto é, os 20% das pessoas mais ricas usufruem 64% de toda a renda do município, mostrando que a concentração dessa renda é cada vez maior. No outro lado da tabela, ocorreu uma diminuição na participação da renda, porque os 20% mais pobres passaram a ter menor participação em 0,5%, no período considerado.

2.3 Patrimônio material e imaterial: a paisagem cultural

Para Sauer (1998, p. 49-50) a paisagem cultural “[...] se torna conhecida através da totalidade de suas formas. Essas formas são conhecidas não por elas mesmas [...], mas nas suas relações uma com as outras e nas suas posições na paisagem, cada paisagem sendo uma combinação definida de formas”. O próprio autor ainda trata a paisagem cultural como sendo aquela “[...] modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”.(SAUER, 1998, p. 59).

A paisagem cultural é uma “categoria complexa”, pois compreende o patrimônio material (histórico e artístico) e imaterial (memória, fazeres, saberes, afetos, símbolos) construídos na relação da sociedade com a natureza.(KOHLSDORF, 2001)

2.3.1 Aspectos culturais

A paisagem cultural inicial de Rondonópolis deve ser caracterizada pela cultura bororo, que destaca, entre outros aspectos, o funeral Bororo e os mitos. O primeiro é o mais rico e designa o respeito ao morto e fortalecimento da união tribal, como é salientado nas palavras abaixo:

O funeral Bororo é a cerimônia mais marcante da aldeia. Do início do cerimonial que celebra a passagem de um parente para o mundo dos ancestrais ao enterro definitivo, passam-se de dois a três meses. Neste período acontecem vários ritos de passagem e uma intensa socialização dos jovens, que aprendem cantos, coreografias, confecção dos ornamentos e, no final, participam da cerimônia de nomeação clânica. (<http://www.ideti.org.br/diversidade.bororo.htm>, 2004)

A cultura Bororo também é expressiva nos cantos, danças, música (flauta) e mitos. A criação dos rios é o mito mais importante, no qual o povo Bororo pede aos gaviões (*kurugúgoe*) para perfurar a rocha e fazer brotar a água, mas estes não tiveram sucesso. Então, foi pedido ao tucano (*ugúí*) que com seu bico abriu demais a rocha e a água brotou na forma de enxurrada levando tudo, cujo problema somente foi solucionado pela sucuri (*Júri*), que com seu corpo sinuoso, moldou as curvas dos rios que passaram a correr calmamente. (<http://www.ideti.org.br/diversidade.bororo.htm>, 2004)

A natureza da população, os processos de aculturação e a rápida integração econômica no mundo globalizado propiciaram a gênese de uma paisagem multicultural em Rondonópolis que, escondida nas sombras de representações e símbolos individuais e coletivos, funciona como contraponto à ideologia do poder político e econômico. É um conjunto ainda pouco conhecido de manifestações culturais do passado que tentam resistir ao desenraizamento cultural e aos atuais modismos importados da modernidade.

Tesoro, em sua tese de doutorado *Rondonópolis – MT: um entroncamento de mão única – lembranças e experiências dos pioneiros* (1993) resgata e analisa a vida social e as manifestações culturais – crenças, costumes e tradições – num estudo com 39 pessoas pioneiras em Rondonópolis. Nesta valiosa investigação transformada em livro (1993), a autora divide o processo sócio-histórico e cultural em duas fases: a primeira, até a década de 40, ligada aos primeiros moradores, que “[...] pretendiam simplesmente viver, de forma simples e sem preocupação com o futuro [...]” e a segunda, após 1947, relacionada aos migrantes “[...] que buscam o eldorado e pretendiam uma vocação de riqueza para si e para o lugar[...]. (TESORO, 1993, p. 182)

Desta maneira, a primeira etapa da História da sociedade rondonopolitana apresenta um perfil de vida marcado por crenças acerca da abundância da terra; da riqueza fácil e imediata; da confiança no próximo e da solidariedade humana; da inferioridade da mulher; do casamento; crenças relacionadas a bichos – lobisomem, saci-pererê, mula-sem-cabeça - e outras superstições; das curas por simpatias, benzeções e remédios caseiros; do azar; do destino; da presença e do amparo de Deus. (TESORO, 1993, p. 182)

A natureza geográfica de Rondonópolis influenciou de forma marcante as crenças da abundância da terra e riqueza fácil; a primeira, pela existência de terras disponíveis e reduzida população e a segunda, pela proximidade dos garimpos de Poxoréo (aproximadamente 80 km). Por isso, muitas crenças e superstições estão ligadas ao cerrado, como as lendas de *Saci-Pererê*, *mula-sem-cabeça*, *lobisomem* e ao rio, no caso do *negro d'água* e da *sereia*, reflexo da maior proximidade e intimidade do homem com a natureza e expressas em sentimentos de amor e medo.

Os valores religiosos eram traduzidos na reverência a Deus, a Nossa Senhora, aos santos, às rezas e promessas, mescladas às superstições e credices populares. Nas casas existiam as imagens de santos que, muitas vezes, passavam de geração a geração, mantendo a tradição religiosa que influenciava no *modus vivendi* da população simples, de relações sociais coletivas, norteadas pelo paternalismo e pela família.

A partir de 1947 os novos moradores que chegam iniciam a reestruturação das crenças – idéias e valores – substituindo e modificando-as e, principalmente, inovando-as dentro de uma nova conjuntura idealizada pelo progresso, trabalho, produção, investimento na ótica do Brasil grande. Mesmo assim, permaneciam as festas religiosas do Divino, Reis, Juninas, Natal, Páscoa, Corphus Christi; as festas cívicas escolares com desfiles, como o Sete de Setembro, e o Carnaval. Porém, os momentos eram diferentes, o tempo passava lentamente e para viver não se tinha pressa.

As festas, na igreja, também eram diferentes e contavam com a participação de quase toda a população: quermesses, terços, procissões, novenas, que tinham o sabor do encontro alegre e festivo de “estar-junto” (...) dividir o mesmo espaço numa experiência de razão e emoção. (ALVES, 2001. p. 25)

As palavras de Cury (1971), presentes em seu livro *Do bororo ao Prodoeste*, caracterizam a hospitalidade e amistosidade da cidade, típicas do povo rondonopolitano na fase anterior à expansão da fronteira agrícola da região:

Rondonópolis a cidade de todos os estados. Rondonópolis é uma cidade nova, linda, amiga, que irradia simpatia e carinho fraternal aos visitantes. Nela há simplicidade, amizade, liberdade de pensamento e muito progresso, especialmente econômico. (CURY, p. 240)

Rondonópolis passa pelas bruscas e rápidas mudanças econômicas e sociais a partir da década de 60, com a modernização da agricultura, transformando-se num pólo receptor de migração nacional oriunda das diversas regiões do país, especialmente do nordeste, centro-oeste e sul. O espaço adquiriu um “status” de mercadoria, e a prática social exige que este seja concebido como tal para reproduzir a acumulação capitalista e, por conseguinte, a desigualdade social. O aumento populacional implica em novos padrões de convivência social e cultural. O vivido perde-se na caminhada, pois o homem não tem tempo para *estar*, uma vez que a modernidade caracteriza-se por uma “aceleração temporal” (NASCIMENTO, 1997), que impede a vivência contínua e prolongada da paisagem e do lugar.

2.3.2 Festas populares e exposições a serviço do capital

A cultura fica a mercê da “interface entre a individualidade e a globalização” (STURZA, 2001b, p. 127), que aliena e massifica as relações sociais dentro de uma “práxis

utilitária” (KOSIK, 1976), incentivada pelo lucro imediato do empresário e a manutenção do poder político centralizado nas mãos do Estado.

Hoje as festas populares são um reflexo do sistema, recebem patrocínio de empresas que almejam um retorno lucrativo imediato, ao mesmo tempo em que funcionam como veículo de prestígio e trampolim político para os seus idealizadores. (TESORO, 1993, p. 198)

O futebol é um exemplo da apropriação capitalista e política dos eventos culturais. O antigo *campinho de brincadeiras* da Escola Estadual de Ensino Médio Major Otávio Pitaluga desapareceu, e o esporte passou a ser praticado no Estádio Lutero Lopes, atual Atacadão Supermercados. Atualmente a cidade possui dois clubes profissionais: o União Esporte Clube fundado em 06 de Junho de 1973 e a Sociedade Esportiva Vila Aurora, criado em 1989, que disputam o campeonato mato-grossense de futebol que atraem milhares de torcedores para o novo Estádio Lutero Lopes, que conta com capacidade de 20.000 pessoas. Neste ano de 2005 a Sociedade Esportiva Vila Aurora conseguiu o primeiro título do Campeonato Matogrossense para Rondonópolis.

Nos moldes da iniciativa privada e entrega total à mentalidade progressista também ocorrem as festas (rodeios e megashows musicais) dentro da Exposição Agropecuária e Industrial da Região Sul de Mato Grosso – EXPOSUL, e AGRISHOW CERRADO. A EXPOSUL iniciou-se em 1967 e hoje acontece no Parque de Exposições Wilmar Peres de Farias (considerado o maior parque da América Latina), sob a responsabilidade do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Já o *Agrishow Cerrado* movimentou mais de R\$ 600 milhões em 2003, na sua segunda edição (ACIR, 2003, p. 18). Neste ano de 2005 os negócios totalizaram apenas R\$ 300 milhões, reflexo da crise na agricultura provocada pela queda do dólar no mercado internacional. Os dois eventos contam com muitos expositores e visitantes de vários estados brasileiros, embora a participação popular não seja tão espontânea, pois

As festas populares, de um modo geral, conseguem reunir hoje uma multidão de pessoas, dado aos constantes apelos da propaganda e da divulgação através dos meios de comunicação de massa, que atingem grandes audiências, numa escala desconhecida até bem poucos anos atrás. (TESORO, 1993, p. 201)

Hoje também podemos destacar o *Rondonfolia* ou Carnaval Popular, um carnaval de rua preconizado e promovido pela Prefeitura Municipal, realizado na Avenida Lions Internacional. Esta avenida apresenta um complexo de lancherias, restaurantes e danceterias, estrategicamente construídas nas proximidades do *Shopping Center* da cidade. O

Rio Vermelho Vivo é um conjunto de eventos culturais realizado às margens do Rio Vermelho, para a conscientização da importância de sua preservação e valorização dos recursos hídricos.

Na realidade, a cidade não tem ainda uma identidade cultural configurada, salvo uma mistura cultural (TESORO, 1993, p. 277), que precisa ser revelada em novos estudos e questões emergidas na *inquietação da experiência e do vivido* (Alves, 2001, p. 01). Cabe um novo olhar geográfico sobre a paisagem cultural para definir os padrões, processos e o patrimônio da cultura rondonopolitana, aspecto a ser desvelado nesta pesquisa.

Apesar dos eventos e atividades relacionado acima, concebido pela iniciativa pública e privada como “culturais”, Rondonópolis ainda tem os verdadeiros valores culturais ocultos e abafados pela voz uníssona do capital que enriqueceu a cidade, mas empobreceu a coletividade. É o grande dilema da cultura nas chamadas cidades pólo do Brasil, onde o *status* burguês prevalece sufocando as legítimas expressões culturais populares da diversidade regional presente e não potencializada, no povo rondonopolitano.

Sob o olhar dessas facetas, podemos afirmar que a cultura local está à margem do êxtase da globalização sem tempo e sem espaço. Há, portanto, uma necessidade do conhecimento local, sua cultura e lugar, como uma perspectiva importante no repensar da globalização e de propostas alternativas ao capitalismo e à modernidade.

CAPÍTULO 3

RONONÓPOLIS: LUGAR OU NÃO-LUGAR?

A interpretação da experiência humana e sua ambivalência, ambigüidade e complexidade pode ser sistematicamente explorada para esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, no que dizem respeito ao espaço, lugar e suas paisagens. (MACHADO, 1999, p. 98 -99)

3.1 A realização da pesquisa

O presente trabalho foi realizado na cidade de Rondonópolis - MT, entre 2002 e 2005, e construído a partir dos estudos dos conceitos já apresentados e discutidos, à luz do objeto de estudo, a **paisagem** e o **lugar** em Rondonópolis. O olhar preparado pela leitura conceitual dos autores selecionados permitiu a elaboração do propósito e objetivos, do arcabouço metodológico e das estratégias da pesquisa.

3.1.1 Propósito e objetivos

A pesquisa qualitativa preenche uma lacuna deixada pela pesquisa convencional, que não consegue abarcar as informações cognitivas, afetivas, emocionais e simbólicas oriundas da rica experiência entre a pessoa e o lugar. A experiência do homem com o lugar deve ser avaliada sob a análise das preferências, percepções, atitudes, valores e imagens. Estas informações potencializam as discussões e a tomada de consciência para uma nova conduta na interação entre o homem e seu mundo vivido.

Lugar emerge de um “espaço indiferenciado, quando o conhecemos e dotamos de valor” (MACHADO, 1999, p. 98). Mas quais são os valores, atitudes e percepções que fluem da experiência com o lugar em Rondonópolis? As mudanças dos últimos trinta anos conseguiram solapar o sentido de lugar em Rondonópolis? Em que estágio se encontra a identidade do lugar em Rondonópolis? Quais são as manifestações topofílicas e topofóbicas dos moradores em Rondonópolis? Quais os vínculos existentes entre a população e o Bioma Cerrado?

Tentar encontrar a resposta a estas questões é o propósito deste trabalho, que se ocupa em investigar a percepção da paisagem e a identidade do lugar em Rondonópolis, a partir do conhecimento do espaço vivido de seus moradores. Para isto, visamos aos seguintes objetivos:

- Verificar se as mudanças ocorridas nos últimos 30 anos vêm solapando a identidade do lugar em Rondonópolis, favorecendo o aparecimento do não-lugar.
- Verificar se os processos de apropriação e o uso intenso do espaço produtivo vêm comprimindo o espaço vivido da população em Rondonópolis, afastando-a da paisagem do Bioma Cerrado, provocando o desaparecimento de vínculos entre ambos (topocídio).

3.1.2 Fundamentação Teórico-metodológica

Os autores tratados no quadro teórico-conceitual do Capítulo 1 permitiram posicionar o enquadramento teórico-metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente as idéias de Tuan (1980 e 1983), quanto ao estudo do lugar e ao conceito de topofilia; Relph (1976), no tocante ao conceito de “placelessness”, entendido por nós como não-lugar, e de Machado (1988 e 1993), principalmente nas proposições aplicadas na elaboração do questionário e análise categorial dos dados. Em Porteos (1988) encontramos os subsídios necessários para a análise do topocídio do Cerrado, em seus aspectos naturais e culturais.

A contribuição mais importante de Tuan é o estudo das percepções, atitudes e valores do meio ambiente na análise do lugar como fenômeno experienciado. Precisamos conhecer “a qualidade e a intensidade da experiência” (TUAN, 1983, p. 159) do homem com o ambiente para o conhecimento da identidade do lugar. O conceito topofilia, também introduzido pelo autor, tem sua aplicação na análise da afetividade ou afeição pelo lugar, paralelamente ao conceito antagônico, a topofobia, que representa a falta de afetividade ou aversão pelo lugar.

A percepção da cidade de Rondonópolis por seus moradores e a verificação da existência ou não de uma identidade do lugar necessita incluir e fundamentar-se nas ricas contribuições de Tuan, que também avaliou a interação entre o homem e o ambiente urbano de cidades como Atenas, Roma, Los Angeles, entre outras. (Tuan, 1980)

As idéias de Relph (1976) compreendem outro pilar teórico-metodológico no presente estudo, pois abordam a construção e desconstrução dos lugares na sociedade moderna e o surgimento do não-lugar como resultado da inautenticidade do homem frente ao lugar (RELPH, 1976, p. 80-82). O autor também destaca a influência da mídia e do próprio planejamento público ou privado no “enfraquecimento do sentido de lugar e surgimento do não-lugar” (p. 90). Salientamos que, dentro da Geografia, o não-lugar ainda é pouco investigado, porém, aliados às contribuições de Relph, discutimos este conceito na realidade de Rondonópolis, paralelamente ao estudo do lugar. A princípio, existe um entrecruzamento, ou mesmo uma complementaridade, entre lugar e não-lugar, que tentaremos explicar na pesquisa.

Outra contribuição importante são os trabalhos de Machado (1988 e 1993), na elaboração do questionário para a coleta de dados, principalmente na estruturação e seleção das categorias de análise (identidade, significado, valores — cultural, afetivo, econômico — e responsabilidade). A autora salienta que, “mais recentemente, algumas pesquisas têm centrado no sentido de lugar e inúmeros esclarecimentos já foram alcançados sobre os fundamentos orgânicos, afetivos e simbólicos da identificação com o lugar” (MACHADO, 1999, p. 98). Nosso estudo intera-se com estas idéias e busca conhecer estes fundamentos de identificação com o lugar em Rondonópolis.

Finalmente as colocações de Porteos (1988) dão conta de que a transformação das paisagens, para atender à implantação de grandes projetos, acarreta o aniquilamento ou desaparecimento de certos lugares. Desta forma, a implantação dos grandes projetos agropastoris na área do Cerrado, no caso Rondonópolis, sinaliza para a existência do topocídio, pois muitos lugares desapareceram, persistindo apenas na memória das pessoas mais idosas.

3.2 Procedimentos de pesquisa

Os pressupostos teórico-metodológicos acima considerados nortearam a estratégia da pesquisa que desenvolvemos sobre a cidade de Rondonópolis, desde a seleção do número de sujeitos, a elaboração do instrumento de medida e a coleta dos dados.

O estudo da percepção do lugar em Rondonópolis foi construído a partir das percepções, atitudes e valores informados pelos seus moradores, construídos através de suas vivências.

3.2.1 Caracterização dos sujeitos

Foi fixado um total de 80 (oitenta) sujeitos para a cidade de Rondonópolis como um número suficiente para a consecução dos objetivos propostos, haja vista a natureza qualitativa da pesquisa e a população da cidade.

Os sujeitos considerados são indivíduos adultos maiores de 18 anos, moradores de Rondonópolis que freqüentavam os locais no momento da coleta dos dados. As variáveis para a caracterização de seu perfil referem-se à idade, sexo, grau de escolaridade, tempo de residência, tipo de moradia, lugar de origem e ocupação principal.

A **Tabela 10** mostra a distribuição dos sujeitos por **sexo e idade**. Quanto ao sexo, 53,75% pertenciam ao sexo feminino e 46,25 % ao sexo masculino, estando distribuídos em seis faixas etárias. No que tange às mulheres ouvidas, predominou a idade média entre 18 e 25 anos, situação também apresentada pelos homens, com valor ligeiramente mais elevado. Entre homens e mulheres a faixa etária mais encontrada foi, igualmente, a de 18 a 25 anos e a menor foi aquela de mais de 66 anos. Desta forma, participaram da pesquisa mais jovens (18 a 25 anos), na percentagem de 33,75% dos sujeitos, todavia a média etária dos sujeitos foi de 37,9 anos.

Tabela 10 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por sexo e idade (n=80)

Sexo	Idade						Total	%
	18 a 25	26 a 35	36 a 45	46 a 55	56 a 65	+ de 66		
Feminino	19	07	08	07	01	01	43	53,75
Masculino	08	06	04	07	06	06	37	46,25
Total	27	13	12	14	17	07	80	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.

Organização do autor.

Na **escolaridade** dos sujeitos (**Tabela 11**), predominaram pessoas com Ensino Fundamental incompleto (28,75%) e Ensino Médio completo (28,75%), totalizando 56

peçoas das 80 ouvidas. Depois, aparece o Ensino Superior Incompleto com 12,50% das peçoas.

Tabela 11 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por escolaridade – 2005 (n= 80)

Escolaridade	Sujeitos	%
Analfabeto	03	3,75
1º. Grau ou Ensino Fundamental completo	08	10,00
1º. Grau ou Ensino Fundamental incompleto	23	28,75
2º. Grau ou Ensino Médio completo	23	28,75
2º. Grau ou Ensino Médio incompleto	10	12,50
3º. Grau ou Ensino Superior completo	03	3,75
3º. Grau ou Ensino Superior incompleto	10	12,50
TOTAL	80	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Chama a atenção o fato de que, considerando que a idade mínima estabelecida foi a de 18 anos, percebe-se um atraso na escolaridade, pois nesta idade o Ensino Médio deveria estar sendo concluído.

A **Tabela 12** apresenta a distribuição dos sujeitos por **tempo de residência** em Rondonópolis, divididos em sete faixas de tempo. Predominaram duas faixas: a 11 a 20 anos, com 22,50% e a de 21 a 30 anos com 22,25% dos moradores. Evidencia-se também uma atração populacional da cidade nos últimos cinco anos, pois 15% disseram estar residindo entre 1 a 5 anos e 13,75% há menos de 1 ano. Isto se deve ao recente desenvolvimento do agronegócio e à instalação de novas indústrias no município.

Tabela 12 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por tempo de residência (n= 80)

	(-) 1	1 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	+ de 41	Total
Sujeitos	11	17	18	18	11	05	80
%	13,75	16,25	22,50	22,50	13,75	6,25	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Outro dado essencial à pesquisa é o **tipo de moradia**, porque indica também as condições socioeconômicas e pode influenciar no grau de satisfação com o lugar pelos moradores. A **Tabela 13** destaca que 70% dos sujeitos possuíam moradia própria, 21,25% moravam em casa alugada e os demais 8,75% em outro tipo de moradia (cedida, de familiares, etc.). A informação da moradia é essencial para o sentido de lugar, pois está integrada ao conceito de posse ou apropriação, isto é, a existência de uma propriedade (casa) pode contribuir para o enraizamento e fixação da pessoa no lugar.

Tabela 13 - Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por tipo de moradia (n= 80)

Tipo de moradia				
	Própria	Alugada	Outras	TOTAL
Sujeitos	56	17	07	80
%	70	21,25	8,75	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

O **lugar de origem**, apresentado na **Tabela 14**, comprova a diversidade regional e estadual dos moradores de Rondonópolis, construída em antiga área de fronteira agrícola e cuja história foi descrita no Capítulo II.

Os dados da tabela abaixo demonstram que os moradores ouvidos nasceram em 17 estados brasileiros diferentes, com predominância para os seguintes: Mato Grosso (35%), São Paulo (15%), Mato Grosso do Sul (8,75%) e Rio Grande do Sul (6,25%). Os dados evidenciam novas gerações já nascidas em Rondonópolis (26,25% dos sujeitos) que, na infância e adolescência, podem ou não adquirir e experienciar maior afetividade pelo lugar.

Estes dados também apontam a realidade das migrações regionais no Brasil, principalmente aquelas ocorridas para as regiões de fronteira agrícola e do agronegócio, mais recentemente, como é o caso de Rondonópolis. Como poderá haver uma valorização do Cerrado, se o lugar de origem da população é tão variado e este Bioma não fazia parte da vida dessas pessoas anteriormente? O valor cultural e econômico do Cerrado depende de um maior tempo de conhecimento e convivência com seus elementos, por parte dessa população que migrou para Rondonópolis à procura de melhores condições de vida. Se o aspecto econômico é o grande fator de atração da população que migrou, é evidente que na ideologia, modo de vida e visão de mundo não está presente a consciência da importância dos recursos naturais e culturais endógenos já existentes no Cerrado e em Rondonópolis.

Tabela 14 – Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por lugar de origem (n= 80)

Cidades (Sujeitos)	U.F.	Total	%
Rondonópolis (21), Guiratinga (1), Sorriso (1), Poxoréo (1), Alto Garças (1), Santo Antonio do Leverger (1), Pedra Preta (1) e Ponte Branca (1).	MT	28	35,0
Coxim (2), Dourados (2), Campo Grande (1), Tacuru (1) e Cáceres (1).	MS	07	8,75
Mineiros (1), Jataí (1) e Aragarças (1).	GO	03	3,75
Araçatuba (1), Mococa (1), Ribeirão Preto (1), Álvares Machado (1), Tanabi (1), Pedronópolis (1), Tupi Paulista (1), Santo Anastácio (1), Nova Castilho (1), Ourinhos (1), Presidente Prudente (1) e Adamantina (1).	SP	12	15,0
Ceará (?)	CE	02	2,5
Ibiacucê (1), São Félix (1) e Senhor do Bonfim (1)	BA	03	3,75
Francisco Sá (1), Salinas (1), Matutinas (1), Conselheiro Pena (1), Belo Horizonte (1) e Uberaba (1).	MG	06	7,5
Maceió (1), Pilar (1) e Chão de Pilar (1).	AL	03	3,75
São Sepé (1), Santa Rosa (1), Humaitá (1), Porto Alegre (1) e Marcelino Ramos (1).	RS	05	6,25
Irati (1), Peabem (1) e Maringá (1).	PR	03	3,75
Conceição de Piancó (1) e Fagundes (1).	PB	02	2,5
Imperatriz (1).	MA	01	1,25
Monsenhor Gil (1).	PI	01	1,25
Manaus (1).	AM	01	1,25
Surubi (1).	PE	01	1,25
Linhares (1).	ES	01	1,25
Porto União (1).	SC	01	1,25
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

A **Tabela 15**, que apresenta a **ocupação principal** dos sujeitos, evidencia as seguintes ocupações predominantes: Do lar (15,0%), Estudante (12,5%), Aposentado (6,25%) e Secretária (5,0%). As ocupações Do lar e Aposentado predominaram, possivelmente, pelos locais escolhidos para a realização da pesquisa, em duas praças principais e proximidades de supermercados, pontos mais freqüentados pelas pessoas com estas ocupações. Os estudantes apresentaram o segundo maior percentual porque as duas praças têm escolas e ponto de ônibus em suas proximidades. Outro dado importante é o referente a Desempregados (10 sujeitos= 12,5%), evidenciando um dos problemas mais sérios de Rondonópolis e demais cidades brasileiras na atualidade.

Tabela 15- Rondonópolis – Distribuição dos sujeitos por ocupação (n= 80)

Ocupação principal	Sujeitos	%
Secretária	04	5,0
Do lar	12	15,0
Estudante	10	12,5
Comerciante	03	3,75
Aposentado	05	6,25
Professor	03	3,75
Segurança	01	1,25
Funcionário público	03	3,75
Tratorista	01	1,25
Operador de máquinas	01	1,25
Acompanhante	02	2,5
Vendedor	02	2,5
Administrador de fazenda	02	2,5
Auxiliar de serviços gerais	01	1,25
Desempregado	10	12,5
Pedreiro	01	1,25
Operadora de caixa	01	1,25
Agricultor	01	1,25
Encarregado de ar comprimido	01	1,25
Doméstica	02	2,5
Analista de crédito	01	1,25
Assistente técnico	01	1,25
Salgadeira	01	1,25
Borracheiro	01	1,25
Auxiliar de mecânico	01	1,25
Auxiliar de escritório	01	1,25
Manicure	01	1,25
Frentista	01	1,25
Advogado	01	1,25
Promotora de vendas	01	1,25
Aeronauta	01	1,25
Agente comunitário de saúde	01	1,25
Garçon	01	1,25
Técnico agrícola	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

3.2.2 Instrumento de medida

O Instrumento de Medida constou de um questionário (**ANEXO**) construído pelo autor à luz da contribuição metodológica de Machado (1988), composto por duas partes. A primeira parte compreendeu uma ficha de informações com o sentido de caracterizar o

perfil dos sujeitos pesquisados para registro de sexo, idade, grau de escolaridade, tempo de residência, tipo de moradia, lugar de origem e ocupação principal.

A segunda parte consistiu em questões abertas, em número de dezesseis, relativas ao estudo de Rondonópolis enquanto lugar/não-lugar, com o fim de averiguar: identidade, significado, valor afetivo, valor cultural, satisfação com o lugar (casa, rua, bairro e cidade), imagem e símbolo.

A primeira questão, - *O que é Rondonópolis para você?*, foi formulada para conhecer como o sujeito percebe a cidade em termos de sua **identidade**. A segunda questão, - *Feche os olhos, o que lembra de Rondonópolis?*, foi introduzida para verificar o **significado** atribuído à cidade como fenômeno experienciado.

As duas perguntas que seguem, *O que você gosta em Rondonópolis?* e *O que você não gosta em Rondonópolis?*, foram feitas para constatar os **valores afetivos** atribuídos à Rondonópolis.

Para avaliar o grau de **satisfação com o lugar**, seguiram-se mais seis indagações. As duas primeiras: *Se pudesse decidir, o que melhoraria em Rondonópolis?* e *Se fosse necessário mudar, qual cidade escolheria para morar? Por quê?* tiveram o intuito de levantar o grau de satisfação com a cidade. As questões seguintes, *Gosta do bairro onde mora?* e *E da rua?* objetivaram a análise da satisfação com o bairro e a rua. Por fim, duas perguntas foram realizadas para conhecer a **preferência e a frequência no lugar**: *Qual é o lugar preferido em Rondonópolis?* e *Qual o lugar mais freqüentado em Rondonópolis?*

O **valor cultural** foi buscado na formulação de três questões: “Quais são as festas populares de Rondonópolis?”, “Em quais festas você participa?” e “Na sua opinião elas devem permanecer?”. Entendemos que as festas populares (assim compreendidas todas as festas de um modo geral, presenciadas pelas pessoas). Estas festas, como manifestações culturais expressam “[...] ao mesmo tempo, um reflexo, uma mediação e uma condição social” (CORRÊA, 2003, p. 181). Neste caso, o valor cultural é avaliado por meio de conhecimento, participação, importância e permanência em relação às festas populares de Rondonópolis.

Duas questões foram feitas para conhecer a **imagem** de Rondonópolis: “Você conhece o cognome (apelido) de Rondonópolis?” e “Na sua opinião, a expressão *Capital do Agronegócio* representa Rondonópolis?”. E, para o conhecimento do **símbolo** atribuído à cidade formulou-se a questão “O que você usaria como símbolo para identificar Rondonópolis?” Por quê?

Ainda na segunda parte do instrumento de medida buscou-se avaliar o conhecimento e a experiência do sujeitos com o Cerrado e como repercutem os vínculos afetivos em relação a este, na sua conservação e preservação e na vida das pessoas. Para tanto, a primeira questão, “Que é Cerrado para você?” buscou o conhecimento da sua **identidade**. As três perguntas seguintes referem-se: ao **símbolo** do Cerrado: “Na sua opinião, qual é o símbolo que representa o Cerrado? Por quê?” e à **imagem**, “Como você descreve o Cerrado de antigamente e o Cerrado de hoje?” e “Qual é a sua lembrança da paisagem do Cerrado?”.

A **responsabilidade** com o Cerrado foi buscada em duas perguntas: “Se pudesse decidir, como cuidaria do Cerrado?” e “Quem deve cuidar do Cerrado? Por quê?”.

Por último, procurou-se levantar a existência ou não de **topocídio** no Cerrado com quatro questões: “Você considera importante a utilização econômica do Cerrado? Por quê?”, “Você concorda que a soja deva substituir o Cerrado? Por quê”, “Para Rondonópolis, o que é mais importante: soja ou cerrado? Por quê” e “E para você? Por quê?”.

3.2.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre 15 de fevereiro e 10 de março de 2005, pelo próprio pesquisador. A cidade foi dividida em quatro quadrantes e os questionários foram aplicados ao acaso em cada um destes locais, selecionados estrategicamente pelo maior fluxo de pessoas, como foi o caso de uma praça central na cidade e proximidades de supermercados. Em cada quadrante realizou-se a aplicação de 20 (vinte) questionários perfazendo o total de 80 (oitenta).

3.3 Resultados e discussões

3.3.1 Lugar/não-lugar

3.3.1.1 *Identidade*

A questão da identidade de um ser ou objeto marca as relações de individualidade, proximidade, territorialidade e pertencimento. Ela está cada vez mais presente na modernidade no contexto da globalização, porém não é recente, considerando-se a

identidade como sendo “imprescindível para se perceber a personalidade dos lugares, seus sentidos e significados” (HISSA, 2002, p.68).

A questão “O que é Rondonópolis para você?” trouxe à luz a distância afetiva entre o sujeito e o lugar, pois 56 entrevistados apresentaram respostas impessoais na definição do que representa Rondonópolis para eles. A **Tabela 16** mostra que para 67,5% dos sujeitos Rondonópolis é uma “cidade”, isto é, algo construído, material, não familiar e não vivido, podendo ser entendido como não-lugar.

Entretanto, a resposta “cidade” foi adjetivada como “boa”, “muito boa”, “tranqüila” e “maravilhosa”, ensejando a demonstração de algumas qualidades mais experienciáveis pela pessoa.

Tabela 16 – Rondonópolis – a identidade do lugar (n=80)

- O que é Rondonópolis para você?

Identidade	Sujeitos	%
Cidade	54	67,5
Lar/casa	08	10,0
Tudo	05	6,25
Minha vida/origem	06	7,5
Lugar	04	5,0
Pólo de desenvolvimento	01	1,25
Muita coisa	01	1,25
Nada	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

P. S. 63¹ “Cidade bem materialista e de custo de vida elevado”. (Técnico Agrícola, 23 anos, 2 anos de moradia, 2º Grau Completo)

P. S. 54 “Cidade muito boa para morar e viver”. (Do lar, 39 anos, 1 ano de moradia, 3º Grau Incompleto)

Observa-se uma distância afetiva entre as respostas acima, pois para o primeiro sujeito, Rondonópolis é um lugar de uso (visão econômica) enquanto o segundo já percebe a cidade como moradia e “locus” de vida.

¹ O número se refere ao Protocolo do Sujeito (P. S.) utilizado no Questionário aplicado na pesquisa.

O não-lugar está presente no aspecto identidade, pois 67,5% dos respondentes percebem Rondonópolis como cidade, ou seja, algo construído, material. Apenas 30% das pessoas vêem Rondonópolis como lugar, pois a descrevem como “lar/casa”, “tudo”, “minha vida”, “origem”, “lugar”, “muita coisa”. Para estas, existe uma relação mais íntima de afetividade e experiência topofílica entre a pessoa e o lugar, como é o caso do depoimento abaixo:

P.S. 51 “Tudo, minha raiz, origem, história de vida”. (Professora, 49 anos, 49 anos de moradia, 3º Grau Completo).

Rondonópolis é experimentada como lar/casa por 10% dos entrevistados, o que pode ser entendido como consequência da relação mais familiar entre a pessoa e o lugar. Para estes, Rondonópolis é um lugar de grande importância, porque representa o espaço de habitação e segurança, noções essenciais ao conceito lugar.

Ficou evidente que a identidade de Rondonópolis está envolta em diferentes estágios de experiência afetiva e cognitiva dos moradores com o lugar, independentes da idade mas e variáveis em função do conhecimento e da experiência de vida de cada sujeito.

3.3.1.2 Significado

A experiência prática e afetiva que o sujeito tem do lugar, no caso Rondonópolis, proporciona um significado que pode ser **simbólico**, **físico** ou **humano**.

Na **Tabela 17** observamos que 36,25% dos sujeitos atribuíram significados humanos, 23,75% significados simbólicos e 21,25% significados físicos. Não atribuíram significado algum 18,75% dos entrevistados.

Dentre os componentes humanos destacam-se os amigos (12,5%) e as pessoas (11,25%), correspondendo a um maior relacionamento social do que propriamente ao relacionamento entre a pessoa e o lugar. É o que podemos notar nas respostas a seguir:

P. S.48 “A amizade com as pessoas”. (Aposentado, 49 anos, 34 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

P. S.61 “O povo, porque as pessoas são acolhedoras”.(Auxiliar de Mecânico, 19 anos, 19 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Tabela 17– Significado de Rondonópolis (n=80)

- Feche os olhos, o que lembra de Rondonópolis?

Componentes	Significado	Sujeitos	%
Simbólicos	Cidade	08	10,0
	Tranqüilidade	04	5,0
	Passado/infância	05	6,25
	Tudo	02	2,5
	Total	19	23,75
Físicos	Casario	03	3,75
	Praça Brasil	05	6,25
	<i>Shopping Center</i>	02	2,5
	Rio Vermelho	01	1,25
	Córrego Arareau	01	1,25
	Bairro onde mora	03	3,75
	Cachoeiras	01	1,25
	Total	17	21,25
Humanos	Amigos	10	12,5
	Pessoas/população	09	11,25
	Trabalho	03	3,75
	Convivência	03	3,75
	Violência	01	1,25
	Exposul	01	1,25
	Família	02	2,5
	Total	29	36,25
Nada/não tem lembrança		15	18,75
	TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Os significados simbólicos mais importantes atribuídos a Rondonópolis foram, o passado/infância (6,25% dos sujeitos) e cidade (10%), esta última entendida no seu início, na *infra-estrutura* e como um *todo*:

P. S.12 “A cidade no início era uma lama”. (Aposentado, 80 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P. S.14 “A cidade com boa infra-estrutura”. (Aposentado, 75 anos, 1 ano de moradia, 1º Grau Incompleto).

P. S.54 “A cidade como um todo”. (Do Lar, 39 anos, 19 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

A predominância de significados humanos e simbólicos pode ser interpretada como uma experiência maior no âmbito das relações sociais e dos símbolos pré-concebidos ou inculturados. Por isso, os elementos físicos, indicadores de uma relação mais íntima entre o

corpo (ser) e o lugar (ambiente), foram menos freqüentes nas respostas dos sujeitos. Entre estes elementos apareceram a Praça Brasil, com 6,25% dos sujeitos, e o Casario/Bairro onde mora, com 3,75%. Vejam-se as respostas abaixo, neste sentido:

P. S.50 “A Praça Brasil, porque desde pequena freqüento ela”. (Estudante, 21 anos, 15 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

P. S.09 “Casario, porque é maravilhoso, cartão postal da cidade”. (Estudante, 38 anos, 30 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

P. S.68 “O bairro onde moro, porque tem acolhimento”. (Desempregado, 31 anos, 27 anos de moradia, 2º Grau Completo)

Para 18,75% dos sujeitos não existe ou eles não lembram de algum significado, o que indica que não existe “o contato cotidiano, mais íntimo, prolongado e direto” (MACHADO, 1999, p. 107) com a cidade de Rondonópolis que favoreça a descoberta dos significados.

Os significados que os entrevistados atribuíram a Rondonópolis mostram a construção e o sentido de lugar ligado mais às relações sociais do que à natureza, ao ambiente físico. O valor atribuído à relação com o outro é uma necessidade da identidade pessoal, numa cidade onde coexistem diferentes culturas e pessoas nascidas em diversos lugares. Na própria concepção aristotélica o homem tende a socializar-se e necessita da sociedade.

A explicação de Tuan (1980, p. 259) é de que “as pessoas, independente da classe econômica e cultura, tendem a julgar a qualidade do meio ambiente mais pelo que percebem ser um bom vizinho do que pela condição física do bairro”.

3.3.1.3 Valor afetivo

A afetividade entre a pessoa e o lugar pode ser analisada segundo os aspectos positivos (topofílicos) ou negativos (topofóbicos), indicados pelos sujeitos em relação a Rondonópolis.

A **Tabela 18** apresenta os elementos relacionados com as qualidades positivas de Rondonópolis, indicadas nas respostas à questão: “O que você mais gosta em Rondonópolis?” Observamos que 25% dos sujeitos gostam do povo/pessoas e 12,5% de tudo, isto é, não especificaram sua preferência; é o que está representado pelas respostas transcritas abaixo.

Tabela 18 – Valor afetivo: qualidades positivas de Rondonópolis (n=80)
 – O que você mais gosta em Rondonópolis?

Aspectos topofílicos	Sujeitos	%
Infra-estrutura	04	5,0
Povo (pessoas)	20	25,0
Cidade	03	3,75
Ambiente	02	2,5
Bairro onde mora	04	5,0
Praça Brasil	03	3,75
Horto Florestal	01	1,25
<i>Shopping Center</i>	05	6,25
Centro	02	2,5
Tudo	10	12,5
Igrejas diversas	03	3,75
Eventos (Exposul, carnaval)	03	3,75
Trabalho	04	5,0
Clima	02	2,5
Tranqüilidade	05	6,25
Cinema	01	1,25
Casario	01	1,25
Nada	01	1,25
Não sabe dizer	04	5,0
Lugar	02	2,5
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

P. S.34 “Das pessoas porque são humildes, legais e solidárias”. (Estudante, 18 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Incompleto)

P. S.26 “De tudo em geral”. (Desempregado, 42 anos, 35 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

As pessoas também apontaram o *Shopping Center* e a tranqüilidade (6,25% das respostas para cada aspecto), valorizando o primeiro elemento como local de encontro, comércio e lazer e o segundo, em relação a outras cidades:

P. S.19 “*Shopping Center*, porque é opção de lazer, encontro de amigos”. (Auxiliar de Escritório, 22 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Completo)

P. S.28 “Tranqüilidade, porque é uma cidade tranqüila em relação a outras”. (Segurança, 45anos, 30 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

Por outro lado, 22,5% dos sujeitos não gostam da violência/roubos/assaltos, 15% do clima e infra-estrutura, e 15% de pessoas desocupadas/desemprego, conforme **Tabela 19**.

Tabela 19 – Valor afetivo: qualidades negativas de Rondonópolis (n=80)
 – O que menos gosta em Rondonópolis?

Aspectos topofóbicos	Sujeitos	%
Pessoas desocupadas/desemprego	12	15,0
Políticos	05	6,25
Nada	05	6,25
Violência/Roubos/Assaltos	18	22,5
Segurança	06	7,5
Custo de vida	01	1,25
Administração Pública	04	5,0
Não sabe responder	01	1,25
Clima (calor, estação seca)	12	15,0
Infra-estrutura	12	15,0
Assistência social	01	1,25
Drogas	03	3,75
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

Vejam-se algumas respostas.

P. S.57 “A violência, porque oferece insegurança e preocupação”.(Estudante, 19 anos, 17 anos de moradia, 2º Completo)

P. S.29 “Violência, porque está em níveis altos”. (Funcionária Pública, 58 anos, 50 anos de moradia, 2º Grau Completo)

A violência amedronta os rondonopolitanos já de longa data conforme as palavras da Irmã Maria Osremer citadas por Tesoro (1993, p: 219) “A violência era um horror! Nós vivíamos sempre apavoradas”.

Nos sentimentos humanos aquilo que é positivo para algumas pessoas é negativo para outras, fato este ligado à individualidade, experiência de vida e cultura de cada indivíduo. É o caso das pessoas, que é qualidade topofílica para 25% dos sujeitos e topofóbica para 15%. Exemplificamos abaixo palavras dos respondentes que expressam o elemento “pessoas”, na primeira das respostas, tomado como elemento topofílico e, nas duas seguintes, como elemento topofóbico.

P. S.13 “Das pessoas, porque acolhem muito bem e fazem amizade fácil”. (Do lar, 40 anos, 1 mês de moradia, 1º Grau Incompleto)

P. S.17 “Malandros, vagabundos e andarilhos que perturbam a cidade”. (Encarregado de Manutenção de Ar Comprimido, 74 anos, 18 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

P. S.50 “Invasão de pessoas de outras cidades que se apossam das atividades”. (Estudante, 21 anos, 15 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

Já o clima, um aspecto físico ou natural, é mais topofóbico (15% dos sujeitos), de acordo com os depoimentos abaixo:

P. S.09 “Calor, porque não me sinto bem”. (Estudante, 38 anos, 30 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

P. S.55 “A estação seca, pela poeira e falta de chuva”. (Do Lar, 40 anos, 20 anos de moradia, 2º Grau Completo).

A infra-estrutura, semelhante ao clima, é um fator mais negativo ou topofóbico (15% dos sujeitos) do que positivo ou topofílico (apenas 5%), conforme se vê nos depoimentos a seguir. Este fato é compreendido pela forma e natureza da rápida evolução urbana de Rondonópolis, que conta hoje com mais de 200 bairros — segundo dados da Prefeitura Municipal de Rondonópolis, 2005 — que carecem de pavimentação, saneamento básico, assistência médica, entre outros serviços e melhorias.

As seguintes respostas ilustram a questão.

P. S.52 A deficiência da infra-estrutura em geral. (Professor, 19 anos, 19 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

P. S.62 A falta de saneamento básico. (Técnico Agrícola, 23 anos, 2 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

A tranqüilidade, segurança e violência foram agrupadas numa categoria, pois compreendem o mesmo fenômeno ligado às relações sociais. Este elemento é o mais repulsivo (topofóbico) dos quatro analisados na opinião de 30% dos sujeitos. Em 2004 ocorreram em Rondonópolis 39 homicídios, segundo dados da Diocese de Rondonópolis (2004).

P. S.57 A violência, porque oferece insegurança e preocupação. (Estudante, 19 anos, 17 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P. S.10 A segurança, porque é falha e parcial. (Desempregado, 54 anos, 27 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

Uma análise mais crítica das qualidades positivas atribuídas a Rondonópolis, aponta para a necessidade das relações sociais e convivência humana, na resposta “povo” (pessoas): “shopping center”, onde existem a atração pela novidade do mundo moderno e a segurança; e “tranqüilidade”, tão exigida hoje, aponta a necessidade das relações sociais e convivência humana. Não podemos negligenciar a importância do *shopping center* no mundo

urbano moderno, como local não só de comércio, mas também de lazer, diversão, alimentação e até convívio social, em cidades onde a violência aumenta a cada dia, restringindo os locais para essas atividades. Pode-se, num primeiro momento, pensar que esse local é procurado apenas pelos mais ricos, mas na verdade o seu público comporta hoje todas as classes.

As qualidades positivas e negativas de Rondonópolis citadas também permitem afirmar que o maior fator de atração e repulsão é o mesmo — as pessoas —, pois a violência, segurança e tranqüilidade são estados sociais provocados pelo próprio homem. É o processo lugar/não-lugar que coexiste num mesmo tempo e espaço.

3.3.1.4 Satisfação com o Lugar

A análise da satisfação com o lugar inicia-se com a avaliação da preferência e da em relação aos lugares pelos sujeitos da pesquisa. A preferência quanto aos diferentes lugares dependem das experiências e das necessidades humanas de trabalho, lazer, comércio e outros contatos sociais.

A **Tabela 20** relaciona os lugares preferidos pelos respondentes, destacando-se a própria casa (16,25% dos sujeitos), o *shopping center* (15%), a Praça Brasil (13,75%) e o Casario (10%).

Tabela 20 – Satisfação com o lugar: lugar preferido em Rondonópolis (n=80)
— Qual é o seu lugar preferido em Rondonópolis? Por quê?

Lugar referido	Sujeitos	%
Avenida Lions Internacional	02	2,5
Bairro onde mora	03	3,75
Casa de amigos	01	1,25
Casa de familiares	01	1,25
Casario	08	10,0
Centro	02	2,5
Estádio Lutero Lopes	01	1,25
Horto Florestal	05	6,25
Igrejas	07	8,75
Não tem	11	13,75
Pesque-pague	01	1,25
Praça Brasil	11	13,75
Própria casa	13	16,25
Rio Vermelho	01	1,25
<i>Shopping Center</i>	12	15,0
Terminal Rodoviário	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Transcrevem-se abaixo exemplos de tais respostas.

P. S.45 A minha casa, porque me sinto bem nela. (Do Lar, 47 anos, 20 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

P. S.21 O *Shopping Center*, porque é lugar de diversão, compras, cinema, novidade, ver pessoas. (Secretária, 18 anos, 6 meses de moradia, 2º Grau Incompleto)

P. S.03 A Praça Brasil, pela tranquilidade e convivência (Doméstica, 52 anos, 23 anos de moradia, 1º Grau Completo)

P. S.58 O Casario, porque é agradável e organizado, calmo, familiar. (Operadora de Caixa, 21 anos, 21 anos de moradia, 2º Grau Completo)

Os depoimentos acima evidenciam a importância da vida privada (casa) e vida pública ou social (*Shopping Center*, Praça Brasil e Casario) como lugares preferidos. Trata-se da necessidade do “eu” e do “nós”, isto é, da *singularidade*, intimidade, originalidade e recolhimento e do ser social que necessita da relação com o “outro” para afirmar-se como individualidade. O singular se confunde com a própria realidade e está expresso no homem espontâneo, brotando da intensidade da experiência de vida e reflexão sobre ela.

Concordamos com Tuan (1980, p. 68) quando afirma que “para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho, e arredores físicos”. Em outras palavras, e referendados nos dados acima, podemos afirmar que a preferência por um lugar depende das necessidades biológicas, sociais, educativas do entorno visualizado e vivido pela pessoa.

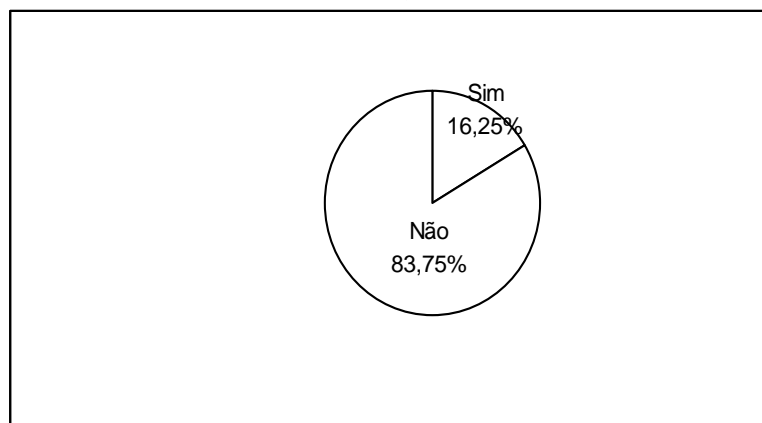
A satisfação com o lugar tem início com a relação afetiva na “própria casa” (16,25% dos sujeitos), que representa o ambiente primeiro na experiência perceptiva e cognitiva do lugar. É a casa que representa o “centro mais profundo da existência” (OLIVEIRA, 2001), imprescindível para o homem *estar e ser*.

A pesquisa não apresentou uma questão específica para investigar o grau de satisfação com a casa pelos sujeitos entrevistados. Entretanto, este lugar fundamental e pilar para todo o sentimento topofílico teve grande destaque na investigação e pode ser analisado nas respostas apresentadas à questão “Qual é o seu lugar preferido em Rondonópolis?”.

O **Gráfico 4** mostra que a casa foi o lugar preferido por apenas 16,25% dos sujeitos, pois se trata do *corpo e alma*, nas palavras de Bachelard, vividos por pensamentos,

sonhos e lembranças. É o ambiente residencial que oferece segurança e tranquilidade, elementos já apontados anteriormente na relação topofílica das pessoas com o lugar.

Gráfico 4 – Preferência da casa como lugar em Rondonópolis - MT – 2005.



Organizado pelo autor.

A preferência pelo *Shopping Center* (15% dos sujeitos) — **Figura 9** — está relacionada a necessidade imposta pelo capitalismo moderno, que privilegia o consumismo e a cultura de massa e, por isso, produz e reproduz não-lugares estandardizados como é o caso dos *shopping centers*, presentes nas grandes e médias cidades. É um local de encontro fugaz e transitório das pessoas que expressam atitudes de *inautenticidade*, assim explicadas por Relph: “An inauthentic attitude to place is essentially no sense of place, for it involves no awareness of the deep and symbolic significances of places and no appreciation of their identities”. (RELPH, 1976, p. 82)

O próprio autor explica que as atitudes inautênticas com o lugar podem ser inconscientes, sem uma crítica dos valores e comportamentos aceitos na cultura de massa. Na modernidade atual estas são as relações dominantes entre o homem e o ambiente, pois cada vez mais a realidade é composta de lugares e não-lugares que se misturam e interpenetram-se no espaço. A evolução das atividades humanas definiu novos espaços para o homem morar, trabalhar, passear, encontrar-se com os outros, etc. Este fenômeno contribui para a perda do sentido de lugar e da segurança e identidade dos indivíduos e grupos sociais.

O terceiro lugar preferido pelos respondentes foi a Praça Brasil (13,75% dos sujeitos), o que reflete a necessidade do homem estar na e com a natureza, pois a praça representa, dentro da cidade, aquele local mais próximo da natureza *naturans* (primeira natureza). Esta praça (**Figura 10**) foi um dos locais de aplicação dos questionários. Ela passou por uma reforma e o novo projeto de urbanismo satisfaz a maioria das pessoas, que

também são atraídas pela “biofilia” (Wilson, 1984), teoria que explica a forte atração do homem pela vegetação e demais espécies vivas. O termo biofilia foi cunhado num livro homônimo escrito por Edward O. Wilson, que também aborda o assunto em “O naturalista” (Wilson, 1997b).

O antigo Cais (**Figura 11**), região onde se iniciou o antigo Povoado de Rio Vermelho, deu origem ao Casario (**Figura 12**).



Foto do autor. Jul/2005.

Figura 9 – *Shopping Center* de Rondonópolis – MT: centro de comércio e local de lazer preferido pelos moradores. Rondonópolis - MT.



Foto do autor, Jul/2005.

Figura 10 – Praça Brasil, no centro da cidade, um dos lugares preferidos pelos rondonopolitanos. Rondonópolis - MT.



Foto: Carmo (2005, p. 114).

Figura 11 – Antigo Cais: local do início do povoamento em Rondonópolis – MT.



Foto do autor. Jul/ 2005.

Figura 12 – Casario (antigo Cais) que funciona hoje como grande *shopping* popular e praça de esportes e lazer - Rondonópolis – MT.

O antigo Cais deu lugar ao Casario, remodelado e adequado para o comércio, que se torna um fator de atração da população para este local. O próprio Relp

(1976) trata do fenômeno da *museumisation* como a restauração de prédios públicos de acordo com as conveniências do mundo moderno. É uma fusão da memória histórica com o comércio e o turismo desconstruindo e reconstruindo lugares, uma exigência do planejamento urbano que nem sempre agrada a todos. Também pode ser visto como uma captura desta memória e patrimônio histórico pelas atividades capitalistas do mundo atual e uma forma de revitalizar o próprio sistema produtivo do capital.

A preferência pelos lugares deve ser relacionada com a frequência (**Tabela 21**) com que as pessoas se dirigem a eles, pois o tempo de experiência sensível e cognitiva é um fator importante na identidade do lugar. Quanto maior for o tempo de duração da experiência, maior é a possibilidade de desenvolver laços afetivos (topofílicos) com este lugar, embora esta não seja regra para todos os casos, uma vez que também depende da intensidade interacional entre a pessoa e o lugar.

Tabela 21 – Satisfação com o lugar: lugar mais freqüentado em Rondonópolis (n=80)
– Qual é o lugar que mais freqüenta em Rondonópolis? Por quê?

Lugar freqüentado	Sujeitos	%
Avenida Lions Internacional	03	3,75
Bairro onde mora	03	3,75
Bares/lancherias	02	2,5
Casa de amigos	02	2,5
Casa de familiares	02	2,5
Casario	06	7,5
Centro	05	6,25
Horto Florestal	03	3,75
Igrejas	07	8,75
Local de trabalho	03	3,75
Lojas	01	1,25
Não tem e/ou não sabe	03	3,75
Pesque-pague	01	1,25
Praça Brasil	12	15,0
Praça dos Carreiros	01	1,25
Própria casa	08	10,0
Rio Vermelho	01	1,25
<i>Shopping Center</i>	15	18,75
Universidade(UFMT/UNIR)	02	2,5
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

O *Shopping Center* é o lugar mais freqüentado em Rondonópolis (18,75% dos sujeitos), seguido da Praça Brasil (15%), da própria casa (10%) e igrejas (8,75%). Já foram apresentadas as razões que explicam a preferência pelo *Shopping Center*, que se

correlaciona com a freqüência das pessoas a este local. O mesmo ocorre com a Praça Brasil e a própria casa, já explicitados anteriormente.

As Igrejas apresentaram o mesmo percentual de freqüência e preferência (8,75% dos sujeitos), que podem ser compreendidas pelos depoimentos abaixo:

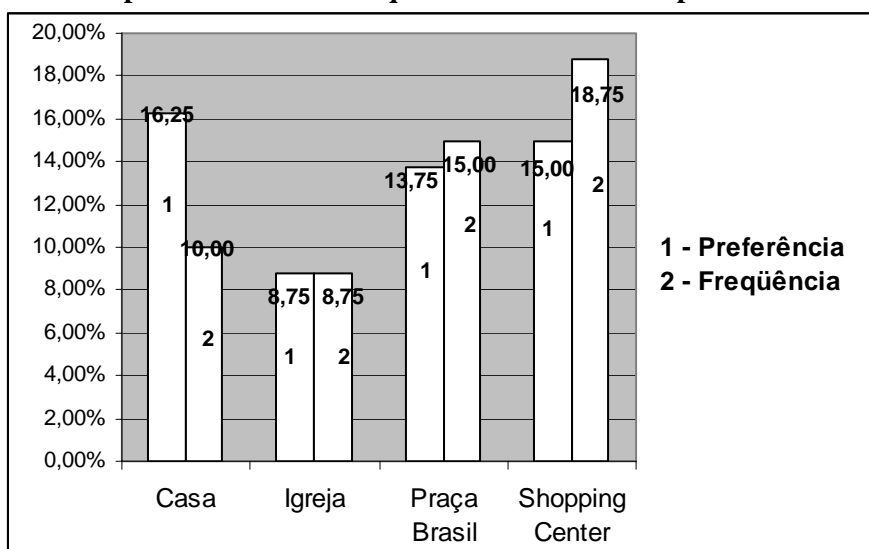
P. S.33 Prefiro a Igreja, pois lá alegre a minha alma. (Cozinheira, 49 anos, 30 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

P. S.10 O lugar que mais freqüente é a igreja, para ter amizade íntima com Deus e buscar a paz espiritual. (Desempregado, 54 anos, 27 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

Buscamos nos antigos filósofos humanistas as explicações para a preferência e freqüência às igrejas, mencionadas acima. Aristóteles ensina que corpo e alma estão unidos intimamente e que esta representa “algo de divino (DEUS) no próprio homem”. Os humanistas cristãos Agostinho e Santo Tomás também esclarecem que “o homem é um ser continuamente em busca de algo que sempre o supera e o transcende” que, em última análise, para Agostinho é Deus.

A preferência e a freqüência com relação aos lugares são mais bem visualizadas na comparação dos quatro lugares preferidos com aqueles freqüentados pelos respondentes, expressa no **Gráfico 5**.

Gráfico 5 - Lugares mais preferidos e mais freqüentados em Rondonópolis - MT – 2005.



Organizado por Sturza, José A. I., 2005.

Percebemos que o *Shopping Center* é mais freqüentado do que preferido; a casa mais preferida do que freqüentada; a Praça Brasil, mais freqüentada do que preferida e a

Igreja, preferida e freqüentada no mesmo percentual. Estas informações apontam quatro espaços importantes na vida humana nos dias atuais: a casa (habitação e segurança), a igreja (espaço sagrado de comunicação com Deus), a Praça Brasil (o contato mais próximo da natureza dentro da cidade) e o *Shopping Center* (comércio, lazer, encontro com pessoas). O espaço primeiro corresponde àquele do primeiro lugar, berço e origem e o último, àquele de contatos mais efêmeros, por isso um não-lugar. Contudo esta não é regra geral, pois uma pessoa pode manter relações mais topofílicas com o *Shopping Center* do que com sua casa, em virtude da qualidade da experiência e das relações familiares, que podem ser traumáticas. Isto faz parte do dilema existencial do homem de *ser* e *estar* em espaços diferentes, ou melhor, *ser/não ser*, *estar/não estar*. Entretanto, salienta Tuan (1983, p. 184), a casa deve ser considerada um lugar, por proporcionar “abrigo” e ser “um reservatório de lembranças e sonhos”.

A satisfação dos sujeitos com o lugar, dividido em suas escalas clássicas: a rua, o bairro e a cidade, mereceu destaque nesta pesquisa e será agora enfocada.

3.3.1.4.1 Rua

Na **Tabela 22** sintetizamos as respostas de 63,75% dos sujeitos que gostam da rua onde moram e de 36,25% que não gostam da mesma com as respectivas razões para tais respostas.

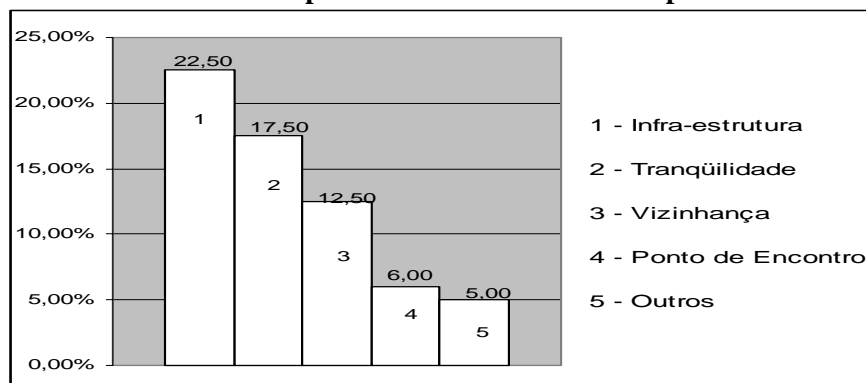
Tabela 22 – Satisfação com o lugar: a rua (n=80)
- Gosta da rua onde mora?

Sujeitos	Razões	Absoluto	%
Sim (51)	Tranqüilidade	14	17,5
	Vizinhança	10	12,5
	Infra-estrutura	18	22,5
	Ponto de encontro (pessoas, amigos)	05	6,25
	Movimentada	02	2,5
	Liberdade (brincar)	01	1,25
	Local de nascimento	01	1,25
Total		51	63,75
Não (29)	Infra-estrutura	18	22,5
	Trânsito intenso	03	3,75
	Matagal	03	3,75
	Estreita	01	1,25
	Vizinhança	01	1,25
	Insegurança	03	3,75
Total= 80	Total	29	36,25

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

As razões principais para a topofilia dos respondentes são a infra-estrutura (22,5%), a tranqüilidade (17,5%) e a vizinhança (12,5%) com destaque visível. Em seguida aparece o ponto de encontro (6,25%) e ser movimentada (2,5%), visualizado também no **Gráfico 6**.

Gráfico 6 – Elementos topofílicos da rua em Rondonópolis - MT – 2005.



Organizado pelo autor, 2005.

P.S.12 Gosto, porque é tranqüila. (Aposentado, 80 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Completo)

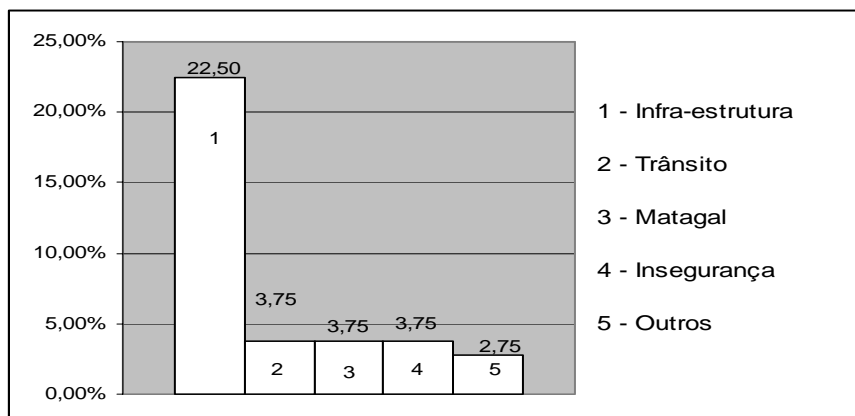
P.S.54 Gosto, porque tem boas condições, asfalto, esgoto. (Do Lar, 39 anos, 19 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

P.S.75 Sim, a vizinhança é boa, ruas bem cuidadas. (administrador de Fazenda, 56 anos, 34 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

P.S.48 Sim, porque é asfaltada e ponto de encontro de pessoas. (Aposentado, 49 anos, 34 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

Como se pode observar na **Tabela 22** e no **Gráfico 7**, o grande fator topofóbico – aversão pela rua – é a falta de infra-estrutura (22,5% dos sujeitos), seguida em menor proporção pelo trânsito intenso/matagal/insegurança (3,75%).

Gráfico 7 – Elementos topofóbicos da rua em Rondonópolis - MT – 2005.



Organizado pelo autor, 2005.

A seguir, vêm expostos alguns depoimentos que revelam a topofilia dos entrevistados no concernente à rua onde moram.

P.S.02 Não, porque falta pavimentação e limpeza. (Funcionário Público, 55 anos, 43 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P.S.76 Não, porque precisa de asfalto e saneamento básico, tem mato. (Funcionário Público Federal, 54 anos, 33 anos de moradia, 1º Grau Completo).

P.S.04 Não, porque é muito violenta, estreita, movimentada. (Comerciante, 52 anos, 20 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

Pelo exposto acima fica claro que os moradores valorizam mais a infraestrutura e a tranquilidade, tão exigidas na cidade para o bem-estar das pessoas na vida pessoal e familiar. A falta da própria infra-estrutura (pavimentação, saneamento básico, entre outros) também é o que mais desgosta os moradores, seguida pelo matagal, trânsito e insegurança.

Estes problemas foram agravados pelo rápido crescimento espacial não acompanhado da infra-estrutura em cidade evoluída a partir de fronteira agrícola, como é o caso de Rondonópolis, tema já tratado no Capítulo II. Porém, a rua é um lugar, pois “é parte da experiência íntima de cada um”. (TUAN, 1983, p. 189).

3.3.1.4.2 Bairro

Os respondentes foram questionados se gostam do bairro onde moram e sobre as razões para sua resposta, ampliando um pouco a escala enfocada. A **Tabela 23** aponta que a grande maioria dos sujeitos (85,0%) gosta do bairro onde reside e apenas 15,0% não gostam do bairro.

As razões topofílicas mais freqüentes, constantes no **Gráfico 8**, foram: tranquilidade(30,0%), vizinhança (15,0%), segurança/infra-estrutura (6,25%), amizade/lugar bom e outros (17,5%). O gráfico e os depoimentos abaixo ilustram esses resultados.

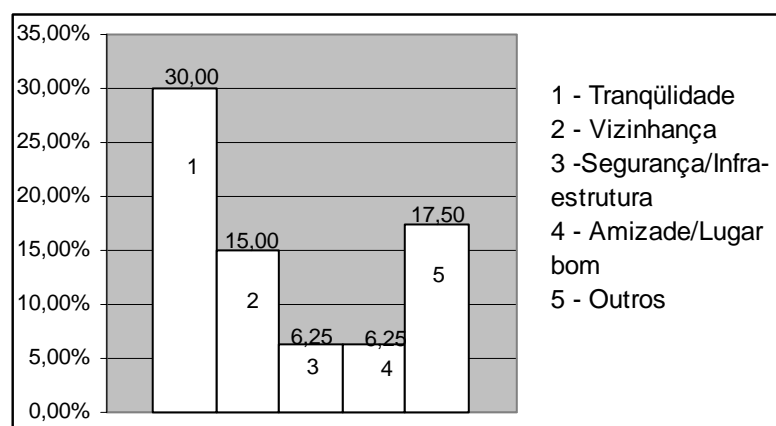
Tabela 23 – Satisfação com o lugar: bairro onde mora (n=80)

— Gosta do bairro onde mora? Por quê?

Sujeitos	Razões	Absoluto	%
Sim (68)	tranqüilidade	24	30
	Vizinhança	12	15
	Segurança	05	6,25
	Lugar bom	04	5,0
	Morou sempre lá	03	3,75
	limpo	02	2,5
	Perto de familiares	02	2,5
	Amizade	04	5,0
	Infra-estrutura	05	6,25
	Tempo de residência	02	2,5
	Arejado	02	2,5
	Área verde	01	1,25
	Local de nascimento	01	1,25
	Primeiro morador	01	1,25
Total		68	85,0
Não (12)	Infra-estrutura	07	8,75
	Violência	03	3,75
	Isolamento	01	1,25
	Ruas feias	01	1,25
Total= 80	Total	12	15,0

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.

Organização do autor.

Gráfico 8- Elementos topofílicos do bairro em Rondonópolis – MT - 2005.

Organizado pelo autor, 2005.

P.S.12 Sim, pois é tranqüilo e de boa vizinhança. (Aposentado, 80 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P.S.47 Sim, porque é tranqüilo para morar, infra-estrutura boa. (Do Lar, 38 anos, 18 anos de moradia, 1º Grau Completo).

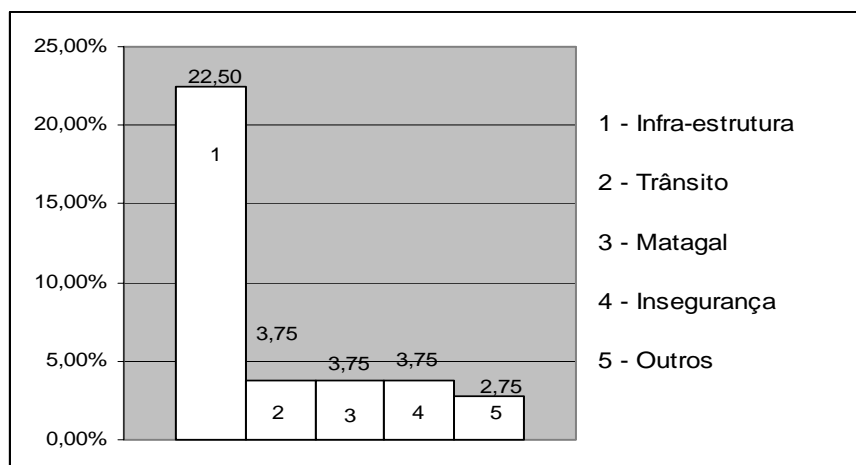
P.S.17 Sim, pela segurança. (Estudante, 18 anos, 18 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

O **Gráfico 9** apresenta as razões topofóbicas mais importantes, que são: a infra-estrutura (8,75%), a violência (3,75%), isolamento (1,25%) e ruas feias (1,25%), que, similarmente ao caso da rua, também se destacam, especialmente a infra-estrutura. A violência já vem despontando com mais força como uma das razões, conforme revelam os resultados desta pesquisa.

P.S.21 Não porque não tem asfalto e muito espaço vazio com ruas feias. (Secretária, 18 anos, 6 meses de moradia, 2º Grau Incompleto).

P.S.65 Não porque é muito violento. (Comerciante, 18 anos, 8 anos de moradia, 2º Grau Incompleto).

Gráfico 9– Elementos topofóbicos do bairro em Rondonópolis – MT - 2005.



Organizado pelo autor, 2005.

Pode-se entender que as razões expostas acima, tanto topofílicas como topofóbicas, dependem mais da situação de cada bairro, além da experiência de vida e do nível de consciência cidadã de cada entrevistado.

3.3.1.4.3 Cidade

Para levantar a satisfação dos sujeitos com a cidade de Rondonópolis, além dos dados constantes nas **Tabelas 18 e 19** (o que mais gosta e o que menos gosta), indagamos sobre a possibilidade de mudança e a cidade escolhida neste caso. A **Tabela 24** apresenta as cidades apontadas pelos respondentes.

Tabela 24 – Satisfação com o lugar: Rondonópolis (n=80)
 – Se fosse necessário mudar, qual cidade escolheria? Por quê?

Lugar	Escolha	Sujeitos	%
	Nenhuma	16	20,0
Cidade	Cuiabá (MT)	04	5,0
	Campo Grande (MS)	07	8,75
	Goiânia (GO)	02	2,5
	Belo Horizonte (MG)	01	1,25
	Teresina (PI)	01	1,25
	Fortaleza (CE)	01	1,25
	Salvador (BA)	01	1,25
	Porto Alegre (RS)	02	2,5
	Rio de Janeiro (RJ)	02	2,5
	São Paulo (SP)	01	1,25
	Recife (PE)	01	1,25
	Curitiba (PR)	03	3,75
	Outras no MT	21	26,25
	Outras no MS	04	5,0
	Outras em SP	02	2,5
	Outras no PR	02	2,5
	Alguma da Região Sul	01	1,25
	Cidade em crescimento	01	1,25
	Cidade de clima mais ameno	01	1,25
	Cidade menor e de interior	01	1,25
Estado	SC	01	1,25
	BA	02	2,5
	AL	01	1,25
País	EUA	01	1,25
	TOTAL	80	100

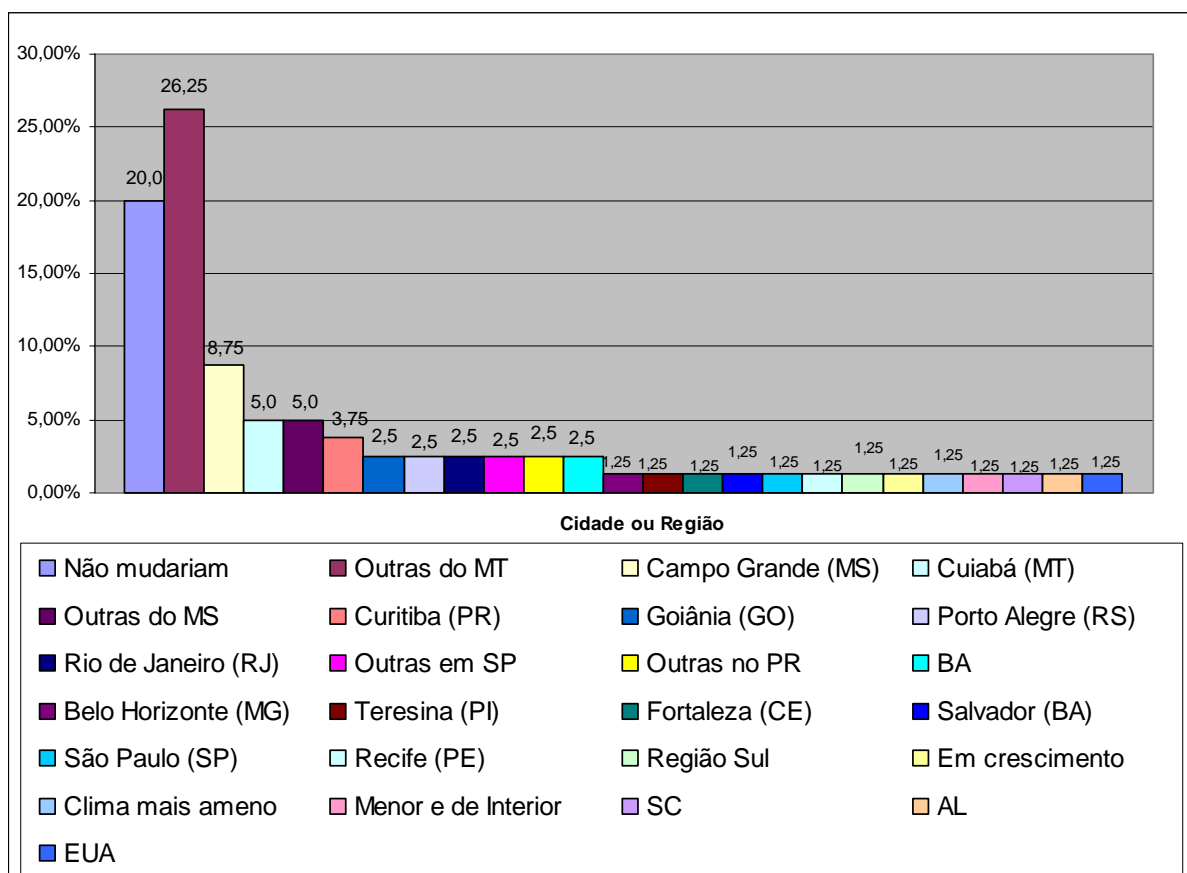
Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

Quando indiretamente questionados sobre a satisfação com a cidade, ou seja, qual cidade escolheriam para mudar, 20% dos sujeitos responderam que não mudariam, o que revela alto nível de satisfação e vínculo topofílico, indicando que a cidade de Rondonópolis se transforma em lugar para os 16 sujeitos. Os demais (80%) escolheram diversas cidades de diferentes estados brasileiros, o que pode indicar vínculos topofílicos tênues e caracterização do não-lugar. O **Gráfico 10** mostra os nomes das cidades preferidas pelos sujeitos para mudar ou o critério para tal escolha (clima, tamanho, limpeza urbana, trabalho, arborização, tranquilidade, trânsito organizado, residência, entre outros).

Vale a pena conhecer algumas das respostas obtidas.

P.S.45 Campo Grande, porque o clima é melhor e já morei lá. (Do Lar, 47 anos, 20 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

Gráfico 10 – Cidade escolhida pelos sujeitos moradores de Rondonópolis - MT.



Organizado pelo autor, 2005.

P.S.52 Campo Grande, porque é bonita, arborizada, trânsito organizado. (Professor, 19 anos, 19 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

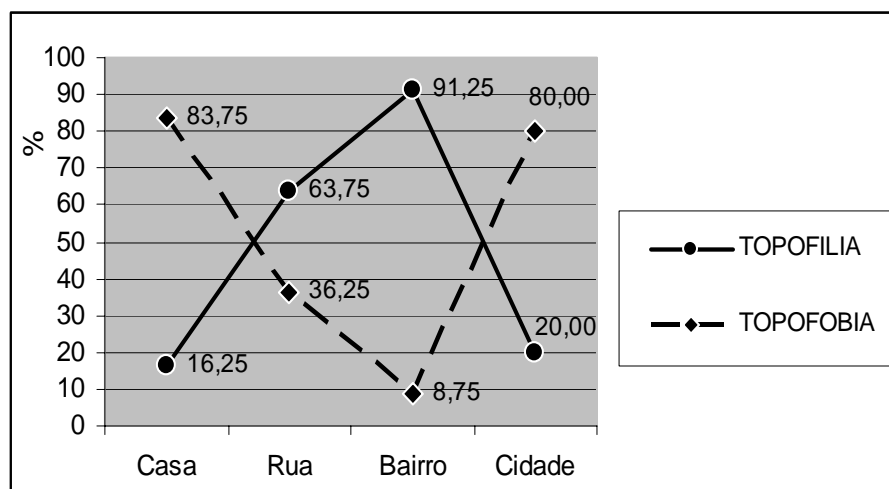
P.S.02 Cuiabá, porque é capital e tem mais oportunidade de trabalho. (Funcionário Público, 55 anos, 43 anos de moradia, 2º Grau Completo)

P.S.26 Primavera do Leste, porque é cidade nova, bonita, arborizada, bem organizada e limpa. (Desempregado, 21 anos, 35 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

P.S.72 Dom Aquino, porque é calma, pequena, já conheço e tenho parentes lá. (Vendedora, 18 anos, 10 anos de moradia, 2º Grau Incompleto)

Os resultados arrolados e analisados no decorrer deste trabalho permitem sintetizar no **Gráfico 11** o nível de satisfação (topofilia) e insatisfação (topofobia) para a casa, rua, bairro e cidade de Rondonópolis.

Gráfico 11 – Topofilia e topofobia nas diferentes categorias de lugar em Rondonópolis – 2005.



Organizado pelo autor, 2005.

Observamos que a menor e a maior escala clássica de lugar — a casa e a cidade —, abordadas na pesquisa, apresentaram um nível semelhante de insatisfação ou topofobia (83,75% e 80% respectivamente), bem maiores que o nível de satisfação ou topofilia (16,25% e 20%). Já nas escalas intermediárias de lugar — a rua e o bairro — o sentimento topofílico foi maior que o topofóbico (63,75% de satisfação com a rua e 85% com o bairro).

Será que o tempo e a intensidade da experiência com o lugar na casa determinam esta topofobia? Se considerarmos as palavras de Santo Agostinho, citado em Tuan (1983, p. 156), de que o valor do lugar dependia das relações humanas, então podemos entender tal aversão pela casa, onde estas relações já não são as mesmas do passado e a intimidade entre as pessoas é cada vez menor.

Na cidade, as razões topofóbicas foram conhecidas e apresentadas na **Tabela 19**, especialmente a violência/roubos/assaltos (22,5% dos sujeitos) e infra-estrutura/pessoas desocupadas/desemprego (15,0%). Tuan (1980, p. 259) explica que a cidade é mais percebida como “um símbolo e uma imagem”, enquanto o bairro é “intimamente experienciado”.

3.3.1.5 Valor cultural

Kuckhohn e Krober (*apud*, Crespi, 1997, p. 13) relacionam mais de 150 tipos de definição de cultura; entre eles estão, o modo de viver de um povo, a hereditariedade

social de um indivíduo, a maneira de pensar, sentir, crer, a globalidade de um saber coletivamente possuído. Na sua dimensão subjetiva, cultura refere-se aos valores, modelos de comportamento, modo de pensar, sentir e crer.

De acordo com Morin (2004, p. 48) é preciso pensar a “cultura” no sentido antropológico, responsável pelo fornecimento dos conhecimentos, valores, símbolos que orientam e guiam a vida humana.

A cultura é um aspecto importante, porque “as atitudes e preferências do grupo dependem da história cultural e da experiência de grupo no contexto do meio ambiente” (TUAN, 1980, p.68). Para analisar os valores culturais, questionamos os sujeitos quanto ao conhecimento, participação e importância das festas populares em Rondonópolis.

Observa-se, na **Tabela 25**, que as festas populares mais citadas são a Exposul (26,25% dos sujeitos), Eventos em clubes/casas noturnas (15%), o Carnaval (22,25%) e Festas juninas/Agrishow (6,25%).

Tabela 25 – Valores culturais: festas populares de Rondonópolis (n=80)
- Quais são as festas populares de Rondonópolis?

Festas populares	Sujeitos	%
Agrishow	05	6,25
Aniversário da cidade	03	3,75
Carnaval	18	22,5
Eventos em clubes e casas noturnas	12	15,0
Exposul	21	26,25
Festas juninas	05	6,25
Festas religiosas	03	3,75
Não lembra	02	2,5
Não sabe/não existe	06	7,5
Rio Vermelho Vivo	03	3,75
São Cristóvão	02	2,5
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

A Exposul (**Figura 13**), festa popular mais conhecida, é uma exposição-feira agropecuária de negócios que, por oferecer shows musicais, parque de diversões e rodeios, é entendida pela população como festa popular. No entanto, trata-se mais da coexistência têmico-espacial do lugar e do não-lugar num mesmo evento, lugar na medida em que apresenta serviços e atividades que promovem uma certa convivência social e experiências afetivas com o ambiente; e não-lugar, porque é um local de relações sociais

passageiras, fundamentadas nos negócios agrícolas, sem um contexto sociocultural mais profundo e íntimo.

Os Eventos em clubes e casas noturnas foram também considerados como festas populares pelos respondentes, pois representam eventos freqüentes nos fins-de-semana, nos quais se verificam contatos sociais efêmeros, mas que, pela freqüência, acabam desenvolvendo o convívio e ambiente social. Existem na cidade inúmeros clubes e casas desta natureza que oferecem serviços de restaurante, diversão e lazer, que visam a atender a demanda destas atividades provinda de uma população jovem, já explicitada no item **Perfil dos moradores**.

O Carnaval é, juntamente com as festas juninas, uma das expressões mais puras de festas populares em Rondonópolis. Na cidade a Prefeitura Municipal organiza o Carnaval Popular (**Figura 14**), na Avenida Lions Internacional, local de maior concentração de lanchonetes, restaurantes, conveniências, que a transformaram no *point* da cidade. Contudo, este evento também foi abarcado pela atividade comercial, razão motora da atividade produtiva no mundo capitalista.



Foto: Rívian Dias, 2005.

Figura 13 – A Exposul é um dos maiores eventos do agronegócio da Região Centro Oeste, realizada em Jun./Jul. no Parque de Exposições Gilmar Peres de Farias (foto). Rondonópolis – MT.



Foto: Rívian Dias, 2005.

Figura 14 – Carnaval Popular de 2005 na Avenida Lions Internacional foi um evento da Prefeitura Municipal que atraiu grande público Rondonópolis – MT.

As Festas juninas são festas genuinamente populares, pois ainda contêm atividades folclóricas de danças (quadrilhas), brincadeiras (pescarias) e culinária regional

(canjica, quentão, pipoca, entre outras). São promovidas em escolas e igrejas, e sua origem religiosa está ligada às datas festivas de santos (São João, São Pedro, São Paulo, Santo Antonio). Elas acontecem também em outras regiões brasileiras.

As atividades religiosas imprimem no espaço transformações relacionadas com a cultura da população, visto que:

O impacto da religião na paisagem não está limitada somente às características visíveis, tais como locais de culto, apesar destes mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas também na experiência da fé que nos fornecem símbolos e mensagens, algumas inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé. (ROSENDAHL, 2001, p. 27)

Pode-se perceber também que a população já assimilou a ideologia de mercado vinculada às festas populares, isto é, a incorporação do econômico à cultura estabelecendo as regras também na vida cultural da cidade.

Quanto à participação dos sujeitos nas Festas populares (**Tabela 26**), exatamente a metade (50%) não participa de tais festas por razões de desinteresse, falta de segurança e de condições financeiras. Entretanto, deve-se somar a esses fatores o fato de que 65% das pessoas vieram de outros lugares e ainda não são atraídas por festas ou eventos diferentes da sua cultura, ou seja, não foram aculturadas.

A Exposul é freqüentada por 16,25% dos respondentes; o Carnaval, por 12,5% e os Eventos em clubes/casas noturnas, por 6,25%. Portanto as festas mais conhecidas também são as mais freqüentadas pelos entrevistados.

Tabela 26 - Valores culturais: participação em festas populares (n=80)
— Em quais festas você participa?

Festa/evento	Sujeitos	%
Agrishow	04	5,0
Aniversário da cidade	02	2,5
Carnaval	10	12,5
Eventos em clubes e casas noturnas	05	6,25
Exposul	13	16,25
Festas Juninas	01	1,25
Festas religiosas	01	1,25
Nenhuma	40	50,0
Rio Vermelho Vivo	02	2,5
São Cristóvão	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Além do conhecimento e da participação dos sujeitos nas festas populares, eles foram questionados sobre a importância e continuação das mesmas. A **Tabela 27** mostra que 91,25% dos entrevistados acham importante e concordam com a permanência destas festas; 5% não concordam; 2,5% concordam em parte e um sujeito não opinou.

Tabela 27 – Valores culturais: importância e permanência das festas populares (n=80)
— Na sua opinião elas são importantes e devem permanecer? Por quê?

Respostas	Razões	Sujeitos	%
Sim	Integração	08	10,0
	Diversão e lazer	24	30,0
	Pessoas gostam	07	8,75
	Cultivo/divulgação da cultura e tradição	16	20,0
	Desenvolvimento (emprego, renda)	16	20,0
	Novas amizades	01	1,25
	Participação pública aberta	01	1,25
Total		73	91,25
Não	Violência	02	2,5
	Roubos	01	1,25
	Objetivos econômicos	01	1,25
Total		04	5,0
Em parte		02	2,5
Não opinou		01	1,25
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Entre as razões apontadas pelos sujeitos que concordaram com a importância e continuação das festas salientam-se: a diversão e o lazer (30,0% dos sujeitos), a cultura e a tradição (20,0%) e o desenvolvimento econômico (20,0%). Chama a atenção o fato de que tradição e economia apresentem o mesmo valor e que sejam menos valorizadas que lazer.

P. S.64 Sim, porque é tradição e local de encontro familiar, diversão com amigos. (Aposentado, 62 anos, 34 anos de moradia, 1º Grau Completo).

P. S.73 Sim, porque é um meio de fortalecimento da tradição e cultura. (Aeronauta, 28 anos, 2 anos de moradia, 3º Grau Completo).

P. S.18 Sim, porque mostram a pujança econômica da cidade. (Promotora de Vendas, 22 anos, 13 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Percebemos claramente nas declarações acima transcritas a aceitação e defesa do caráter econômico atrelado às festas populares, ao lado, ainda, da sobrevivência de razões essenciais ligadas propriamente à cultura e tradição, os fins primordiais das

manifestações populares de um povo. Infelizmente nota-se que o interesse econômico já está perfeitamente integrado na vida cotidiana das pessoas. Este aspecto influencia diretamente na construção da identidade cultural e, portanto, na identidade do lugar, pois compromete a experiência da pessoa com sua cultura em função da natureza e formas de convívios sociais.

Os sujeitos que não concordaram com a importância e permanência das festas populares indicaram a violência, os roubos e os objetivos econômicos como as razões principais para tal resposta, isto é, nada ligado às festas propriamente ditas, mas aos problemas sociais contemporâneos.

Os aspectos analisados em relação ao valor cultural em Rondonópolis mostram claramente a desvalorização da cultura e, conseqüentemente, a perda de referenciais importantes para a construção da identidade cultural e do próprio lugar. O rico espaço multicultural de Rondonópolis, representado pelas diferentes memórias e grupos regionais de todas as regiões brasileiras, é ainda desconhecido e sucumbe perante os modismos importados. Este fenômeno é um entrave para a construção identitária individual, social e de lugar, exatamente num lugar cuja diversidade de hábitos, costumes, culturas e tradições poderiam originar uma rica identidade. Assim, a identidade forma-se no bojo da cultura *mass media*, via de regra, das classes dominantes, favorecida pela ideologia e mídia reprodutoras do *status quo* e alicerçada na alienação e sufocação de pensamentos, sonhos e projetos pessoais e de grupos minoritários.

3.3.1.6 Imagem

A imagem de Rondonópolis para os entrevistados foi inquirida por meio do cognome ou apelido da cidade, conhecido pelos respondentes e que, de certo modo, representa as características culturais, sociais, políticas e econômicas. Machado (1988, p. 45) destaca que “[...] *a percepção e a imagem* [...]” correspondem à “[...] *matéria-prima* [...]” para o *trabalho da inteligência*.

A **Tabela 28** apresenta os cognomes conhecidos pelos sujeitos. O fato marcante para a análise é que 47,5% dos sujeitos não souberam responder a questão, evidenciando falta de memória (“não lembro”) e desconhecimento do lugar (cidade).

De um modo geral os títulos conhecidos para Rondonópolis estão ligados à sua história (Cidade/Terra de Rondon, com 12,5% dos sujeitos), à sua economia agrícola (Rainha do Algodão, Princezinha do Algodão com 13,75% e Agronegócio (3,75%).

Tabela 28 – Imagem de Rondonópolis: cognome (apelido) de Rondonópolis (n=80)
 – Como é conhecida Rondonópolis, isto é, qual o cognome?

Cognome	Sujeitos	%
Não sabe	38	47,5
Rainha do Algodão/Princesinha do Algodão/ Capital do Algodão	11	13,75
Cidade de Rondon/Terra de Rondon	10	12,5
Não lembra	08	10,0
Capital do Agronegócio	03	3,75
Cidade da Multa	02	2,5
Cidade do Futuro	02	2,5
Cidade do Rio Vermelho/Rio Vermelho	02	2,5
Cidade da Soja/Capital da Soja	02	2,5
Cidade Hospitaleira	01	1,25
Cidade do Calor	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

Veja-se a justificativa apresentada por um dos entrevistados para a atribuição do cognome:

P.S.75 Rainha do Algodão que já é um título antigo. (Administrador de Fazenda, 56 anos, 34 anos de moradia, 1º Grau incompleto).

É importante a influência da economia, uma vez que, somados todos os cognomes desta natureza (ligados ao algodão, soja e agronegócio), totalizam 20% dos sujeitos. Aqui existe uma “imagem fabricada” (BACHELARD, 2000, p. 88) que impõe aos apelidos rótulos de imagens produzidas pela ideologia político-econômica, alheia ao bojo das relações sociais. É a “propaganda estridente usada para criar uma imagem impressionante”, nas palavras de Tuan (1983, p.193). Neste caso, ainda concordando com o autor, percebe-se que “a experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas, que normalmente são os aspectos mais óbvios e públicos de um meio ambiente” (p. 162).

O algodão (**Figura 15**) foi tema para 13,75% dos títulos — confunde-se com a história da cidade, pois se trata de uma cultura tradicional em Rondonópolis, que se expandiu rapidamente nos últimos anos, representando um dos carros-chefe para a instalação de novas indústrias no município. O outro principal produto econômico, a soja (**Figura 16**), não foi muito considerado pelos sujeitos, com apenas 2,5% deles atribuindo títulos com este tema.



Foto: Rivian Dias, 2005.



Foto: Rívian Dias, Novembro/2004.

Figura 15 – Lavoura de algodão: uma das melhores fibras do produto está no Município. Rondonópolis – MT.

Figura 16 – Lavoura de soja produzida por grande empresa agrícola. Rondonópolis – MT.

Em segundo lugar aparece a memória histórica, com os seguintes cognomes: Cidade de Rondon/Terra de Rondon e Cidade do Rio Vermelho/Rio Vermelho, que somam 15% dos sujeitos, cujos depoimentos estão aqui exemplificados:

P.S.10 Cidade de Rondon, porque foi o desbravador e pioneiro. (Desempregado, 54 anos, 27 anos de moradia, 1º Grau Incompleto)

O Marechal Cândido Mariano Rondon, natural de Mimoso (MS), chefiou a expedição que instalou as linhas telegráficas no interior do Brasil, interligando as províncias afastadas ao centro e à capital, Rio de Janeiro. Às margens do Rio Vermelho, ou Poguba, instalou um posto telegráfico que ofereceu apoio às Linhas Telegráficas Gomes Carneiro. É o marco inicial do povoado Rio Vermelho, que daria origem à Rondonópolis. Outro título – Capital do Agronegócio – atualmente muito difundido na mídia e economia, ocorreu apenas em 3,75% dos sujeitos, demonstrando que, para a população em geral, trata-se de um tema que não corresponde à realidade socioeconômica, histórica e cultural de Rondonópolis. Com relação a este título foi feita a seguinte questão específica aos entrevistados: “Na sua opinião a expressão “Capital do Agronegócio” representa Rondonópolis? Por quê?”

A **Tabela 29** mostra que 70% dos sujeitos concordaram que este título representa Rondonópolis pelas seguintes razões principais: economia agropecuária e negócios agrícolas (45% dos respondentes); crescimento agrícola da cidade e estado (7,5%) e investimentos e projeção do município no centro do país (6,25%).

Tabela 29 – Rondonópolis: representatividade do título “Capital do Agronegócio” (n=80)
 – Na sua opinião a expressão “Capital do Agronegócio” representa Rondonópolis? Por quê?

Sujeitos	Razões	Absoluto	%
Sim (56)	Negócios agrícolas/Economia agropecuária/Pólo agroindustrial	36	45
	Conhecimento da cidade	05	6,25
	Movimenta a cidade	04	5,0
	Emprego	01	1,25
	Crescimento da cidade e stado (MT)	06	7,5
	Não justificou	04	5,0
Total		56	50,0
Não (14)	Mínoria da população envolvida	09	11,25
	Poucos empresários	04	5,0
	Economia vai além do agronegócio	01	1,25
Total		14	17,5
Em parte		05	6,25
Não soube responder		05	6,25
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

Assim se expressou um dos entrevistados que responderam afirmativamente:

P.S.16 Sim porque é onde se concentra a maior parte dos negócios agrícolas. (Estudante, 18 anos, 2 meses de moradia, 2º Grau Incompleto)

Para 14 sujeitos (17,5%) o título não representa a cidade, pois existe uma *minoria da população envolvida* (11,25% dos respondentes) e *poucos empresários agrícolas* (5%).

Cita-se uma das respostas contrárias à questão:

P.S.80 Não porque uma minoria se beneficia do capital e a cidade não é beneficiada. (Advogado, 65 anos, 18 anos de moradia, 3º Grau Completo)

Pelo depoimento acima percebemos que pessoas bem instruídas e de classe social mais privilegiada também estão entre os que não concordam com a representatividade do título. Alguns sujeitos concordaram em parte com o título (6,25% deles) e outros 6,25% não souberam responder sobre o tema.

Em síntese, percebemos que existe uma maioria da população que concorda com o título “Capital do Agronegócio” para Rondonópolis; suas respostas podem estar

também associadas à atual difusão da atividade que propala a ampliação dos empregos e, conseqüentemente, a geração de renda para o município. Podemos confirmar as palavras de Tuan (1980, p. 232) no sentido de que os cognomes dados às cidades referem-se mais à concorrência econômica do que à imagem construída na vontade popular. Ressaltamos, ainda, que a atividade agrícola não gera tanto emprego em relação a outras atividades como o comércio e serviços, principalmente a moderna agricultura desenvolvida nas culturas de exportação, notadamente a soja e o algodão, altamente mecanizada.

De acordo com o IBGE (2004, *apud* Moraes, 2005), as grandes empresas, que representam apenas 0,27% do total, empregam apenas 29,96% da mão-de-obra, enquanto as micro e pequenas empresas dão emprego a 59,55% da mão-de-obra. Outro dado importante neste sentido é apresentado por Cunha (1994, p. 92), quando informa que, em 1970, cada 100 ha de área agrícola empregava apenas 7 pessoas e, em 1985, este número baixou para 4 pessoas,

3.3.1.7 Símbolo

A imagem de Rondonópolis, analisada no item anterior, origina-se na manipulação e imposição de caráter ideológico, político e econômico. Para contrastar ou não com esta imagem, foi considerado importante saber qual é o símbolo que os sujeitos usariam para representar a cidade, com o objetivo de resgatar vozes e experiências muitas vezes abafadas ou ignoradas.

A **Tabela 30** relaciona os símbolos e as justificativas dos sujeitos da pesquisa. Como na questão relativa à imagem de Rondonópolis, aqui também muitos inquiridos não souberam responder (22,5% dos sujeitos), evidenciando a falta de inserção social e experiência pessoal com o lugar, a baixa intensidade interacional e o possível baixo tempo de duração, isto é, de moradia.

Entre os símbolos escolhidos, computados por categorias, predominaram os *materiais* (Casario, praças, igrejas, prédios e edifícios, *shopping center*, rua) que totalizaram 40,0% dos símbolos indicados pelos sujeitos. Destes, tiveram destaque as praças (15% dos sujeitos), o Casario (10%) e as igrejas (6,25%).

P. S.09 “Casario, porque é local restaurado e cartão de visita, onde começou a cidade”.
(Estudante, 38 anos, 30 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

Tabela 30 – Símbolo de Rondonópolis (n=80)

— O que você usaria como símbolo para representar Rondonópolis? Por quê?

Símbolos	Categorias	Sujeitos	%
<i>Pessoais</i>	Pessoas ilustres (pioneiros, políticos, etc.)	12	15,0
	Casario	08	10,0
<i>Materiais</i>	Praças	12	15,0
	Prédios Públicos	02	2,5
	Igrejas	05	6,25
	Edifícios	03	3,75
	Rua	01	1,25
	Shopping Center	01	1,25
Total		32	40,0
<i>Naturais</i>	Rio Vermelho	09	11,25
	Aspectos/Coisas da natureza	04	5,0
Total		13	16,25
<i>Econômicos</i>	Aspectos econômicos	05	6,25
<i>Não sabe</i>		18	22,5
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.

Organização do autor.

P. S.13 “Praça Brasil, porque é natureza”. (Do Lar, 40 anos, 1 mês de moradia, 1º Grau Incompleto).

P. S.16 “Catedral Santa Cruz, porque é bonita”. (Estudante, 18 anos, 2 meses de moradia, 2º Grau Incompleto).

Os símbolos *naturais* apareceram em segundo lugar; o Rio Vermelho (**Figura 17**), em 11,25% dos sujeitos, ao lado de outros aspectos/coisas da natureza, em 5%. O Rio Vermelho destacou-se pela importância histórica já no princípio do povoado inicial — Povoado de Rio Vermelho —, marco inicial da origem do município. Além disso, a sua localização, cortando o centro da cidade, atrai a atenção das pessoas.



Foto: Rívian Dias, Novembro/2004.

Figura 17 – Rio Vermelho: um dos símbolos do lugar que corta a cidade. Foi ponto importante para fixação da população inicial e deu nome ao primeiro povoado. Rondonópolis – MT.

É o que revelam os depoimentos abaixo:

P.S.24 “Rio Vermelho, porque a história começou com ele”. (Assistente Técnico, 33 anos, 25 anos de moradia, 2º Grau Completo)

P.S. 49 “Rio Vermelho, por passar dentro da cidade”. (Secretária, 22 anos, 22 anos de moradia, 2º Grau Completo)

Entre os símbolos escolhidos, salientaram-se, também, os *peçoais*, o que reforça a importância das relações sociais no caráter e sentido do lugar. As pessoas ilustres (políticos, pioneiros e outros) foram consideradas símbolos de Rondonópolis para 15% dos sujeitos. É um fato positivo, pois demonstra valorização da memória histórica ligada àquelas pessoas que contribuíram, ou contribuem, para o desenvolvimento e a construção do lugar.

Por exemplo:

P.S.46 “Padre Lothar, pela bondade e auxílio às pessoas”. (Do Lar, 29 anos, 3 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

Os elementos *econômicos* tiveram pouca importância nas respostas dos entrevistados (apenas 6,25% dos sujeitos) evidenciando que a economia agrícola interessa diretamente a poucas pessoas. A maioria da população não tem sua vida integrada à atividade agrícola, que é desenvolvida por poucos e grandes empresários, principalmente a economia de exportação, que é o caso da soja e algodão, cultivos pilares na agricultura de Rondonópolis. Entretanto, deve-se ressaltar que é esta economia que proporciona o comércio, propaganda, marketing e política, de acordo com os depoimentos abaixo.

P. S.52 “Caminhão de soja, pois é o que movimenta a cidade que vive do agronegócio”. (Professor, 19 anos, 19 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

P. S.56 “Lavoura de soja, porque é divulgado na mídia”. (Do Lar, 31 anos, 4 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Um aspecto que preocupante, relacionado à questão do símbolo, é o percentual de pessoas que não souberam opinar (22,5% delas). Este número está ligado ao desconhecimento do próprio Cerrado que desaparece da vida das pessoas, gradativamente, e que, por isso, representa um agravante maior à consciência de sua existência e importância.

Brington explica que a dimensão simbólica ligada à natureza “[...] desenvolve um tipo de relacionamento afetivo com o meio, que engrandece o ser humano na

escala cultural de valores” (BRINGTON, 1988, p. 72). Porém, esta vivência simbólica confronta-se com os poderosos interesses político-econômicos e industriais promovidos e divulgados pelos meios de comunicação, a serviço da ideologia, que age e se reproduz mais rapidamente do que a percepção e a vivência, nos tempos modernos. Portanto, o símbolo já não é fruto da prática cotidiana, mas algo produzido à margem de muitos símbolos visíveis ainda na cidade, porém desprezados e desvalorizados.

Na tentativa de sintetizar os resultados analisados até aqui, elaboramos o **Quadro 6**, que correlaciona os conceitos de lugar e não-lugar às informações prestadas pelos sujeitos para cada categoria de análise das tabelas de 14 a 28. A diferença entre o sentido de lugar e o de não-lugar salta aos olhos: no primeiro, encontram-se apenas três categorias acima de 50%, enquanto que no segundo são apenas três categorias abaixo de 50%.

Quadro 6 – Lugar e não-lugar segundo as categorias de análise (Tabelas 16 a 30).

CATEGORIAS DE ANÁLISE		LUGAR (%)	NÃO-LUGAR (%)
IDENTIDADE		30,0	70,0
SIGNIFICADO		43,75	56,25
VALOR AFETIVO	Qualidades positivas da cidade	51,25	48,75
	Qualidades negativas da cidade	6,25	93,75
SATISFAÇÃO COM O LUGAR	Lugar preferido	28,75	71,25
	Lugar Frequentado	15,0	85,0
	Casa	16,25	83,75
	Rua	63,75	36,25
	Bairro	85,0	15,0
	Cidade	20,0	80,0
VALOR CULTURAL	Conhecimento de festas populares	16,25	83,75
	Participação em festas populares	20,0	80,0
	Importância e permanência das festas populares	28,75	71,25
IMAGEM		13,75	86,25
SÍMBOLO		20,0	80,0

Organização do autor.

Os dados demonstram que o sentido de lugar está mais presente, na percepção dos moradores ouvidos, na **Rua** (63,75% dos sujeitos) e no **Bairro** (85,0%), evidenciando que o sentido de lugar é construído a partir dos vínculos com o ambiente mais próximo e continuamente vivenciado. A **rua** é um lugar porque nela se encontra a tranquilidade, a vizinhança e os amigos, componentes topofílicos já declarados no decorrer do trabalho. Ela desperta maior afetividade das pessoas, pois é onde se vive, caminha e se

conhece tudo e todos cotidianamente: “é parte da experiência íntima de cada um” (TUAN, 1983, p. 189). No princípio ela é um espaço indiferenciado, mas à medida que a conhecemos a “dotamos de valor”. (MACHADO, 1988, p. 98).

O **bairro**, considerado também como lugar, é um “conceito intelectual” (TUAN, 1983, p. 188), porém compreende uma parte íntima e experienciável dos moradores. É um lugar onde se encontram componentes topofílicos, como a tranquilidade, a vizinhança e a segurança. É, depois da rua, um espaço dotado de valor e afetividade, portanto um lugar especial que mostra sentido quando alguém pergunta: De onde você é? E respondemos: Do Jardim Atlântico, como é o meu caso. Aqui se percebe o entrelaçamento da identidade do lugar com a da pessoa. Dessa forma, podemos dizer que os lugares não são abstrações, mas partes de nosso mundo vivido, cheio de significados, objetos reais e repletos de atividades perceptivas.

A categoria **Valor Afetivo** foi analisada segundo as qualidades positivas e negativas de Rondonópolis para os moradores. O sentido de lugar esteve mais presente entre as qualidades positivas (51,25% dos sujeitos), realmente topofílicas, como nas respostas “pessoas”, “bairro onde mora” e “tudo”. Porém, nas qualidades negativas reforçou-se muito a existência do não-lugar em 93,75% dos sujeitos, principalmente no que tange às respostas “violência”, “clima”, “infra-estrutura” e “pessoas desocupadas/desemprego”. Estes aspectos foram mais bem detalhados nas **Tabelas 18 e 19**.

De acordo com a **Quadro 6** o não-lugar faz mais parte da vida das pessoas ouvidas do que o de lugar, confirmando as palavras de Relph (1976, p. 80-82) de que o não-lugar é uma atitude ou expressão cada vez mais dominante, que resulta da inautenticidade do homem frente ao lugar, que passa a ser construído sem experiências afetivas, inconscientemente, no anonimato. Em Rondonópolis, nas questões relativas à identidade, significado, satisfação com o lugar, valor cultural, imagem e símbolo do lugar, as pessoas nomeiam e reconhecem elementos e apresentam atitudes mais ligadas ao sentido de não-lugar do que de lugar. Isto significa que Rondonópolis está perdendo o sentido de lugar para as pessoas, que mantêm laços fortes de afetividade apenas com a sua rua e seu bairro. Pode ser um indicativo de que o lugar ainda se encontra em construção ou já apresenta uma desconstrução, isto é, poucas pessoas identificam a cidade de Rondonópolis como um lugar repleto de significados.

O sentido de não-lugar esteve muito presente nas seguintes categorias de análise: “imagem da cidade” (86,25% dos sujeitos), “lugares freqüentados” (85%), “casa e conhecimento das festas populares” (83,75% cada), “cidade”, “símbolo” e “festas em que

participa” (80,0% cada). Chama a atenção a “imagem” de Rondonópolis na percepção dos moradores, extremamente vinculada aos fatos e processos da vida pragmática e materialista, em detrimento da vivência e experiências afetivas e emocionais. É a grande força de atrelamento da vida cotidiana ao mundo da produção, do fazer, sem a preocupação com o ser e existir. Este aspecto também é grave porque esta imagem predominante na vida das pessoas se reproduz no discurso e na mídia, dificultando ainda mais a construção do sentido de lugar e, por consequência, a construção da própria identidade. É a influência dos meios de comunicação e da cultura de massa construindo os não-lugares, já salientada por Relph (1976, p. 90-93).

O sentido de não-lugar se destaca também nos **símbolos** citados pelas pessoas, em consonância com a identidade, significado e a própria imagem da cidade. O símbolo é importante, pois reproduz a essência da vida na cidade e no lugar. No caso de Rondonópolis, percebe-se claramente a influência do espaço produtivo comprimindo o espaço vivido, tese proposta num dos objetivos deste trabalho.

3.3.2 O Bioma Cerrado

As questões referentes ao Cerrado são relevantes porque tratam de um importante ecossistema, palco e origem dos recursos naturais utilizados na produção do espaço de Rondonópolis e, conseqüentemente, na construção do lugar. As informações da experiência perceptiva, simbólica e cognitiva entre as pessoas e o Cerrado certamente auxiliarão na compreensão da identidade do lugar e nas próprias interações tofólicas e/ou tofóbicas com ele.

Para se dispor destas informações e alcançar o objetivo proposto, o questionário constituiu-se de questões relacionadas com o significado/identidade, símbolo, visão, memória e responsabilidade com respeito ao Cerrado e foi aplicado aos sujeitos da pesquisa.

3.3.2.1 Identidade

A **Tabela 31** relaciona as impressões iniciais dos sujeitos sobre a identidade do Cerrado e, de forma preocupante, mostra um desconhecimento deste ambiente ecossistêmico por 33,75% deles, que não souberam responder a questão colocada. Os demais

66,25% dos respondentes descreveram-no ou definiram-no predominantemente como vegetação (31,25% dos sujeitos), natureza improdutivo (7,5%), algo desconhecido (6,25%), algo importante (saúde, clima, solo) (5%) e área agropastoril (5%).

Tabela 31 – Identidade do Cerrado (n = 80)

– O que é o Cerrado para você?

Identidade	Sujeitos	%
Vegetação	25	31,25
Natureza improdutivo	06	7,5
Algo desconhecido	05	6,25
Beleza natural	01	1,25
Tudo	02	2,5
Vida	01	1,25
Não sabe dizer	27	33,75
Chapada	01	1,25
Algo importante (saúde, solo, clima)	04	5,0
Área para agropecuária	04	5,0
Não gosto	01	1,25
Área para preservação	02	12,5
Local seco e quente	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.

Organização do autor.

Os números acima são qualificados nos depoimentos abaixo:

P.S.80 “Cobertura vegetal natural que está acabando por motivos de derrubada para plantio e criação, prejudicando o clima, principalmente quanto às chuvas”.(Advogado, 65 anos, 18 anos de moradia, 3º Grau Completo).

P.S.19 “Não é lugar produtivo, mas tem uma grande biodiversidade. É seco”.(Desempregado, 18 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P.S.09 “É difícil caracterizar, pois não tenho conhecimento”.(Estudante, 38 anos, 30 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

P.S.35 “É importante, porque ameniza o clima, fortalece a terra”. (Garçon, 49 anos, 18 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

P.S.41 “É uma área que precisa ser preparada para agricultura”. (Desempregado, 43 anos, 3 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

A vegetação presente na representação do Cerrado para 31,25% dos sujeitos evidencia o conhecimento mais imediato, ligado apenas aos aspectos visíveis e conhecidos pelas pessoas, desse Bioma. As palavras usadas para descrever esta vegetação também mostram aspectos básicos e salientados no conhecimento vulgar das pessoas e mesmo naquilo que se estuda sobre tal Bioma. É o exemplo das características das árvores do Cerrado, como as cascas grossas, galhos tortos, porte baixo, madeira de baixa qualidade etc.

O primeiro e o último depoimento, transcritos acima, ilustram as idéias antagônicas e diferentes avaliações e atribuições de valor ao Cerrado pelos sujeitos: a

importância e consciência dos benefícios do Cerrado contrapondo-se ao seu valor utilitário na produção agrícola. A última idéia é responsável pela atual situação e degradação do Cerrado, embora já encontre a resistência de uma parcela da população que passa a reavaliar a riqueza natural deste Bioma.

Entretanto, é notória, a desvalorização e o desconhecimento populares do Cerrado se adicionarmos as seguintes respostas dos sujeitos: **não sabe dizer** (33,75%), **natureza improdutiva** (7,5%), **algo desconhecido** (6,25%) e **não gosto** (1,25%). Podemos afirmar que 48,75% dos sujeitos, praticamente a metade, desconhece e/ou não valoriza este ambiente natural cujos componentes naturais remanescentes são elementos essenciais para a criação de laços afetivos (topofílicos) entre a pessoa e o ambiente. É preciso considerar que muitas pessoas são oriundas de regiões que não têm Cerrado, ou seja, Sul, Nordeste, Sudeste e Norte. Podemos afirmar ainda que as evidências de não-lugar identificadas na primeira parte do instrumento de medida vinculam-se a esta desvalorização do Cerrado, já delineando a ausência de vínculos afetivos, isto é, o desaparecimento do Cerrado da vida das pessoas.

A **vegetação**, já apontada acima como principal significado do Cerrado para as pessoas, foi descrita por elas como: “mato ralo” (04 sujeitos), “plantas medicinais” (03 sujeitos), “natural em extinção” (02 sujeitos), e “vegetação desconhecida” (02 sujeitos). Percebemos que as unidades da resposta **vegetação** apresentam uma diversidade de características pelos respondentes que, de certo, além de constituir diferentes níveis de percepção e experiência afetivas e cognitivas com a natureza vegetal, também compreende um desconhecimento da real importância dessa vegetação, reforçando a perda do vínculo afetivo entre os sujeitos e o Cerrado.

Chama a atenção o já referido desconhecimento acentuado e/ou desvalorização do Cerrado (48,75% das pessoas) e de sua importância como Bioma, o que nos remete aos objetivos da Educação (formal e informal) que não comporta conteúdos e experiências educativas que auxiliem no conhecimento do mesmo e, conseqüentemente, na valorização dos recursos naturais. Este fato contribui para a inexistência de vínculos afetivos entre o indivíduo e o lugar: como gostar do que não se conhece?

3.3.2.2 *Símbolo*

Na **Tabela 32** observa-se que os **animais** foram escolhidos como símbolo do Cerrado por 51, 25% dos sujeitos, predominando, entre eles, as aves (30% das respostas),

seguidas das árvores frutíferas (13,75%), dos mamíferos (13,75%), e árvores frutíferas (13,75%) e animais em geral (7,5%).

Tabela 32 – Símbolo do Cerrado (n = 80)
— Na sua opinião, qual é o símbolo que representa o Cerrado?

	Símbolo	Absoluto	%
<i>Animais</i>	Mamíferos	11	13,75
	Aves	24	30,0
	Animais em geral	06	7,5
	Total	41	51,25
<i>Vegetais</i>	Flores	01	1,25
	Frutíferas	11	13,75
	Outros vegetais	04	5,0
	Total	16	20,0
<i>Não sabe/não tem</i>		14	17,5
<i>Lavoura/pecuária</i>		04	5,0
<i>Cachoeiras</i>		02	2,5
<i>Queimada</i>		01	1,25
<i>Muitos</i>		01	1,25
<i>Moto-serra</i>		01	1,25
	TOTAL	80	100,0

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

O Cerrado não tem símbolo algum para 17,5% dos respondentes, um número que pode estar relacionado às pessoas que vieram de outras paisagens e ainda não despertaram a sensibilidade para conhecê-lo. Novamente se coloca a questão do tempo para se familiarizar com o lugar no Cerrado e descobrir um símbolo dentro da sua sociobiodiversidade. Para estes o Cerrado ainda não faz parte das suas vidas e tem pouca ou nenhuma importância.

Os animais e vegetais mais escolhidos pelos sujeitos constam na **Tabela 33** e indicam uma valorização maior para os animais, apontando para um maior descaso com a vegetação do Cerrado.

P.S.23 “Ema, porque é nativa do Cerrado”. (Auxiliar de Serviços Diversos, 24 anos, 28 anos de moradia, 2º Grau Incompleto).

P.S.34 “Pequi, porque é bastante conhecido”. (Estudante, 18 anos, 18 anos de moradia, 2º Grau Incompleto).

A ema e o pequi foram os símbolos mais presentes entre os animais e vegetais, a ema por estar presente, ainda, mesmo na ausência do seu hábitat natural, que deu

lugar às lavouras e o pequi, pelo uso na culinária local. Este último já desapareceu em grande parte devido o desmatamento.

Tabela 33 – Animais e vegetais mais escolhidos como símbolo do Cerrado (n = 34)

Animais	Nº de Sujeitos	Vegetais	Nº de Sujeitos
Ema	06	Pequi	07
Arara	04	Ipê	02
Onça	03	Lixeira	02
Seriema	02		
Papagaio	01		
Macaco	01		
Veado	01		
Coruja	01		
Anta	01		
Paca	01		
Tatu	01		
Lobo-guará	01		
Total	23	Total	11

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

O Cerrado é simbolizado pelo uso de terras e recursos naturais para 5% dos sujeitos, que escolheram a lavoura/pecuária como símbolo. (**Tabela 32**). É o peso do valor utilitário sobre os demais valores atribuídos ao Cerrado, ou seja, o símbolo do Cerrado reside na potencialidade de uso e não mais na natureza e estrutura. Complementando esta idéia, a moto-serra foi indicada como símbolo por um sujeito, que considera um elemento responsável pela destruição do Cerrado como aquilo que pode simbolizá-lo:

P.S.20 “Moto-serra, porque é com ela que desmata o Cerrado”. (Desempregado, 24 anos, 9 meses de moradia, 2º Grau Incompleto).

Fica evidente, mais uma vez, a ausência de vínculos afetivos nas respostas dos entrevistados, revelando-se um distanciamento com a paisagem do Cerrado.

Para compreender melhor os significados e os símbolos atribuídos ao Cerrado pelos sujeitos da pesquisa, torna-se importante conhecer tanto a imagem antiga como a atual que os inquiridos revelam, com o fim de possibilitar o conhecimento da sua evolução e das possíveis mudanças ocorridas.

3.3.2.3 Imagem antiga e atual

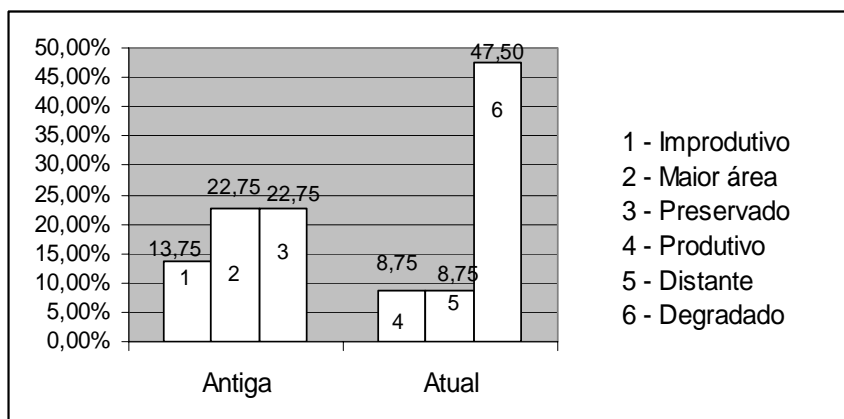
As imagens antigas e atual apontadas pelos sujeitos, conforme se vê na **Tabela 34**, mostram a evolução de um Cerrado em **maior área** (22,75% dos sujeitos), **preservado** (22,75%), **improdutivo** (13,75%) e **inexplorado** (7,5%), na imagem de antigamente, para um Cerrado **degradado** (47,5%), **desmatado** (13,75%), **raro ou distante** (8,75%) e **queimado** (6,25%) na imagem atual.

Tabela 34 – Imagem antiga e atual do Cerrado (n = 80)
— Como você descreve o Cerrado de antigamente e de hoje?

Tempo	Imagem/descrição	Sujeitos	%
Não sabe		09	11,25
Antigamente	Melhores condições	01	1,25
	Bonito	03	3,75
	Fértil	01	1,25
	Verde	02	2,5
	Maior biodiversidade	11	13,75
	Inexplorado	06	7,5
	Improdutivo (sem valor)	11	13,75
	Maior área	19	22,75
	Preservado	19	22,75
	Fechado	05	6,25
	Próximo	01	1,25
	Somente mato	01	1,25
Total		80	100
Hoje	Degradado	38	47,5
	Seco	01	1,25
	Explorado intensamente	03	3,75
	Pastagens	03	3,75
	Desmatado	11	13,75
	Queimado	05	6,25
	Desprezado	02	2,5
	Produtivo	01	1,25
	Valorizado (agricultura)	03	3,75
	Distante/raro	07	8,75
	Virou cidade	02	2,5
	Clima mais quente	01	1,25
	Infértil	01	1,25
	Fauna em extinção	02	2,5
	TOTAL		80

Fonte: Pesquisa de campo, fev./mar. 2005.
Organização do autor.

O **Gráfico 12** mostra uma síntese de três atributos opostos e predominantes nas respostas dos sujeitos, para a imagem antiga e imagem atual, que são: improdutivo/produtivo, maior área/menor área e preservado/degradado.

Gráfico 12– Imagem antiga e atual do Cerrado.

Organizado pelo autor.

Os depoimentos a seguir exemplificam as descrições imagéticas analisadas acima:

P.S.15 “Antigamente a área era preservada, com vários tipos de animais. Hoje a área está degradada”. (Desempregado, 48 anos, 1 ano de moradia, 2º Grau Completo).

P.S. 58 “Antigamente era intocável, sem valor; Hoje – substituído por pastagens e solo bastante explorado”. (Operadora de Caixa, 21 anos, 21 anos de moradia, 2º. Grau Completo).

P.S.41 “Antigamente não era valorizado; área improdutivo. Hoje – área valorizada e desmatada”. (Desempregado, 43 anos, 3 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

P.S. 65 “Antigamente era natural, vivo; Hoje – totalmente devastado, com animais já extintos”. (Comerciante, 18 anos, 8 anos de moradia, 2º. Grau Incompleto).

Desta forma, percebemos que predominou a imagem do Cerrado **preservado** de antigamente e do Cerrado **degradado** na atualidade, em parte como consequência da fraca intervenção antrópica e desvalorização econômica no passado e da maior valorização das potencialidades agrícolas nos dias atuais. Chama a atenção a percentagem de sujeitos que citaram a imagem atual de um Cerrado **degradado**, pois representa praticamente a metade dos sujeitos (47,5%). Podemos entender que essas pessoas têm a informação de que o Cerrado está degradado, mas isso não significa que elas tenham o conhecimento mais profundo da degradação real deste Bioma. Tudo indica que as imagens do Cerrado estão realmente se perdendo, e ele vai, aos poucos, desaparecendo da vida dessas pessoas.

3.3.2.4 Memória

A **Tabela 35** aponta que o sujeito não tem memória ou lembrança (31,25%) de alguma paisagem do Cerrado em virtude da falta de vivência e experiência sensorial e afetiva com o mesmo. A falta deste contato mais prolongado repercute no desconhecimento e, conseqüentemente, na desvalorização do Cerrado.

Tabela 35 – Imagem/memória do Cerrado (n = 80)
– Qual é a sua lembrança da paisagem do Cerrado?

Memória/Lembrança	Sujeitos	%
Cachoeiras	10	12,5
Chapadas/Chapada dos Guimarães	11	13,75
Não tem	25	31,25
Não respondeu	02	2,5
Rios	05	6,25
Sítio/fazenda	08	10,0
Gleba Rio Vermelho	02	2,5
Cidade	03	3,75
Pastagens	01	1,25
Várias	03	3,75
Vegetação	06	7,5
Pássaros	01	1,25
Praça Vila Operária (antiga)	01	1,25
Sítio Arqueológico Ferraz Igreja	01	1,25
Degradação	01	1,25
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Percebemos que predomina a lembrança de aspectos naturais como as chapadas (13,75% dos sujeitos), as cachoeiras (12,5%), a vegetação (7,5%) e os rios (6,25%), totalizando 40 %. Destacamos a vegetação como algo marcado na memória por uma experiência pessoal.

P.S.02 “A vegetação natural em que me perdi numa caçada e passei até sede”. (Funcionário Público, 55 anos, 43 anos de moradia, 2º Grau Completo).

A convivência e contato maior com sítios e fazendas contribuíram para a indicação desses locais na lembrança de 10,0% de sujeitos. Estes locais construídos são, hoje, espaços de maior contato e memória do Cerrado, pois representam uma das poucas

alternativas para a maioria da população gozar de férias e fins-de-semana, junto a familiares, amigos e aos remanescentes do Cerrado; veja-se o depoimento a seguir:

P.S.72 “Sítio do meu avô com paisagem de chapadas”. (Vendedora, 18 anos, 10 anos de moradia, 2º Grau Incompleto).

Desta maneira, preponderam os componentes naturais do Bioma Cerrado na lembrança dos respondentes, auxiliados pelo turismo rural e ecológico que começa a ser implantado. Este é o lado positivo da memória do Cerrado que contrasta, infelizmente, com 33,75% das pessoas, que não têm lembrança ou ainda não conseguem expressá-la. Cabe ressaltar que grande parte dos respondentes veio de regiões onde não existe o Cerrado (23,75% são do RS, PR, CE, AL, SC, PB, ES, PE e AM). Somando-se estes aos 15,0% de paulistas chegamos ao total de 38,75% de pessoas que desconhecem ainda ou não tiveram maiores experiências com o Cerrado, não tendo qualquer vínculo histórico e cultural com esse Bioma. Por isso, o distanciamento entre o Cerrado e os sujeitos é muito forte e poderia ser menos acentuado com a existência de reservas naturais (parques municipais, Reservas Particulares do Patrimônio Natural –RPPNs, entre outras).

3.3.2.5 Responsabilidade

A preservação e conservação dos recursos naturais do Bioma Cerrado dependem da consciência e responsabilidade do Poder Público e da população na opinião de 25% dos sujeitos, para os quais todos são responsáveis pelo Cerrado. A **Tabela 36** também mostra que a responsabilidade ainda é dos proprietários de terra (21,25% dos entrevistados), população em geral (13,75%), órgãos ambientais (10%) e governos (8,75%).

P.S.61 “Todos nós, porque é importante para todas as pessoas”. (Auxiliar de Mecânico, 19 anos, 19 anos, 2º Grau Completo).

P.S.38 “Proprietários de terra, porque ele tem a terra”. (Secretária, 30 anos, 2 anos de moradia, 2º Grau Incompleto).

P.S.70 “Órgãos, para orientar as pessoas e proprietários”. (Operador de Máquinas, 46 anos, 20 anos de moradia, 1º Grau Completo).

Tabela 36 – Responsabilidade com o Cerrado (n = 80)

– Quem deve cuidar do Cerrado? Por quê?

Responsáveis	Sujeitos	%
Governo	07	8,75
Governo Federal	02	2,5
Governo Estadual	07	8,75
Governo Municipal	04	5
População	11	13,75
Todos	20	25
Proprietários de terra	17	21,25
Órgãos (FEMA, IBAMA)	08	10
Ministério de Agricultura	01	1,25
Não sabe	03	3,75
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

P.S.79 “Governo, porque é quem administra os bens da nação”. (Tratorista, 21 anos, 2 anos de moradia, 2º Grau Completo).

As pessoas transferem a responsabilidade muitas vezes apenas para os donos da terra, órgãos ambientais ou governos, isentando-se, assim, da sua parcela de responsabilidade para com o ambiente. Apesar disso, nota-se que timidamente já existe uma tomada de consciência de que todos – proprietários ou não – são responsáveis pelo Cerrado. A responsabilidade dos proprietários reside, principalmente, na obediência da legislação ambiental, que é comumente transgredida, além de passarem a tomar medidas conservacionistas contra a poluição e a erosão, reflorestamento, etc.). A responsabilidade da população em geral está sendo também construída, na medida em que ela conhece mais sobre o Cerrado que, infelizmente, desaparece rapidamente dos olhos e da vida das pessoas.

A responsabilidade pode ser entendida também nos cuidados relacionados com o Cerrado, tema questionado junto aos respondentes. A **Tabela 37** salienta que entre estes cuidados dizem respeito, fundamentalmente, ao controle/fim do desmatamento (25% dos sujeitos) e à preservação (22,5%).

P.S.61 “Parar o desmatamento, preservando as áreas atuais”. (Auxiliar de Mecânico, 19 anos, 19 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P.S.41 “Preservar áreas para futuras gerações”. (Desempregado, 43 anos, 3 anos de moradia, 3º Grau Incompleto)

Tabela 37 – Cuidados com o Cerrado (n = 80)

– Se pudesse decidir, como cuidaria do Cerrado?

Cuidados	Sujeitos	%
Preservação (limites, leis)	18	22,25
Desmatamento controlado	20	25
Legislação	06	7,5
Reflorestamento	07	8,75
Controle de queimadas	05	6,25
Reservas naturais	05	6,25
Proteção à biodiversidade	04	5
Não respondeu	01	1,25
Não sabe	02	2,5
Pesquisa	02	2,5
Criação de órgão para o Cerrado	01	1,25
Conscientização	04	5
Controle da poluição	02	2,5
Uso racional na pecuária e agricultura	03	3,75
TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.

Organização do autor.

O controle do desmatamento é o cuidado mais urgente (25,0% dos sujeitos) e os estudos também alertam para esse fenômeno, sendo o principal tema quando se trata do Bioma Cerrado. A avaliação das áreas modificadas no Cerrado é algo bastante polêmico entre os pesquisadores. Ribeiro (2005, p. 195) assegura que entre 1970 e 1985 (quinze anos apenas) esse Bioma já tinha perdido 37% de sua cobertura primitiva. Já Buschbacher (*apud*, RIBEIRO, 2005, p. 195) indica que somente 20% da área original estão intactas. Estudos da ONG Conservação Internacional (CI –Brasil) apontam que o Cerrado foi desmatado nas seguintes proporções: 1994 – **37%**, 1998 – **49%**, 2002 – **57%**, com previsão para seu desaparecimento em 2030 se continuar a taxa anual de 1,5% no desmatamento. (Eduardo KATTAH, *O Estado de São Paulo*, 19.07.2004, p. A8).

Tanto na abordagem do controle do desmatamento como da preservação as pessoas também apontaram a necessidade de melhor fiscalização, legislação e limites por parte do Poder Público e dos proprietários de terra. Os sujeitos também indicaram cuidados como: reflorestamento (8,75% dos sujeitos), legislação (7,5%), controle de queimadas/criação de reservas naturais (6,25%) e proteção da biodiversidade/conscientização pública (5%). Salientamos que apenas 04 sujeitos indicaram a necessidade da conscientização pública (educação ambiental) e 02, a pesquisa sobre o Cerrado. Sabemos que esta última privilegia mais a pesquisa aplicada às atividades produtivas, sendo que ficam restritos, especialmente para ONGs e alguns corajosos pesquisadores outros tipos de pesquisa (ecologia, paisagens, biologia animal e vegetal, águas, entre outros).

Percebemos que algumas pessoas já estão conscientes de que se deve frear o desmatamento do Cerrado e, concomitantemente, estabelecer na prática (não apenas legal) limites que visem à preservação. No entanto, estas ações ficam mais a cargo dos proprietários de terra que, ávidos do lucro agrícola, descumprem a legislação tendo, muitas vezes, a conivência do Estado. É muito difícil remediar a atual situação do Cerrado, que já sofreu intensa descaracterização natural e degradação. Isto ocorreu, em virtude fundamentalmente, de uma legislação que o deixou de fora dos biomas protegidos, como é o caso da Mata Atlântica e da Amazônia, como bem salientou Chaves (2003), em recente pesquisa sobre o Cerrado Goiano. Portanto, faz-se urgente a necessidade de criação de áreas de proteção, públicas e privadas, que resguardem os pequenos e raros redutos remanescentes deste rico e ainda tão desconhecido bioma.

Sobre o tema, Ferreira (2003, p. 210) vê a necessidade urgente do cumprimento da legislação e de uma união dos esforços entre instituições, governos e pessoas que percebam a gravidade da situação e o prejuízo sociocultural provocado por todas as formas de degradação do Bioma Cerrado.

3.3.2.6 Topocídio

As questões analisadas até agora vêm sinalizando sobre a falta de vínculos afetivos entre os sujeitos e o Bioma Cerrado. Para verificar a existência ou não de um topocídio dos lugares existentes na região de Cerrado, especialmente no caso de Rondonópolis, vamos considerar três elementos: a aceitação da utilização econômica do Cerrado, a substituição deste pela soja e a importância dele em relação à soja para Rondonópolis.

A **Tabela 38** evidencia que 88,75% dos sujeitos consideraram importante o uso econômico do Cerrado, especialmente na medicina (27,5% dos respondentes), alimentação/subsistência (22,5%) e como fonte de renda (11,25%).

P.S.35 “Sim, é fonte de alimento e saúde”. (Garçon, 49 anos, 18 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

Tabela 38 – Utilização econômica do Cerrado (n = 80)
 – Você considera importante a utilização econômica do Cerrado? Por quê?

Resposta	Uso e/ou razões para uso	Sujeitos	%
Sim	Turismo paisagístico	02	2,5
	Alimentação e subsistência	18	22,5
	Medicina	22	27,5
	Crescimento econômico	02	2,5
	Conhecimento do cerrado	03	3,75
	Fonte de renda	09	11,25
	Fácil exploração	02	2,5
	Industrialização de frutos	02	2,5
	Artesanato	02	2,5
	Potencialidades de usos e recursos	04	5,0
	Reflorestamento	02	2,5
	Adequada e planejadamente	02	2,5
	Total	71	87,5
Não	Piora o ambiente	01	1,25
	Outros locais para exploração	01	1,25
	Total	02	2,5
Em parte	Preservação	01	1,25
	Degradação	01	1,25
	Desmatamento	03	3,75
	Conservação	01	1,25
	Total	05	7,5
Não sabe responder		02	2,5
	TOTAL	80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

Eis algumas respostas afirmativas:

P.S.13 “Sim, porque sustenta a população”. (Do Lar, 40 anos, 1 mês de moradia, 1º Grau Incompleto).

P.S.79 “Sim, é uma fonte de renda a mais”. (Tratorista, 21 anos, 2 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Quanto ao uso medicinal do Cerrado, este é reconhecido e aceito, porém ainda é pouco conhecido exceto pela população nativa da região, principalmente indígenas que, infelizmente, estão desaparecendo e com eles este rico conhecimento no concernente ao uso na alimentação, poucas pessoas indicaram cultivos de subsistência como feijão, arroz,

mandioca e milho, que são típicos da pequena propriedade e que caracterizam uma pequena área do Cerrado.

A utilização do Cerrado na alimentação e fonte de renda, nas respostas dos sujeitos, não se refere às atividades agropastoris empresariais, porém também não as exclui, deixando a margem para considerá-las como aceitas, consciente ou inconscientemente. Neste caso a inclusão destas atividades comporta a concordância das suas conseqüências para o Cerrado, que são de degradação e, que neste caso, poderiam relacionar-se com o topocídio do Cerrado e de certos lugares desta paisagem. Outro fato importante nesta linha de análise é que apenas 2,5% dos sujeitos não consideram importante a utilização econômica do Cerrado, enquanto 7,5% concordam em parte, principalmente porque seu uso repercute na sua destruição:

P.S.28 “Não, porque pode piorar a situação do Cerrado”. (Segurança, 45 anos, 30 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

P.S. 69 “Em parte, porque dá renda, mas favorece a destruição do Cerrado”. (Agente Comunitário de Saúde, 36 anos, 36 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Outra questão abordada foi a aceitação ou não da substituição do Cerrado pela soja, principal produto agrícola da região. Na **Tabela 39** verifica-se que 61,25% dos sujeitos não concordam com tal substituição, pelas seguintes razões: Cerrado é natureza (12,5%), possibilidade de integração entre agricultura e o Cerrado (10%), destruição/extinção do Cerrado (8,75%) e Cerrado e soja são importantes (5%).

P.S.51 “Não, porque deve existir um meio de satisfazer a necessidade econômica e do ambiente”. (Professora, 49 anos, 49 anos de moradia, 3º Grau Completo).

P.S.03 “Não, porque destrói o Cerrado”. (Do Lar, 52 anos, 23 anos de moradia, 1º Grau Completo).

P.S.40 “Não, porque se deveria deixar o Cerrado que é natureza”. (Acompanhante, 25 anos, 9 meses de moradia, 2º Grau Incompleto).

P.S.01 “Não, porque ambos são importantes”. (Manicure, 30 anos, 43 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Para 20% dos sujeitos, entretanto, a soja deve substituir o Cerrado, pois a produção agrícola é importante (7,5% dos respondentes), necessidade da soja para alimentação e subsistência (6,255) e o Cerrado é um ambiente adequado para cultivo (2,5%).

Tabela 39 – Substituição do Cerrado pela soja (n = 80)
 – Você concorda que a soja deva substituir o Cerrado? Por quê?

Resposta	Razões	Sujeitos	%
Sim	Ambiente adequado	02	2,5
	Subsistência e alimentação	05	6,25
	Produção agrícola	06	7,5
	Crescimento do PIB	01	1,25
	Empregos	01	1,25
	Terra sem valor	01	1,25
Total		16	20,00
Não	Preservação	02	2,5
	Habitat da fauna	03	3,75
	Integração natureza/agricultura	08	10,0
	Agrotóxicos na agricultura	01	1,25
	Destruição/Extinção do cerrado	07	8,75
	Clima ameno	02	2,5
	Soja é agricultura temporária	02	2,5
	Agricultura beneficia poucos	01	1,25
	Cerrado é natureza	10	12,5
	Policultura	01	1,25
	Prejuízo da monocultura	02	2,5
	Outros espaços para a soja	03	3,75
	Soja é latifúndio e exportação	02	2,5
	Os dois são importantes	04	5,0
Necessidade econômica do ambiente	01	1,25	
Total		49	61,25
Em parte	Manter os dois na propriedade	03	3,75
	Criação de reservas	05	6,25
	Renda e emprego	01	1,25
	Agricultura de subsistência	01	1,25
	População agrícola	01	1,25
	Água	01	1,25
Total		12	15,0
Não respondeu		02	2,5
Não sabe explicar		01	1,25
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
 Organização do autor.

P.S.64 “Sim, porque a grande produção agrícola deve continuar”. (Aposentado, 62 anos, 34 anos de moradia, 1º Grau Completo).

P.S.58 “Sim, porque a soja é alimento protéico, com bom uso do solo”. (Operadora de Caixa, 21anos, 21 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P.S.16 “Sim, porque o solo do Cerrado é bom para o cultivo”. (Estudante, 18 anos, 2 meses de moradia, 2º Grau Incompleto).

A aceitação da substituição do Cerrado pela soja por uma parte dos sujeitos é confirmada no **Quadro 7**, que apresenta a participação do Cerrado na produção de soja no Brasil.

Quadro 7 - Contribuição dos cerrados à produção de soja no Brasil - 1970 a 2003.

Anos	Produção (1.000 t)		Participação dos Cerrados (%)	Rendimento (Kg/ha)	
	Brasil	Cerrados		Brasil	Cerrados
1970	1.509	20	1,4	1.144	1.350
1975	9.893	434	4.4	1.699	1.330
1980	15.156	2.200	14,5	1.727	1.700
1985	18.278	6.630	36,3	1.800	1.950
1990	19.850	6.677	35,2	1.731	1.540
1995	25.934	12.586	48,5	2.221	2.180
2000	31.644	15.670	49,5	2.374	2.582
2003	49.647	28.866	58,1	2.765	2.945

Fonte: BICHEL (2004), *apud* SILVA (2005, p. 236).

Percebemos no quadro acima que é evidente a participação e o uso econômico intenso do Cerrado, principalmente na produção de grãos, mais especificamente da soja, um dos principais motores da economia agroexportadora do país.

Outros 15% dos respondentes concordaram em parte com a substituição do Cerrado pela soja, principalmente porque se necessita da criação de reservas naturais do Cerrado (6,25% dos respondentes) e se podem manter os dois (Cerrado e cultivo de soja) na propriedade (3,75%).

Salientamos ainda que apenas 3,75% (03 sujeitos) não responderam/não souberam responder, mostrando que existe um conhecimento satisfatório do tema pelas pessoas, que lhes permite opinar com certa propriedade.

Chama a atenção o fato de que, apesar de boa parte (20%) dos sujeitos concordar com a utilização econômica do Cerrado, estes não aceitam sua substituição pela soja, mas sim por outras atividades já arroladas na **Tabela 38**. Mais uma vez, fica clara a consciência e o conhecimento dos prejuízos ambientais provocados pela monocultura da soja, que necessita de grandes áreas contíguas para facilitar a mecanização total das lavouras.

Necessário se faz o uso do Cerrado para a agricultura e pecuária, que teve uma fase inicial em que pouco se preocupou com as conseqüências ambientais e planejamento governamental. Nas palavras de Chaves (2003, p. 70), em seu estudo sobre a descentralização da política ambiental no Brasil e a gestão dos recursos naturais no Cerrado Goiano, isso ocorreu porque

Poucos estudos nesse período, no entanto, se preocuparam em traçar um perfil das conseqüências ambientais do processo de avanço indiscriminado sobre a região do cerrado. Houve uma preocupação generalizada e até plausível com relação às florestas tropicais e equatoriais, legando o cerrado em segundo plano. Esses autores, que preconizaram um futuro promissor para a região, deixaram claro que a ocupação produtiva dos cerrados era importante, pois o seu aspecto natural não demonstra tanta importância ecológica e, com isso, deve ser substituído.

Ferreira (2003, p. 215) alerta para a ética e a responsabilidade para com os limites naturais perante o uso agrícola, sem as quais não poderemos garantir a integridade e o equilíbrio e a própria sobrevivência do Cerrado.

Na continuidade da análise comparativa da soja e do Cerrado, as pessoas foram questionadas sobre a importância dos dois para Rondonópolis e para cada indivíduo. A **Tabela 40** indica que 65% dos sujeitos concordam que a soja é mais importante para Rondonópolis do que o Cerrado, pelos seguintes motivos principais: propicia empregos (22,5% dos sujeitos), fonte de renda (18,75%), alimentação (8,75%) e motor econômico da cidade (5%).

Tabela 40 – Soja x Cerrado: importância para Rondonópolis (n = 80)
– Para Rondonópolis o que é mais importante: soja ou Cerrado? Por quê?

Resposta	Razões	Sujeitos	%
Soja	Cerrado improdutivo	01	1,25
	Motor da cidade	04	5,0
	Renda	15	18,75
	Empregos	18	22,5
	Produção agrícola	02	2,5
	Alimentação	07	8,75
	Comércio	03	3,75
	Negócios empresariais	02	2,5
Total		52	65,0
Cerrado	História	01	1,25
	Turismo	01	1,25
	Maior atração	01	1,25
	Natureza	06	7,5
	Conhecimento científico	01	1,25
	Lazer	01	1,25
	Clima ameno	02	2,5
	Medicina	01	1,25
Total		14	17,5
Os dois	Integração natureza e agricultura	12	15,0
	Integração agronegócio/preservação/turismo	02	2,5
Total		14	17,5
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.

Organização do autor.

P.S.28 “Soja, porque ela gera empregos”. (Segurança, 45 anos, 30 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

P.S.43 “Soja, porque traz renda e serviço para as pessoas”. (Vendedor, 68 anos, 6 anos de moradia, 2º Grau Completo).

P.S.74 “Soja, porque fornece alimentos para a cidade”. (Desempregado, 28 anos, 28 anos de moradia, 1º Grau Incompleto).

P.S.52 “Soja, porque domina a economia; é o motor da cidade”. (Professor, 19 anos, 19 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

Para 17,5% dos respondentes o Cerrado é mais importante do que a soja para Rondonópolis, principalmente por se tratar de natureza (7,5% dos sujeitos); leia-se a resposta a seguir:

P.S.46 “Cerrado, porque é lugar tranquilo; é natureza”. (Do Lar, 29 anos, 3 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

Outros 17,5% de sujeitos opinaram que os dois são importantes (soja e Cerrado) e que estes podem estar integrados, com vistas a atender a sustentabilidade da atividade agrícola, adequando-se às potencialidades do Cerrado.

P.S.63 “Os dois, porque deve se consorciar a lavoura e a natureza para lazer das pessoas”. (Técnico Agrícola, 23 anos, 1 ano de moradia, 3º. Grau Completo).

Cabe aqui lembrar que a sojicultura não é uma atividade que gera muitos empregos em razão da sua alta mecanização, idéia esta aceita por diversos respondentes. Outro aspecto a observar é quanto ao uso da soja na alimentação. Como sabemos, ainda é pequena sua integração na dieta alimentar do povo brasileiro, exceto no leite e outros raros alimentos. Portanto, podemos considerar que estas duas razões colocadas para atribuir maior importância à soja do que ao Cerrado denotam uma influência já assimilada pelas pessoas a partir do marketing empresarial.

Mas e para os sujeitos, qual é o mais importante, a soja ou o cerrado? Este é o questionamento que segue. A **Tabela 41** revela que, quando se refere à pessoa mudou a escolha: o cerrado é mais importante para 47,5% dos sujeitos. Para eles as razões desta escolha são: o cerrado é natureza (20% dos sujeitos) e a necessidade de preservação do Cerrado (7,5%):

P.S.47 “O Cerrado, porque é natureza e a gente depende dele”. (Do Lar, 38 anos, 18 anos de moradia, 1º Grau Completo).

P.S.37 “O Cerrado, porque é importante para a vida e deve ser preservado para futuras gerações”. (Analista de Crédito, 33 anos, 23 anos de moradia, 3º Grau Incompleto).

Tabela 41 - Soja x Cerrado: importância para o indivíduo ou sujeitos (n = 80)
- E para você? Por quê?

Resposta	Razões	Sujeitos	%
Soja	Emprego	10	12,5
	Renda	05	6,25
	Desenvolvimento econômico de Rondonópolis	01	1,25
	Alimento	05	6,25
	Comércio	01	1,25
	Cerrado é terra improdutiva	01	1,25
Total		23	28,75
Cerrado	Degradação pela agricultura	02	2,5
	Natureza	16	20,0
	Preservação	06	7,5
	Medicina	01	1,25
	Pesquisa e educação nas escolas	01	1,25
	Agricultura empresarial é atividade de poucos	03	3,75
	Hábitat da fauna	02	2,5
	Lazer	02	2,5
	Clima ameno	02	2,5
	Aproveitamento econômico	02	2,5
Total		38	47,5
Dois	Dois importantes	12	15,0
	Importância do agronegócio e Cerrado (clima)	03	3,75
	Importância da renda e natureza	04	5,0
Total		19	23,75
TOTAL		80	100

Fonte: Pesquisa de campo, fev. /mar. 2005.
Organização do autor.

Por outro lado, 28,75% dos sujeitos escolheram a soja, porque gera emprego (12,5% deles) e é fonte de renda/alimentação (6,25%), razões estas explicadas da mesma forma que na questão anterior.

Outra importante parcela dos sujeitos (23,75%) escolheu os dois –soja e cerrado – uma vez que há a necessidade dos negócios e renda agrícola, ao lado do Cerrado como recurso natural, corroborando os dados das **Tabelas 38 e 39** referentes à utilização econômica do Cerrado e a substituição deste pela soja.

P.S. 29 “Os dois são importantes: a soja gera capital e emprego e o Cerrado é natureza”.
(Funcionária Pública, 58 anos, 50 anos de moradia, 2º Grau Completo).

Em relação à análise do **Cerrado** foi também elaborada uma síntese dos resultados que exprime uma escala valorativa, para que se entenda o vínculo entre os sujeitos e o Cerrado, bem como se está ocorrendo o topocídio do Cerrado em Rondonópolis. O objetivo é verificar se esse Bioma não está desaparecendo somente do mapa, mas também da vida das pessoas, um dos objetivos de nossa tese.

A escala valorativa construída apresenta diferentes níveis para o topocídio, assim caracterizados com os seguintes critérios:

- **Fraco** – permanecem vínculos afetivos com o Cerrado. Ações humanas não contribuem ou contribuem pouco para o desaparecimento do Cerrado. Distante do topocídio.
- **Forte** – o Cerrado ainda faz parte da vida das pessoas, permanecendo alguns vínculos, mas com tendência ao topocídio. As ações contribuem com mais intensidade para o desaparecimento do Cerrado. Existe uma tendência ao topocídio mais eminente, com maior visibilidade.
- **Muito forte** – o Cerrado já desapareceu dos olhos e da vida das pessoas. Não existe qualquer vínculo afetivo entre elas e o Cerrado. Caracteriza-se o topocídio.

O **Quadro 8** mostra os três níveis de topocídio mensurados de acordo com as falas dos sujeitos, resumidas nas diversas categorias de análise das **Tabelas 31 a 41**.

Quadro 8 – Escala valorativa do topocídio do Cerrado em Rondonópolis –MT (Tabelas 31 a 41).

CATEGORIAS DE ANÁLISE	NÍVEIS DE TOPOCÍDIO (%)		
	FRACO	FORTE	MUITO FORTE
IDENTIDADE	12,25	52,75	35,00
SÍMBOLO	55,00	-----	45,00
IMAGEM ANTIGA	57,55	42,55	-----
IMAGEM ATUAL	2,50	95,00	2,50
MEMÓRIA	42,50	20,00	37,50
RESPONSABILIDADE	60,00	40,00	----
CUIDADOS	76,25	17,25	6,25

Organização do autor.

Na **identidade** do Cerrado, verificou-se o nível de topocídio forte para 52,75% dos sujeitos e muito forte para 35,0% deles, o que significa poucos vínculos afetivos com o Bioma, isto é, o Cerrado já não existe ou tem pouca presença na vida dessas pessoas. Isso pode ser explicado pela faixa etária média (18 a 25 anos) e a idade média de 31,3 anos das pessoas que em sua maioria ainda não vivenciaram as paisagens do Cerrado. Apenas para 12,25% delas o topocídio é fraco, revelando distância do topocídio.

Quanto ao **símbolo** proposto pelos respondentes ao Cerrado, nota-se um topocídio de nível fraco apontados por 55% deles, demonstrando ainda a existência de forte vínculo afetivo entre a pessoa e o Cerrado. Entretanto, para os demais 45% o topocídio é de nível muito forte, e os símbolos apresentados já não se relacionam mais com o Cerrado, mas sim com as atividades praticadas em áreas que antes eram de Cerrado, não transparecendo nenhum vínculo com o mesmo, caracterizando o topocídio.

A **imagem** do Cerrado **de antigamente** revela um topocídio de nível fraco para 57,55% dos sujeitos e de forte para 42,55% deles. Chama a atenção a diferença quando comparada com a imagem **atual**, que revela 95% dos sujeitos no nível forte, significando que é forte a tendência ao desaparecimento da Cerrado para praticamente todos os sujeitos.

Quanto à **memória** do Cerrado, predominou um topocídio de nível fraco em 42,5% dos sujeitos, o que corresponde a uma presença mais forte do Bioma no ambiente e na vida das pessoas. Porém, faltam lembranças da sua paisagem e há ausência de vínculos afetivos para 37,5% dos sujeitos, dos quais **31,25% não têm qualquer lembrança da paisagem do Cerrado**. Este é o fato mais evidente e marcante do grande distanciamento entre os sujeitos e o Cerrado, caracterizando já o topocídio. Além disso, as respostas de 20% dos sujeitos foram enquadradas no topocídio de nível forte, isto é, um quarto das pessoas ouvidas já mantém poucos vínculos com o Cerrado, quando analisada a memória em relação a este, o que indica a tendência em direção ao topocídio.

A categoria **responsabilidade** destaca dois níveis de topocídio. O nível predominante é o fraco, com 60% dos sujeitos, enquanto o topocídio de nível forte foi observado em 40% dos sujeitos. Aqui o critério mais importante para classificação do topocídio é a forma com que as pessoas assumem ou se isentam da responsabilidade com a preservação e conservação do Cerrado. No conjunto esta categoria revela forte distância do topocídio.

Os **cuidados** com o Cerrado, indicados pelos sujeitos, permitem entender que a maioria (76,25%) relaciona atitudes e medidas importantes para conservar o Cerrado, o que indica a presença de fortes vínculos afetivos. Para os demais níveis que totalizam 23,75%

há uma responsabilidade e valoração do Cerrado muito aquém do primeiro caso, sugerindo perda de vínculos com o Cerrado e tendência ao topocídio.

As considerações acima devem levar em conta, além das já abordadas questões da idade média e a origem das pessoas entrevistadas, o próprio processo de aculturação, que também contribui para a não vivência, a falta de memória e, conseqüentemente, de vínculos históricos, culturais e afetivos mais estreitos com o Cerrado. O envolvimento cognitivo e afetivo das pessoas com o Cerrado é menor que o desenvolvimento econômico que elas esperam com o uso dos recursos naturais do mesmo.

Sintetizando a análise do topocídio do Cerrado em Rondonópolis, pode-se destacar:

- **Topocídio distante** – de acordo com os critérios estabelecidos este nível ocorre nas seguintes categorias: símbolo, imagem antiga, memória, responsabilidade e cuidados. Para essas pessoas o Cerrado existe e tem importância, embora se perceba nas três primeiras categorias uma relação afetiva mais ligada ao passado, muito propagada na mídia e nas campanhas dos ecologistas.
- **Tendência ao topocídio** – Apresenta níveis de destaque nas categorias identidade e imagem antiga e responsabilidade, mas prevalece na imagem atual. Isto revela que as marcas atuais da destruição do Cerrado estão muito evidentes na própria realidade dos moradores e que a tendência ao topocídio começa a ganhar visibilidade.
- **Topocídio** – a caracterização do topocídio não predominou em nenhuma das categorias, mas na identidade, no símbolo e na memória o Cerrado praticamente já desapareceu dos olhos e da vida dessas pessoas.

Tais resultados esclarecem como o topocídio do Cerrado, na região de Rondonópolis, embora possa ser considerado de nível fraco dentro da análise realizada, apresenta-se extremamente preocupante, pois apresenta um quadro de acentuação no seu processo. Por tudo isso, faz-se necessário aprofundar o seu estudo, para se verificar com mais exatidão o nível de percepção e de conhecimento que a população tem a respeito do tema.

CONCLUSÃO

Este é o propósito desta pesquisa: investigar a percepção da paisagem e a identidade do lugar em Rondonópolis, a partir do conhecimento do espaço vivido dos seus moradores. A abordagem qualitativa revelou aspectos relevantes do cotidiano dos moradores e, levando em conta os resultados obtidos, é possível tecer as seguintes considerações finais:

- a) Em Rondonópolis a **rua** e o **bairro** são fortemente experienciados como **lugar**, evidenciando como ele é construído a partir do entorno mais próximo vivenciado continuamente.
- b) Não foi encontrado um forte sentido de **lugar** em Rondonópolis na percepção dos moradores, expresso nas falas referentes às categorias identidade, significado, valor afetivo, satisfação com o lugar, valor cultural, imagem e símbolo. Isto parece ser favorecido pela **destruição do Cerrado**, que contribui, cada vez mais, para o **desaparecimento dos vínculos topofílicos**.
- c) As atitudes, os valores e a experiência de vida dos moradores em Rondonópolis, expressos em suas falas, confirmam a existência do **não-lugar**, resultado dos poucos vínculos topofílicos com o lugar, cada vez mais comprimido pela expansão do espaço produzido. A cultura de massa e os meios de comunicação parecem, mesmo, contribuir cada vez mais para o surgimento e a manutenção dos não-lugares.
- d) As categorias **imagem** e **símbolo** de Rondonópolis são elementos-chave para destacar a falta dos vínculos topofílicos da pessoa em relação ao meio ambiente. Eles indicam um atrelamento da vida cotidiana aos aspectos econômicos da produção (fazer), em detrimento dos aspectos sociais e culturais (ser e existir). Este fenômeno também é resultado de uma visão utilitarista, componente da moderna agricultura empresarial, que impõe e reproduz as imagens e símbolos desta atividade que consome **paisagens** e **lugares** e alimenta o processo do **topocídio**.
- e) A **utilização econômica** do Cerrado é aceita pela grande maioria dos moradores ouvidos (88%), evidenciando uma desvalorização deste rico Bioma, o que pode contribuir sensivelmente para o alcance de sua total destruição (**topocídio**). Entretanto,

segundo os moradores, o Cerrado é mais importante para a pessoa do que para a cidade de Rondonópolis, o que mostra que eles aceitam a visão desenvolvimentista da cidade, prometendo mais empregos e melhor renda.

- f) A paisagem do Cerrado, local e suporte primeiro para a identidade do **lugar** em Rondonópolis, vem desaparecendo lentamente da vida das pessoas, evidência da presente falta de conhecimento sobre ele e da falta de vínculos topofílicos, caracterizando também um **topocídio cultural**.

- g) O **topocídio do Cerrado** aparece num nível ainda fraco na percepção dos moradores, porém com forte tendência ao desenvolvimento do processo. Na escala valorativa construída as categorias **identidade** e **imagem atual** do Cerrado já denotam um **topocídio forte** e a imagem atual do Cerrado revela que para 95% dos sujeitos o Cerrado já desapareceu completamente da vida deles, constituindo um verdadeiro topocídio cultural.

Os aspectos relacionados acima revelam que a identidade do **lugar** em Rondonópolis é tênue e está presente em raros tipos de interações entre seus moradores e o meio ambiente. O solapamento do lugar está vinculado, em grande parte, ao processo de **topocídio**, isto é, a destruição do **Cerrado** para a expansão do espaço produtivo. A valorização pública e privada do espaço produtivo vem comprimindo o espaço vivido, pois reduz os vínculos diretos e indiretos das pessoas com a paisagem e o ambiente natural do Cerrado.

Sem os vínculos afetivos e identidade do lugar, o que favorece o processo do topocídio, os moradores e as futuras gerações terão poucas chances para conservar e preservar o Cerrado em Rondonópolis. O grande desafio é buscar soluções para minimizar a aceleração deste fenômeno, no campo da Geografia e demais ciências. Porém, é preciso antes conhecer mais a natureza humana e os processos envolvidos nas interações entre o Cerrado e o homem. Esta é a verdadeira contribuição desta tese, que também auxiliará no aprofundamento e na discussão das interações entre o homem, o lugar e a paisagem em áreas de Cerrado, tão essencial para a vida no planeta Terra.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Tereza C. **Urbanização em Mato Grosso** – um exemplo: Rondonópolis. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.
- ALVES, Laci M. A. **O processo de expansão escolar em Mato Grosso (1910-1946):** uma abordagem histórica. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá. 1995.
- _____. **Rondonópolis: imagens e memória.** Rondonópolis: Ótima Copiadora, 2001.
- AMORIM FILHO, Oswaldo. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: **Percepção ambiental** – a experiência brasileira. 2. ed, São Paulo: Studio Nobel/Editora da UFSCar, 1999. pp. 139-52.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE RONDONÓPOLIS – ACIR. **Memória histórica e genealógica de Rondonópolis** – 50 anos, 1953/2003. Rondonópolis: Gráfica Elisa, 2003.
- A TRIBUNA. **Rondonópolis – 50 anos (encarte especial).** Rondonópolis, 10 de dezembro de 2003.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus. 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução Antonio de Pádua Danesi/Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, Altair e NASCIMENTO, Itaboraí V. Processos culturais associados à vegetação. In: PINTO, Maria N. (org.). **Cerrado:** caracterização, ocupação e perspectivas. Brasília: EDUnB, 1993. pp. 155-212.
- BARROS, Claudia. *De Rural A Rururbano: Transformaciones Territoriales y Construcción de Lugares al Sudoeste del Área Metropolitana de Buenos Aires* . **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona . Nº 45 (51), 1 de agosto de 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em 25 jun 2004.
- BAXTER, M. **Garimpeiros de Poxoréo.** Tese de Doutorado. Berkley: Universidade da Califórnia, 1975.
- BERNARD, Y. *Ménages et modes de vie.* In: ACHER, F. (ed.). **Le logement en question.** Paris: Editions de l'Aube, 1995.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global – esboço metodológico. **Cadernos de Ciências da Terra.** São Paulo: N. 13, 1971.
- BITTENCOURT, Silvana. Cerrado: sentença de morte. **Bio.** ABES, Ano V, n. 2, Rio de Janeiro. mar./abr. 1993, pp. 13-17.
- BOADA, Luis. **O espaço recriado.** São Paulo: Nobel, 1991.

BRASIL. Ministério do Exército. Diretoria do Serviço Geográfico (DSG). **Cartas topográficas de Anhumas (SE. 21-X-B-V), Córrego Cachoeira (SE. 21-X-D-II), Itiquira (SE. 21-X-D-III) e Pedra Preta (SE. 21-X-D-VI)**. Escala 1:100.000, 1976.

_____. **Nova Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRINGTON, Carlos. **Dimensões simbólicas da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988 (Série Princípios).

BUTTNER, Anne. *Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar*. In: GARCÍA RAMÓN. Maria Dolores. **Teoria y método en la geografía humana anglosajónica**. Barcelona: Ed. Ariel, 1985. pp. 227-41.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CARMO, Ailon do. **História de Rondonópolis**. Rondonópolis: Gráfica Modelo, 2005.

CASTELLO, Lineu. Morretes: um estudo de paisagem valorizada. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental - a experiência brasileira**. 2. Ed., São Paulo: Studio Nobel, 1999. pp. 121-38.

CHAVES, Manoel Rodrigues. **Descentralização da política de meio ambiente no Brasil e a gestão dos recursos naturais no cerrado goiano**. Rio Claro Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. 2003. 185 f.

CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. A aplicação da abordagem em sistemas na geografia física. **Revista Brasileira de Geografia**. V. 52, n. 2, IBGE, 1990, pp. 21-25.

CLAVAL, Paul. *El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio*. **Boletín de la A. G. E.** n. 34, 2002, pp. 21-39.

CORRÊA, Roberto L. Cultura e cidade: uma breve introdução ao tema. In: CARLOS, Ana F. A. e LEMOS, Amália I. G. **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 157-160.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. IN: **Paisagem, tempo e cultura**. Organizado por CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 92-123.

CUNHA, A. S. (coord.). **Uma avaliação da sustentabilidade da agricultura nos cerrados**. Brasília: IPEA, 1994.

CURY, Carmelita. **Do bororo ao Prodoeste**. Cuiabá, 1971.

DARDEL, Eric. *L'Homme et la terre: nature de la réalité géographique*. Paris: Presses Universitaires de France. 1952.

DEL RIO, Vicente de. *Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ*. In: DEL RIO, Vicente Del e OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental**-a experiência brasileira. 2. Ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. pp. 3-22.

DIOCESE DE RONDONÓPOLIS. **Desafios sociais da cidade de Rondonópolis**. Rondonópolis: Coordenação Diocesana de Pastoral Social, 2004.

EITEN, George. Vegetação. In: PINTO, Maria N. (org.). **Cerrado**: caracterização, ocupação e perspectivas. Brasília: EDUnB, 1993. pp. 17-73..

ELY, Deise F. **A compartimentação e estruturação da paisagem do município de Rondonópolis – MT**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Goiânia, 1998.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro de Pesquisa de Solo. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Rio de Janeiro: EMBRAPA, 1999.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL - EMPAER. **Estudo da realidade municipal – Município de Rondonópolis. 2005**. Escritório local da EMPAER. Rondonópolis, março/2005.

FELFILI, Jeanini. Cerrado. **VI ENCONTRO DE BOTÂNICOS DO CENTRO-OESTE. Resumos**. Edunemat: Cáceres – MT, 2001.

FERREIRA, Alvino Henrique de S. **Novas tecnologias de informação e comunicação e o teletrabalho**: um caso de enclausuramento sócio-espacial. Disponível em: <<http://www.tamandaré.g12br/teletrabalho.htm>>. Acesso: 30 jun. 2004.

FERREIRA, Aurélio B. de. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

FERREIRA, Idelvone M. **O afogar das Veredas**: uma análise comparativa espacial e temporal das Veredas no Chapadão de Catalão (GO). Tese (Doutorado em Geografia), IGCE-UNESP, Rio Claro, 2003. 242 f.

FREID, M. *Residential attachment: sources of residential and community satisfaction*. **Journal of Social Issues**, , v. 38, n.3, 1982, pp. 107-119.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GODKIN, Michael A. *Identidad y lugar: aplicaciones clinicas basadas em las nociones de arraigo y desarrollo*. In: GARCÍA RAMON, Maria D. **Teoria y método en la geografia humana anglosajonica**. Barcelona: Ed. Ariel, 1985. pp. 242-253.

GODKIN, Michael A. **Space, time and place in the human experience of stress**. Tese doutoral. Universidade de Clark, 1977.

GOETTERT, Jones D. **O vôo das pandorgas**: migração sulista para Rondonópolis – MT. Dissertação (Mestrado em Geografia). FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **“Gaúchos” no Nordeste: modernidade, desterritorialização e identidade.** Tese (Doutorado em Geografia Humana). FFCL/USP, São Paulo, 1995.

HARVEY, David. **Justice, nature & geography of difference.** Oxford, UK: Blackwell, 1996. 468p.

HISSA, Carlos E. V. *Espaço e modernidade: reconstruindo identidades urbanas.* **Caderno de Geografia.** Belo Horizonte, v. 12, n. 19, 2º semestre 2002, pp. 63-73.

HOLAHAN, C. J. *Environmental Psychology.* **Annual Review of Psychology,** n. 37, 1986, pp.381-407.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censos demográficos de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1991.** Rio de Janeiro.

_____. **Censos agropecuários de Mato Grosso dos anos 1960, 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96.** Rio de Janeiro.

_____. Projeto RADAMBRASIL Folha SE. 21. **Corumbá: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra.** Rio de Janeiro, 1982, 768 p. (Levantamento dos Recursos Naturais, v. 31).

_____. **Manual técnico de vegetação.** Rio de Janeiro, 1990.

_____. **Produção agrícola municipal do Estado de Mato Grosso - 1990.** Rio de Janeiro, 1991.

_____. **Anuário Estatístico do Brasil - 1991.** Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Anuário Agropecuário e Industrial de Mato Grosso – 1996.** Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

ISAAC, Paulo Augusto M. **Educação escolar indígena Bóe-Bororo: alternativa e resistência em Tadarimana.** Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, Cuiabá, 1997.

JIMÉNEZ, Rafael Vidal. *La Red y la destrucción de la identidad.* **Especulo. Revista de Estudos Literários da Universidade Complutense de Madrid.** n. 17, 2001. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero17/vidal.html>>. Acesso: 11 abril 2004.

JOHN, Liana. **Consumo já supera reposição dos recursos naturais em 20 %.** Disponível em: <<http://www.meioambiente.org.br/noticias>>. Acesso: 11 de julho de 2002.

KATTAH, Eduardo. **Cerrado brasileiro pode desaparecer até 2030.** **O Estado de São Paulo,** 19 de julho de 2004, p. A8.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUHNEN, Ariane. **Psicologia ambiental: representações sociais e meio ambiente**. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Social). PUC/SP. Disponível em <<http://ambiente.hpvip.com.br/002.html>>. Acesso: 18 fev. 2003.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEFF, Enrique. *Espacio, lugar y tiempo: la reapropiación social de la naturaleza y la construcción local de la racionalidad ambiental*. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 1, p. 64. jan/jul. 2000. pp. 57-69

LEITE, Maria A. F. P. **Destrução ou desconstrução? Questões da paisagem e tendências de regionalização**. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 1994.

MACHADO, Lucy Marion C. P. **A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada**. Tese (Doutorado em Geografia). Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 1988.

_____. Meio ambiente e educação. **ARGEO**. Série Ensino n.. 1, 1989. pp. 1-10.

_____. Percepção de paisagem e conflitos sociais na Serra do Cubatão-SP. **Boletim de Geografia**, Maringá – UEM, Ano 08, n. 01, set. 1990. pp.41-50.

_____. Países imaginados e paisagens reencontradas. **Geografia**, Rio Claro 17 (1), abril 1992, pp. 152-54.

_____, Lucy M. C. P. A Praça da Liberdade na percepção do usuário. **Revista Geografia e Ensino**. Belo Horizonte, v. 5. n. 1. jun. 93, pp. 18-33.

_____. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. DEL RIO, Vicente Del e OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção ambiental - a experiência brasileira**. 2. ed., São Paulo: Studio Nobel, 1999, pp. 121-38.

MARTINE, G. & GARCIA, R. C. (orgs.). **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Cortez, 1987.

MASSEY, Doreen. *Space, place and Garder*. Cambridge: Politic Press, 1996.

MATO GROSSO. **Código Ambiental do Estado de Mato Grosso – Lei Complementar nº 38 de 21 de Novembro de 1995**. FEMA – MT: Cuiabá, 1995.

_____. Secretaria de Planejamento. **Zoneamento sócio-econômico-ecológico do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá. 1999. (CD-Room)

MELLO, João B. F. de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 57 (4), out/dez. 1990. pp. 91-115.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?** São Paulo: Contexto, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Leodete. **Mato Grosso**: Atlas geográfico. Cuiabá: Entrelinhas, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOURA, Carmen L. S. I. **Homens sem terra para terras sem homens**: os posseiros da Gleba Cascata, Rondonópolis, MT – 1975/1985. Dissertação (Mestrado em História). PUC, São Paulo, 1992.

NARDES, Antonia M. M - **Rondonópolis/MT: sua espacialidade reconstruída**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). FAU/UnB, Brasília, 1997.

NASCIMENTO, Flávio A. da S. **Aceleração temporal na fronteira**: estudo de caso de Rondonópolis –MT. Tese (Doutorado em História Social). USP, São Paulo, 1997.

NIMER, Edmon. **Climatologia do Brasil**. 2 ed., Rio de Janeiro: DERNA-IBGE, 1989.

O cerrado brasileiro: fonte de biodiversidade e alimentos para o mundo. Disponível em [Http://www.cpac.embrapa.br/ocerrado.htm](http://www.cpac.embrapa.br/ocerrado.htm). Acesso: 03 abril de 2004.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção do meio ambiente e geografia. In: **OLAM – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro. Ano 1, Vol, 1, No. 2, Nov, 2001. (cd-rom).

OLIVEIRA, Livia de e MACHADO, Lucy Marion C. P. Percepção, cognição, dimensão ambiental e desenvolvimento com sustentabilidade. In: VITTE, Antonio C. e GUERRA, Antonio J. T. (orgs.). **Reflexões sobre a geografia física brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda., 2004, pp. 129 – 152.

Os Bororo. Disponível em <http://www.ideti.org.br/diversidade.bororo.htm>. Acesso: 03 abril de 2004.

PAULA CARVALHO, José C. de P. *Mitoanálise organizacional: arquetipologia social e imaginário grupal*. **Revista da Faculdade de Educação**. USP, Vol. 18, no. 1, jan-jun. 1992, pp. 53-91.

PEIXINHO, Dimas M. **Onças vermelhas e amarelas** – a ocupação dos cerrados e a dinâmica sócio-espacial em Rondonópolis – MT. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). USP, São Paulo, 1998.

PIAIA, Ivane Inêz. **Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUNIC, 1997.

PORTEOS, J. Douglas. *Topocide: the annihilation of place*. In: EYLES, J. & SMITH, D. (org) **Quantitative methods in geography**. Cambridge: Polity Press, 1988, pp. 75-93.

PRED, Allan. *Place as historically contingent process: structuration and the time-geography of becoming places*. **Annals of the Association of American Geographers**. Vol. 74, n. 2, June. 1984, pp. 279-297.

RAMÓN, María Dolores G. *Nuevos horizontes geográficos em lãs décadas de los 70 y los 80: hacia una geografía humanística*. In: GARCÍA RAMÓN, María Dolores. **Teoría y método en la geografía humana anglosajónica**. Barcelona: Ed. Ariel, 1985, pp.219-226.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RIBEIRO, Antonio G. **Paisagem e organização espacial na região de Palmas e Guarapuava**. São Paulo. 336 f, Tese (Doutorado em Geografia Física). USP, 1989.

RIBEIRO, J. F. e WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M. e ALMEIDA, S. P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: EMBRAPA, 1998. p. 89-166.

RIBEIRO, Ricardo F. Da “largueza” ao “cercamento”: um balanço dos programas de desenvolvimento do Cerrado. In: ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice B. **A insustentável leveza da política ambiental – desenvolvimento e conflitos sócioambientais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 171-216..

ROJAS, Juan C. G. La experiencia cultural del espacio: el espacio vivido y el espacio abstracto. Uma perspectiva rícoeureana. **Investigaciones Geográficas**. UNAM, n.. 44, 2001, p. 119-125.

ROSENDAHL. Zeny. Diversidade, Religião e Política. **Espaço e Cultura**. UERJ – RJ. N. 11/12, p. 27-32, jan/dez de 2001.

ROSSO, Gilberto S. de. **Influência da cidade de Rondonópolis na rede urbana da Mesorregião Sudeste Mato-grossense**. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNESP , Presidente Prudente, 1999.

SACK, Robert D. *El lugar y su relación com los recientes debates interdisciplinarios*. **Documents D`Anàlisi Geográfica** 12, 1988, Barcelona, pp. 223-241.

SANCHEZ, R. O. **Zoneamento agroecológico do Estado do Mato Grosso: ordenamento ecológico-paisagístico do meio natural e rural**. Cuiabá: Fundação Cândido Rondon, 1982.

SANT'ANNA, E. M. et al. **Contribuição ao estudo de geomorfologia da área de Rondonópolis, com fins ao uso agrícola da terra**. Rio de Janeiro: FIBGE/DERNA, 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Carlos. Território e territorialidade. **Caderno de Criação**. Ano VII, n.. 21, março. Porto Velho, 2000, pp. 127-140.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996. 308p.

SANTOS, Vera L. dos. **Projetos hidrelétricos de grande porte e efeitos sociais: o exemplo do topocídio provocado pela barragem de Porto Primavera**. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Rio Claro, IGCE/UNESP, 1998.

SAUER, Carl. A morfologia da Paisagem. IN: **Paisagem, Tempo e Cultura**. Organizado por CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 12-74.

SCHIMITZ, Pedro I. Caçadores e coletores antigos da região do Cerrado. In: PINTO, Maria N. (org.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. Brasília: EDUnB, 1993. pp. 109-154.

SILVA, Advair M. **O migrante rondonopolitano**. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNESP, Rio Claro, 1988.

SILVA, Carlos Alberto F. da. e SILVA, Michele Tancaman C. da. **A dimensão sócioespacial do ciberespaço: uma nota**. Disponível em <<http://www.tamandare.g12/cidadedigital>> Acesso: 30 jun. 2004.

SILVA, Carlos E. M. Lugar-hábitat e lugar-mercadoria: territorialidades em tensão no domínio dos cerrados. In: ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice B. **A insustentável leveza da política ambiental – desenvolvimento e conflitos sócioambientais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, pp. 217-244.

SILVA, Inocência B. da. **Cerrado**. Disponível em :<<http://terra.com.br/chapadadosguimaraes/cerrado.htm>>. Acesso: 20 agosto 2002.

SOULÉ, Michael E. Mente na biosfera; mente da biosfera. In: WILSON, Edward O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 593-98.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOUZA JÚNIOR., Ângelo M. de. **Cognição ambiental e paisagem relictual: o Parque Estadual de Campos do Jordão**. Tese (Doutorado em Geografia). Rio Claro, IGCE/UNESP, 2001.

SPINK, Mary J. e MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary J. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2000, pp. 41-62.

STURZA, José A. I. **Uso da terra na porção sul do município de Rondonópolis - MT, em 1987**. Monografia (Especialização em Foto-interpretação de Imagens Orbitais e Sub-orbitais). Santa Maria: CCR/UFSM, 1993. 90 p.

_____. **Paisagem e organização espacial na Bacia Hidrográfica do Ribeirão Ponte de Pedra – MT**. Dissertação (Mestrado em Geografia – Planejamento Ambiental). FCT/UNESP. Presidente Prudente, 1999. 104 f.

_____. **Estudo da paisagem geográfica do município de Rondonópolis - MT: Uma contribuição à Educação Ambiental no Ensino Fundamental e Médio**. Relatório Final de Pesquisa UFMT/PROPEP209/CAP/99. Rondonópolis, 2001a. 34 p. (xérox).

_____. Espaço, cotidiano e linguagem na interface da globalização e da individualidade em Rondonópolis – MT. **VII Encontro Regional de Geografia – EREGEO. Anais...** Quirinópolis, UEG, 2001b. pp. 121 – 130.

_____. Percepção da paisagem em Rondonópolis – MT sob o prisma da globalização e da individualidade. **XIII Encontro Nacional de Geógrafos. Anais...**, João Pessoa, 2002a (Cd-rom.).

_____. Paisagens do Cerrado: percebendo e conservando a vida que nasce das cinzas. **OLAM – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro: ALEPH Engenharia e Consultoria Ambiental, Ano II, Vol. 2, n. 2, nov. 2002b

_____. Vozes da paisagem. **Jornal A Tribuna**, Rondonópolis, 22 fev. 2003.

TESORO, Luci L. L. M. **Rondonópolis – MT: um entroncamento de mão única – lembranças e experiências dos pioneiros**. São Paulo: LLLMT, 1993.

_____. **Rondonópolis-MT: um perfil histórico**. Rondonópolis: LLLMT, 1999.

TROPMAIR, Helmut. **Biogeografia e meio ambiente**. 5. ed., Rio Claro: Divisa, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

_____. *A Life of Learning*. **American Council of Learned Societies Occasional Paper** No. 4. Disponível em <<http://www.acls.org/op42tuan.htm>>. Acesso: 05 Jul. 2004.

VILÀS, Jordi R. *Analisis e diagnosis*. BOLÓS, Maria de. (org.). **Manual del paisaje: teoria, métodos y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1992, pp. 135-153.

VILHENA-VIALOU, A. & VIALOU, D. *Art rupestre dans des abris-habitats pré-historiques du Mato Grosso, Bresil*. **Ars Praehistorica**. Barcelona: Editorial AUSA, T. VII/VIII, 1988/89, p. 347-355.

WILSON, Edward O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997a.

WILSON, Edward O. **O naturalista**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997b.

WWF – FUNDO MUNDIAL PARA A NATUREZA. **De grão em grão o cerrado perde espaço - impactos do processo de ocupação**. Brasília: WWF/Fundação Pró-Cerrado. 1995.

ANEXO - INSTRUMENTO DE MEDIDA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 CAMPUS DE RIO CLARO
 INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
 DOUTORADO EM GEOGRAFIA

TEMA DA PESQUISA: PERCEÇÃO DA PAISAGEM E IDENTIDADE DO LUGAR EM RONDONÓPOLIS – MT

A – INFORMAÇÕES PESSOAIS:

- SEXO: M F Idade:.....
- GRAU DE ESCOLARIDADE:
- 1° Grau Completo Incompleto
- 2° Grau Completo Incompleto
- 3° Grau Completo Incompleto
- OCUPAÇÃO PRINCIPAL:..... Desempregado
- NATURALIDADE:.....
- RESIDÊNCIA:.....
- TEMPO DE RESIDÊNCIA (em Rondonópolis):.....
- MORADIA Própria Alugada Outro Tipo

B – LUGAR/NÃO-LUGAR

- 1 - O que é Rondonópolis para você?
- 2 - Feche os olhos, o que lembra de Rondonópolis?
- 3 - O que você gosta em Rondonópolis?
- 4 - O que você não gosta em Rondonópolis?
- 5 - Se pudesse decidir, o que melhoraria em Rondonópolis?
- 6 - Se fosse necessário mudar, qual cidade escolheria para morar? Por quê?
- 7 - Gosta do bairro onde mora?
- 8 - E da rua?
- 9 - Qual é seu lugar preferido em Rondonópolis?
- 10 - Qual o lugar mais freqüentado em Rondonópolis? Por quê?
- 11 - Quais são as festas populares de Rondonópolis?
- 12 - Em quais festas você participa?

- 13 - Na sua opinião elas devem permanecer? Por quê?
- 14 - Você conhece o cognome (apelido) de Rondonópolis?
- 15 - O que você usaria como símbolo para identificar Rondonópolis? Por quê?
- 16 - Na sua opinião, a expressão “Capital do Agronegócio” representa Rondonópolis? Por quê?

C – CERRADO

- 1 - Que é Cerrado para você?
- 2 - Na sua opinião, qual é o símbolo que representa o Cerrado? Por quê?
- 3 - Como você descreve o Cerrado de antigamente e o Cerrado de hoje?
- 4 - Qual é a sua lembrança da paisagem do Cerrado?
- 5 - Se pudesse decidir, como cuidaria do Cerrado?
- 6 - Quem deve cuidar do Cerrado? Por quê?
- 7 - Você considera importante a utilização econômica do Cerrado? Por quê?
- 8 - Você concorda que a soja deva substituir o Cerrado? Por quê?
- 9 - Para Rondonópolis, o que é mais importante: soja ou cerrado? Por quê?
- 10 - E para você? Por quê?